unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JOÃO LUCAS SOARES SILVA

DENTRO E FORA DAS QUATRO LINHAS: O ESPAÇO DE LAZER, O FUTEBOL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A AMPLIAÇÃO DO EXERCÍCIO DA CIDADANIA NA CIDADE DE RIO CLARO/SP.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

RIO CLARO

2026

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

João Lucas Soares Silva

Dentro e fora das quatro linhas: o espaço de lazer, o futebol e sua contribuição para a ampliação do exercício da cidadania na cidade de Rio Claro/SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientador(a): Profa. Dra. Dayana Aparecida Marques de Oliveira

Rio Claro
2026

S586d

Silva, João Lucas Soares
Dentro e fora das quatro linhas: : o espaço de lazer, o futebol e sua contribuição para a ampliação do exercício da cidadania na cidade de Rio Claro/SP / João Lucas Soares Silva. -- Rio Claro, 2026
134 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientadora: Dayana Aparecida Marques de Oliveira

1. Geografia Urbana. 2. Cidadania. 3. Identidade. 4. Lazer. 5. Futebol. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

JOÃO LUCAS SOARES SILVA

Dentro e fora das quatro linhas: o espaço de lazer, o futebol e sua contribuição para a ampliação do exercício da cidadania na cidade de Rio Claro/SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia

Comissão Examinadora
Profa. Dra. Dayana Aparecida Marques de Oliveira (Orientadora)
IGCE/UNESP/Rio Claro

Prof. Dr. Fabrício Gallo
IGCE/UNESP/Rio Claro

Prof. Dr. Marcel D’ Alexandria
USP/São Paulo

Conceito: Aprovado

Rio Claro/SP, 18 de Setembro de 2026

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Sem financiamento da CAPES, não teria conseguido realizar a pesquisa, e o fomento foi muito importante para que pudesse me aperfeiçoar tanto enquanto geógrafo e pesquisador.

Essa dissertação de mestrado, bem como todas as etapas da minha vida acadêmica, são realizações um tanto coletivas, com pessoas sempre me ajudando, direta e indiretamente, portanto, a todas pessoas citadas, meus mais profundos agradecimentos. Inicialmente, gostaria de agradecer ao meu pai, Amado dos Reis Silva, e minha mãe, Efigênia Soares da Silva, se hoje existe o João Lucas geógrafo, foi porque um casal dedicou todo o seu suor e atenção em sua educação e desenvolvimento enquanto ser humano e cidadão, amo demais vocês e saibam que cada linha que escrevo tem um pouco do que vocês tanto me ensinaram, cada gentileza tem um pouco de você papai, e cada momento de perseverança tem você, mamãe!

Agradeço também aos meus tios e tias, em especial às minhas tias Ana Lúcia, Ana Francisca, Rosangela e Maria Helena, e ao meu tio Francisco Sávio, que sempre foram gentis e me ajudaram, seja em viagens, suporte e motivação ao longo de todos esses anos, muito obrigado! Também agradeço a todos os meus primos, em especial a minha prima Taina, meu pequeno primo Nathan, minha prima Naiani e meu primo Gabriel, vocês me trouxeram muita leveza nas semanas em que estava escrevendo este trabalho, muito obrigado meus queridos!

Minha eterna gratidão aos membros do Grupo de Estudos Dentro e Fora das Quatro Linhas, que possui como membros Amanda, Leandro, Jonathan, Lucas, Rafael, Rodrigo, Fernando, Caio, João Vitor, Natália, dei a sorte de participar das reuniões na pandemia e isso mudou minha vida acadêmica, e hoje tenho a sorte de ter cada um como amigo e referência, vocês são incríveis! Agradeço também as amizades que construí no departamento e no periódico Estudos Geográficos, obrigado Ana Paula, Karina, Karol, Paloma, Vinícius, dentre outras tantas pessoas que em muito somaram nesses anos de mestrado!

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Dayana Aparecida Marques de Oliveira, por acreditar no meu potencial e me passar muita segurança ao longo da

pesquisa, com muita gentileza e sendo exemplo do que eu quero ser enquanto um geógrafo urbano e professor. Agradeço a banca composta por dois grandes geógrafos, Prof. Dr. Fabrício Gallo e Prof. Dr. Marcel D' Alexandria, os apontamentos realizados na qualificação foram fundamentais para o aprimoramento da dissertação.

Minha gratidão a minha terapeuta Luiza, que foi de grande importância para que eu estivesse com a saúde mental minimamente bem ao longo dos últimos 3 anos, valeu demais Lu! Agradeço também a todas as organizações e times amadores presentes no trabalho via entrevistas, todos foram de suma importância para a relação entre a teoria e a realidade vivida, obrigado a todos pela gentileza e simpatia nas entrevistas!

Agradeço também às tantas amizades que me apoiaram ao longo desses anos, em seus núcleos em Araraquara e na cidade da minha graduação, Uberaba. Portanto, obrigado meus queridos de Araraquara, Mirian, Alice e Victor, e aos meus irmãos de Uberaba, Lucas Wagner, Lorenzo, Pedro, Estevam, Felipe, Luccas, e as minhas queridas da Geo UFTM Ana Laura, Laura e Raíssa. Aos de Araraquara, obrigado por toda palavra de incentivo e pelas risadas proporcionadas, e aos de Uberaba, o agradecimento se mistura com a saudade, logo menos irei visitá-los!

E por último, e de relevância ímpar, gostaria de agradecer a minha companheira Tamara Olivia. Gatinha, obrigado demais por cada incentivo que você me deu ao longo desses anos, por toda ida ao cinema ou aos sebos em dias que eu estava cansado e por me abraçar até em momentos em que você não estava bem, você é incrível, te amo! Meu muito obrigado a todos, espero que continuem ao meu lado nos próximos passos que irei dar nessa vidinha acadêmica, e que São Jorge me e nos proteja!

RESUMO

Prática atuante em todos os quatro cantos do mundo, o futebol é um esporte que no espaço urbano brasileiro, ocupa papel de centralidade, seja econômica, social ou cultural, sendo palco não apenas de partidas, mas também de conflitos, de interesses pelo território e pelo campo onde partidas são praticadas. Tendo isso em vista, o seguinte trabalho busca por analisar de forma crítica as dinâmicas presentes no mundo, no Brasil, e mais especificamente, no município de Rio Claro, interior de São Paulo, observando a espacialidade e busca pelo exercício da cidadania em times, torcidas e campos de futebol presentes sobre o perímetro urbano da cidade. Dividindo-se em três capítulos, que buscam analisar o impacto do futebol em dinâmica internacional, seguida de análise sobre o contexto nacional, estadual, e por fim, no recorte do município escolhido, a pesquisa busca sintetizar o esporte bretão enquanto ferramenta de modernização do espaço urbano e busca por lazer e cidadania pelos habitantes da cidade, seja torcendo, seja jogando.

Palavras-chave: Geografia Urbana, Cidadania, Identidade, Lazer, Futebol.

ABSTRACT

Actively practiced in all four corners of the world, football occupies a central role in Brazilian urban spaces, whether economically, socially, or culturally, being the stage not only for matches but also for conflicts and interests over the territory and the field where matches are played. With this in mind, the following work seeks to critically analyze the dynamics present in the world, in Brazil, and more specifically, in the municipality of Rio Claro, in the interior of São Paulo, observing the spatiality and the pursuit of citizenship in football teams, fan groups, and fields present within the city's urban perimeter. Divided into three chapters, which seek to analyze the impact of football in international dynamics, followed by an analysis of the national and state context, and finally, within the chosen municipality, the research aims to synthesize the sport as a tool for modernizing urban space and for the pursuit of leisure and citizenship by the city's inhabitants, whether cheering or playing.

Keywords: Urban Geography, Citizenship, Identity, Leisure, Football.

RESUMEN

Practicado activamente en todo el mundo, el fútbol ocupa un lugar central en los espacios urbanos brasileños, tanto a nivel económico como social y cultural, siendo escenario no solo de partidos, sino también de conflictos e intereses en torno al territorio y el campo donde se juegan. Con esto en mente, el presente trabajo busca analizar críticamente las dinámicas presentes en el mundo, en Brasil y, más específicamente, en el municipio de Río Claro, en el interior de São Paulo, observando la espacialidad y la búsqueda de ciudadanía en los equipos de fútbol, las aficiones y los campos presentes dentro del perímetro urbano de la ciudad. Dividida en tres capítulos, que buscan analizar el impacto del fútbol en las dinámicas internacionales, seguido de un análisis del contexto nacional y estatal, y finalmente, dentro del municipio elegido, la investigación tiene como objetivo sintetizar el deporte como una herramienta para modernizar el espacio urbano y para la búsqueda de ocio y ciudadanía por parte de los habitantes de la ciudad, ya sea animando o jugando.

Palabras clave: Geografía urbana, Ciudadanía, Identidad, Ocio, Fútbol.

- **QUADROS E TABELAS**

Quadro 1: Questionário semiestruturado por grupos entrevistados 23
Quadro 2 - Entrevistados ao longo do período do primeiro semestre de 2026 25
Quadro 3: Codebook - Padronização de códigos para a transcrição. 26
Quadro 4 – Temas e períodos na história do esporte. 33
Quadro 5: Cronologia de evolução do futebol, dos clubes e da prática do futebol nas cidades suas influências no espaço urbano (1890-2025) 43
Quadro 6: Conjunto de análise da infraestrutura física e técnica dos espaços de esporte recreativo e lazer. 73
Quadro 7: Evolução da estrutura dos estádios no Brasil 79
Quadro 8: Clubes de Rio Claro e seus valores de afiliação 85
Quadro 9: Fases de desenvolvimento do espaço urbano de Rio Claro, SP. 89
Quadro 10: Primeira aparição de times em cada bairro 94
Quadro 11: Respostas à pergunta "Qual a função do time de futebol amador para o bairro?" 100
Quadro 12: Respostas à pergunta "O que mantém a equipe?" 101
Quadro 13: Respostas à pergunta "Qual a importância do time para seus jogadores e frequentadores?" 102
Quadro 14: Respostas à pergunta "O time auxilia no exercício da cidadania, em ações como reivindicar suas necessidades sociais?" 103
Quadro 15: Títulos pertencentes ao Rio Claro Futebol Clube, 2025 110
Quadro 16: Histórico de uso de espaços pelo Rio Claro FC. 111
Quadro 17: Títulos pertencentes ao Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense 113

Tabela 1- Estádios por região brasileira, 2023 80

- **FIGURAS**

Figura 1: Localização de Rio Claro, São Paulo, Brasil 16
Figura 2: Diálogo com alunos de futebol de salão do Projeto Panorama, Rio Claro, SP 27
Figura 3: Gravura chinesa da dinastia Ming, Séc. XV 31
Figura 4: Londres, localização de seus times e concentração de torcedores, 2010 37
Figura 5: Mapa mostra os times que lideram as curtidas em cada um dos municípios do Brasil, 2015 40
Figura 6: Charles Miller 41
Figura 7: Primeiro time do Bangu, 1914 45
Figura 8: Divisão por estado dos 94 clubes fundados diretamente por empresas ferroviárias, em levantamento feito em 2022 pela revista "Super Interessante", 2025. 49
Figura 9: Malha ferroviária de São Paulo e times com origem ligada ao trabalho em ferrovias, 2015 50
Figura 10: Rio Claro Futebol Clube, 1919 52
Figura 11: Clássico Uberabense pela segunda divisão mineira, 2024 54

Figura 12: Gaviões da Fiel e outros torcedores do Corinthians pedindo pela anistia de presos políticos durante a ditadura militar durante partida contra o Santos, em fevereiro de 1979. 59
Figura 13: Torcida Organizada Coligay em 1977 62
Figura 14: Desenho de mini-campo improvisado feito sobre a rua Leopoldo Morandini, Santa Lúcia, SP. 67
Figura 15: Locais considerados como espaços de lazer pelos moradores do bairro Jardim das Nações I, Rio Claro, São Paulo (2026) 69
Figura 16: Partida de campeonato interno de Futsal, Santa Lúcia, São Paulo, Brasil 71
Figura 17: Planta básica de uma quadra multiuso escolar 72
Figura 18: Campo do XV de Julho Futebol Clube, Rio Claro, SP, 2025 75
Figura 19: Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, Rio de Janeiro, RJ, 2025. 77
Figura 20: Pacaembu transformado em Hospital de Campanha durante a pandemia do Covid 19, 2020 82
Figura 21: Clube de Campo de Rio Claro 83
Figura 22: Mapa dos bairros e condomínios do município de Rio Claro, São Paulo, Brasil, 2025 87
Figura 23:Década de criação das equipes de Futebol amador de Rio Claro-SP 93
Figura 24: Ginásio de Esportes Felipe Karam, Rio Claro, São Paulo, Brasil 96
Figura 25: Década de criação das equipes participantes do torneio “Amadorzão 2023”, em Rio Claro-SP 97
Figura 26: Inaugurado o Distrital do Boa Vista 99
Figura 27: Quadra presente na estrutura do Projeto Panorama, Rio Claro, São Paulo Brasil 105
Figura 28: Partida entre Velo Clube e Rio Claro, times da cidade, pelo Campeonato Paulista série A2, 2024. 108
Figura 29: Escudo do Rio Claro Futebol Clube 109
Figura 30: Estádio Municipal Augusto Schmidt Filho 111
Figura 31: Escudo do Velo Clube 112
Figura 32: Estádio Municipal Benito Agnelo Castellano , o Benitão 114
Figura 33: Imagem de divulgação do 3º Passeio Ciclístico João Marcondelli e rota seguida 115
Figura 34: Publicação do perfil oficial da cidade de Rio Claro sobre o jogo entre Velo Clube e Corinthians, 2026 116
Figura 35: Torcida Geral, torcida organizada do Velo Clube, de Rio Claro 117
Figura 36: Sede da Torcida Geral e seus membros antes de excursão para partida do Velo Clube, 2026 119

- **SIGLAS (Em Ordem alfabética)**

ACES Europe: European Capitals and Cities of Sport Federation
CBF: Confederação Brasileira de Futebol
CBC: Confederação Brasileira de Clubes
CEP/CONEP: Comitê de Ética em Pesquisa/ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente
FPF: Federação Paulista de Futebol
TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESCO: Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **14**
METODOLOGIA **19**
1. A dimensão espacial do esporte bretão, sua origem e o cenário brasileiro **28**
- 1.1- A dimensão espacial do futebol 28
- 1.2- Origem do futebol 30
- 1.3- Origem do futebol brasileiro e sua popularização 40
- 1.4- O futebol no interior do Brasil e no estado de São Paulo 51
- 1.5- As práticas coletivas dentro e fora das quatro linhas: a cidadania no futebol 56

2. Futebol e o espaço urbano **63**
- 2.1- A prática do jogo e seus espaços 64
- 2.2- Ruas 66
- 2.3- Quadras 70
- 2.4- Campos de futebol 74
- 2.5- Estádios 77
- 2.6- Clubes e demais organizações sociais 83

3. Rio Claro: o esporte, o futebol e a cidadania **87**
- 3.1- O futebol em Rio Claro/SP 92
- 3.2- O futebol amador e as escolinhas de futebol 95
- 3.3- O futebol profissional 108
  - 3.3.1- Rio Claro Futebol Clube 109
  - 3.3.2- Associação Esportiva Velo Clube Rio Clarense 112

3.4- O(s) torcedor(es) de Rio Claro 117
Considerações finais **122**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **125**

INTRODUÇÃO

O futebol é profundamente enraizado na identidade cultural brasileira (Guterman, 2009), tornando-se um fenômeno social de grande significado, possuindo uma prática diversificada, seja em campos oficiais ou improvisados, desempenha um papel crucial na coesão social coletiva e na formação de laços comunitários (Souza, 2013). O que acontece dentro e fora das quatro linhas em muito se conecta a demandas e reivindicações coletivas por um espaço de lazer, e portanto, de desenvolvimento da cidadania, de um espaço onde o cidadão possa se conectar a comunidade e exercer suas necessidades sociais (Silva, 2025).

Esses campos de futebol, encontrados em bairros urbanos e até mesmo em áreas remotas, são mais do que locais esportivos, representando pontos de encontro que transcendem o jogo em si (Vianna, 2004). Além de promover a inclusão e interação entre pessoas de diferentes origens, esses espaços são fundamentais para o desenvolvimento de valores como respeito mútuo e cooperação, já que ocupa lacunas deixadas pelo estado devido a falta de lazer e infraestrutura em determinadas áreas.

Em cidades pequenas e bairros periféricos de cidades médias e grandes, os campos, improvisados ou não, se transformam em epicentros de atividades comunitárias, onde gerações se reúnem para compartilhar histórias e tradições, tendo em vista que determinados espaços são organizados, ocupados e utilizados por indivíduos que buscam e anseiam pela necessidade social de lazer (Lefebvre, 2001). No Artigo 6º da Constituição Federal de 1988[1], o lazer encontra-se como parte dos direitos sociais essenciais para o exercício da cidadania, junto da educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, previdência social, proteção à maternidade e à infância.

Na mesma Constituição, o Artigo 217[2] exige que o poder público fomente práticas esportivas formais e não formais para a população. O uso do espaço para a prática do futebol, esporte coletivo, auxilia na compreensão de seus praticantes

[1] Constituição Brasileira, Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. Acesso em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >

[2] Artigo 217. Acesso em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647364/artigo-217-da-constituicao-federal-de-1988 >

sobre o que é ser cidadão, em relação à sua identidade, ao seu bairro, e a realidade que o esporte apresenta.

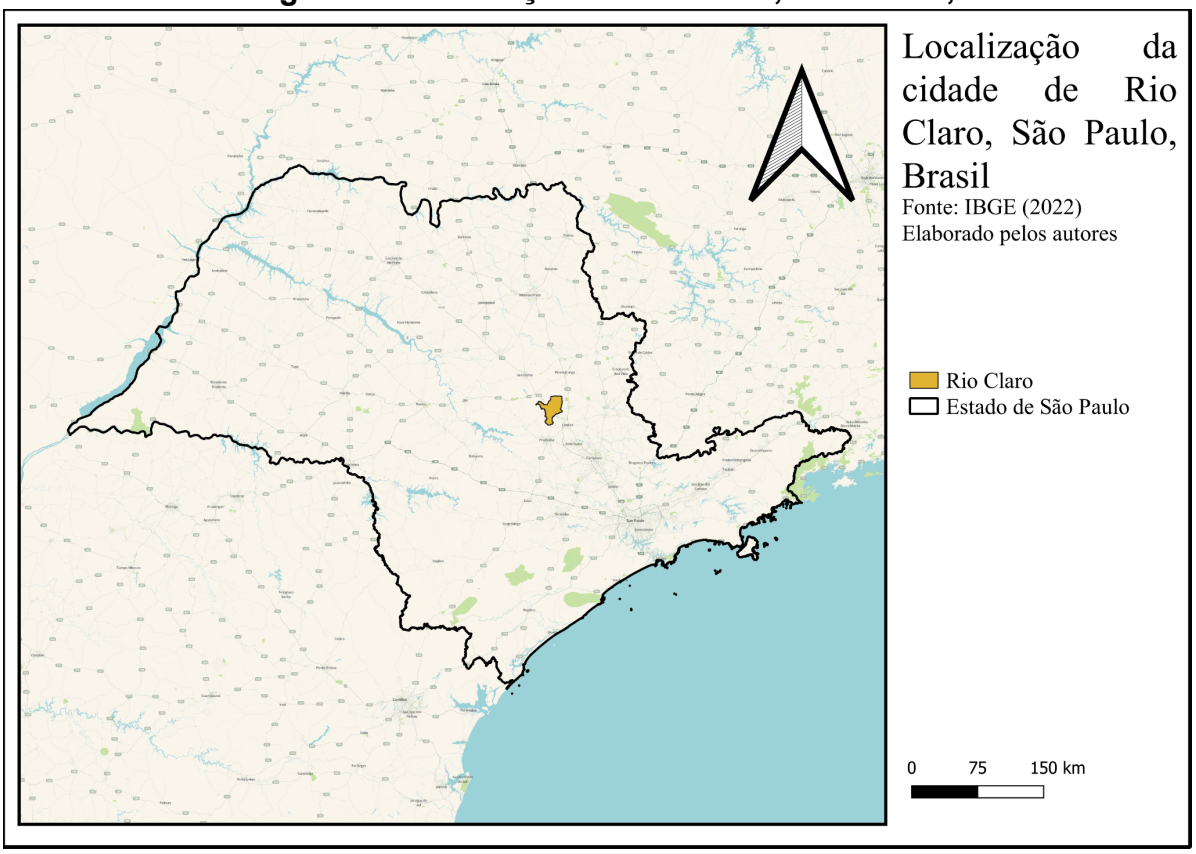
Esse fenômeno ressoa de forma única em muitas cidades no Brasil, onde quadras e campos de futebol são tão comuns na paisagem urbana quanto igrejas e praças (Mascarenhas, 2012), já que a prática do esporte bretão, além de coletiva, se vê como muito democrática. Sendo assim, como trabalhado nas obras de Mascarenhas (2002, 2012, 2015), o futebol pode e deve ser utilizado como ferramenta de compreensão de ocupação, criação de identidades e culturas.

A transformação do esporte em algo ligado ao lazer esvaziado é algo abordado por Mascarenhas (2005), tendo em vista que o autor trabalha a dimensão mercadológica do futebol, na transformação do lazer em consumo, utilizando do termo “mercolazer” para abordar tal problemática no Brasil. Compreender a adesão do futebol aos dizeres do capitalismo é de suma importância para o melhor entendimento dos conflitos no espaço urbano que o futebol ocupa, bem como a valorização das dinâmicas do futebol amador e da ocupação da cidade.

A atual pesquisa, portanto, se torna parte da busca realizada pelo autor de compreender as dinâmicas presentes sobre a cidade analisada por meio das relações existentes entre o futebol e o espaço urbano produzido e reproduzido. Tendo sua primeira pesquisa acerca da cidade de Uberaba e sua relação com o esporte bretão (Silva, Gomes, 2024), o autor busca ampliar a discussão sobre tal dinâmica, observando agora os futebois presentes na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo.

Rio Claro (Figura 1), cidade que é o objeto de estudo nesta pesquisa, possui campos e quadras de futebol que se tornam pólos de identidade local e preservação cultural ao serem utilizados pelos times da cidade, representando não apenas o esporte, mas também um traço do cotidiano rio clarense, com seu lazer e seus conflitos.

Figura 1: Localização de Rio Claro, São Paulo, Brasil



Fonte: Silva, do Ó (2024)

Antiga São João Batista do Rio Claro ou São João Batista do Ribeirão Claro, situa-se como um dos importantes municípios industriais de São Paulo, localizando-se no interior do estado. Possuindo território que abrange uma área de 498,422 km² e sua população, segundo o último levantamento de 2022 do IBGE, 201.418 habitantes[3].

Estão ligadas às proximidades de Rio Claro os municípios de Itirapina, Santa Gertrudes, Corumbataí e Analândia e os distritos de Itaqueri, Ipeúna, Ajapi e Assistência. Seus limites se encontram junto aos municípios de Corumbataí, Araras, Leme, Itirapina, Santa Gertrudes, Piracicaba e São Pedro. Considerada a cidade do esporte pela ACES Europe (entidade ligada ao Parlamento Europeu e UNESCO), Rio Claro possui em seu território diversas modalidades sendo praticadas, variando em possuir apoio financeiro, seja vindo do poder público e/ou do capital privado.

Ainda que não seja entregue o suporte ideal da cidade e do governo do estado a todas as práticas presentes em seu espaço urbano, de bolsas até projetos de inclusão, remuneração de professores e manutenção de locais, a cidade conta

[3] Número de habitantes correspondente ao município.

com prática frequente de ciclismo, artes marciais diversas, tênis de quadra, dentre outros esportes. No caso do futebol, que de forma particular, consegue existir, coexistir em meio a conflitos da cidade e ser um esporte que se divide entre campos bem estruturados e campos improvisados pela própria comunidade, a qual se apropria de espaços para transformá-los como base para a prática esportiva.

Tendo isso em vista, o presente trabalho acaba por buscar aprofundar a compreensão da importância de tais espaços como elementos centrais na tessitura do tecido social brasileiro. Através de uma abordagem multidisciplinar que incorpora perspectivas históricas e geográficas, este estudo pretende analisar como esses espaços moldam a identidade local, promovem a coesão comunitária e contribuem para o enriquecimento cultural.

O trabalho, portanto, tem como objetivo principal compreender a relação entre os campos de futebol em suas mais diversas modalidades em Rio Claro e o território urbano em que eles se localizam, bem como seu papel no lazer dos habitantes das proximidades de cada um. Junto disso, procura-se identificar e discutir como tal prática em muito auxilia no exercício da cidadania, em suas várias escalas, das ocupações em espaços informais até os espaços em que a prática do futebol amador e profissional ocorre, e não se isenta dos conflitos de interesses existentes, dentro e fora das quatro linhas.

Para alcançar os objetivos, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica, tendo como pilares autores como Gilmar Mascarenhas, Henri Lefebvre e Milton Santos, elaboração de mapas, bem como dados levantados junto da realização de entrevistas e idas a campo. Esses procedimentos serão detalhados em capítulo específico sobre a metodologia utilizada.

Além da metodologia, o texto se divide em três capítulos, sendo eles “A dimensão espacial do esporte bretão, sua origem e o cenário brasileiro”, “Futebol e o espaço urbano” e “Rio Claro e o futebol”. Cada um dos capítulos por sua vez, possui subcapítulos que buscam esmiuçar aspectos importantes para que cada temática seja abordada da melhor forma possível.

O primeiro capítulo foca na origem do esporte e as dimensões socioculturais que o mesmo conseguiu alcançar no espaço urbano nos cenários em que o futebol é praticado. O capítulo se foca em observar inicialmente, práticas anteriores ao futebol que levaram a consolidação do que veio a ser o futebol, antes mesmo do cenário e

contexto urbano inglês, encerrando-se ao abordar a chegada do futebol a realidade e cotidiano brasileiro.

O segundo capítulo analisa a relação entre o espaço urbano e o futebol, observando o quanto o jogo consegue penetrar sob as mais diversas classes, sendo jogado da rua até os campos profissionais. A busca por abordar cada espaço ocupado pelo esporte no espaço urbano ao longo do capítulo em questão tem como cerne observar como cada prática, seja ela do praticar nas ruas quanto do torcer em arquibancadas, carrega consigo diferentes formas de exercer não apenas sua identidade, como também sua cidadania.

O terceiro capítulo, por fim, observa o caso da cidade de Rio Claro, e como sua população se utiliza do futebol para exercícios de lazer, cidadania, além do desenvolvimento de uma identidade, apropriação e ocupação do espaço urbano. O último capítulo foca na relação que Rio Claro tem com o esporte, discutindo a auto intitulação como “cidade do esporte”, a fim de compreender as práticas contínuas ligadas ao futebol, tanto no aspecto informal (futebol amador), quanto no futebol profissional.

METODOLOGIA

A presente pesquisa realiza uma análise qualitativa acerca da prática do futebol enquanto equipamento do espaço urbano, que para atingir os objetivos propostos inclui rigorosa revisão bibliográfica, bem como dados levantados junto da realização de entrevistas e idas a campo. O trabalho, portanto, tem como principais pilares os autores Gilmar Mascarenhas, Milton Santos e Henri Lefebvre.

Gilmar Mascarenhas (2002, 2012, 2015) é referência na análise do futebol utilizando-se de análises geográficas, observando população, espaço urbano, economia e cultura desenvolvidas dentro e fora das quatro linhas. Em suas análises, o autor relaciona o futebol com o espaço urbano brasileiro, bem como a construção de imaginários e identidades e o desenvolvimento de uma cultura particular acerca do esporte ao redor do país, que fundamentam e correlacionam a prática do futebol com a identidade nacional do Brasil.

Dentre os trabalhos de Mascarenhas, foram utilizados os artigos “Várzeas, Operários e Futebol: uma outra Geografia” (2002), “O futebol no Brasil: Reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios” (2012) e “Pacificação e exclusão: O estádio de futebol na produção da cidade-espetáculo” (2015). O primeiro artigo (2002) tem como enfoque observar como a prática do futebol de várzea produz uma diferente dinâmica no espaço urbano brasileiro, relacionando relações de trabalho e lazer da classe operária praticante do futebol varzeano. O segundo artigo (2012) aborda o estádio e o campo de futebol como constituintes da paisagem urbana brasileira, e sua inegável presença sobre as mais diversas cidades, sendo elas grandes ou pequenas. O terceiro artigo citado (2015) pensa a modernização e a elitização dos estádios como características comuns na transformação do lazer das massas que gradualmente segue sendo apropriado pelo capital. As reflexões propostas por Mascarenhas norteiam e auxiliam na correlação feita entre o futebol e a geografia brasileira, que inclui aspectos relacionados à ocupação do espaço, à cultura e à financeirização.

Para analisar as dinâmicas socioespaciais presentes no território brasileiro, a principal referência é o geógrafo Milton Santos (1996, 2007, 2004), o qual localiza-se no pensamento crítico do espaço urbano brasileiro, considerando a relação entre o habitante e sua cidade. Ao longo de suas obras, aborda-se de forma ampla as contradições e adversidades que moldam e são parte contínua das dinâmicas

urbanas e socioespaciais brasileiras, fomentando grandes debates acerca da relação “Brasil, brasileiro, seu território e seu espaço de habitar”.

Dentre as obras bibliográficas mais influentes de Milton Santos para esse trabalho, encontram-se “O espaço do cidadão” (2007), “O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos” (2004), “A urbanização brasileira” (2013) e, por fim, “A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção” (1996). O primeiro livro de Santos citado (2007) busca compreender as relações presentes entre o espaço urbano e a sociedade, tendo em vista que, em meio às contradições urbanas presentes no Brasil, a cidade não é produzida de forma democrática. O segundo livro (2004) por sua vez, observa as dinâmicas e relações entre cidades brasileiras e os circuitos econômicos presentes a fim de ressaltar como tal dinâmica afeta o espaço urbano, a qualidade de vida e o trabalho de seus moradores. A terceira obra (2013) traça uma linha evolutiva das cidades brasileiras, bem como o surgimento de metrópoles, relacionando seu crescimento ao crescimento populacional sobre as cidades. O quarto livro (1996) por sua vez, amplia debates acerca da formação e ocupação do espaço geográfico, tendo como enfoque a associação entre a evolução da técnica junto às noções de objeto e ação, compreendendo-os enquanto sistemas. Cada um dos livros citados auxiliou na compreensão de demandas e ações que ocorrem nas cidades brasileiras, podendo não se restringir apenas a análise do objeto de análise principal, mas também o que o cerca.

Por fim, na busca de analisar ainda mais as contradições urbanas observadas nas cidades capitalistas, o filósofo francês Henri Lefebvre (1999, 2001) complementa tal debate, ao refletir sobre as necessidades sociais no espaço urbano e no quanto isso afeta o indivíduo no acesso ao direito à cidade. O autor ainda reflete sobre uma revolução urbana, buscando por um novo modelo de cidade que se contraponha ao à lógica vigente.

Dentre as obras escritas por Henri Lefebvre utilizadas como referência para esta pesquisa destacam-se “A Revolução Urbana” (1999) e “O direito à cidade” (2001). O primeiro livro citado (1999) discute as contradições do sistema capitalista de produção e a necessidade de superação do modelo de cidade proposto pelo capitalismo em função das contradições e desigualdades que apresenta. O segundo livro (2001) aborda a busca pelo direito à cidade, atrelado à satisfação das necessidades sociais, que explora a possibilidade de existência na cidade em seu

sentido filosófico mais amplo. Sendo assim, as leituras do autor foram essenciais para compreender o funcionamento do sistema capitalista e seus impactos na produção e no consumo das cidades.

Em paralelo, buscou-se incluir na metodologia dados e levantamentos estatísticos acerca da cidade e das infraestruturas de futebol e lazer. Este material foi sistematizado em quadros, tabelas e mapas via Sistemas de Informação Geográfica. Foram utilizadas também produções encontradas em revistas, periódicos e levantamentos realizados por pesquisadores e jornalistas, buscando compreender e relacionar o futebol ao espaço urbano brasileiro, tendo em vista que a cidade brasileira e o esporte bretão em muito se relacionam.

Adicionando ao que vem a ser abordado pelos autores citados e os dados levantados e apurados por referências e pelo autor, utiliza-se da cidade de Rio Claro, localizada no interior do estado de São Paulo, para compreender como o esporte bretão influência nas dinâmicas sociais e econômicas do município. Para o estudo da cidade em questão, foi utilizada uma bibliografia que abordasse o contexto urbano do interior paulista, sua modernização e industrialização e por fim, a adesão do esporte como parte componente dos lazeres de Rio Claro.

Dentre as obras destaca-se o livro “Futebol Amador e Varzeano em Rio Claro”, organizado por José Roberto Sotero e Maria Teresa de Arruda Campos (2014) em parceria com o Arquivo Público Histórico de Rio Claro. No livro, os autores, juntamente com outros pesquisadores, compilaram, organizaram e divulgaram artigos científicos sobre o futebol rioclarense, juntamente com a catalogação de times amadores e varzeanos que já jogaram partidas sob o solo da cidade ao longo de sua existência.

Para analisar Rio Claro, também foi necessário realizar uma série de entrevistas com os devidos órgãos responsáveis pela promoção do esporte na cidade, como a secretaria do esporte e o departamento de futebol responsável pela prática do esporte, além de levantamento de dados já existentes, oriundos de jornais, portais de notícias e do arquivo público local. Junto disso, foram entrevistados membros de times amadores, de torcida organizada local, buscando ter diferentes perspectivas para assim melhor compreender cada dinâmica.

Antes da realização das entrevistas, o trabalho foi submetido ao CEP/CONEP, nº de identificação 82335324.2.0000.5411, para que a proposta não apenas fosse melhor lapidada como também autorizada, dando aos participantes da pesquisa todo

o apoio e aparato necessário para que as entrevistas fossem realizadas da forma mais segura e legítima possível. Esse processo segue as orientações presentes na Plataforma Brasil para pesquisas realizadas com seres humanos, conforme constam nas Resoluções.

As entrevistas foram semiestruturadas, baseando-se nos conceitos e métodos abordados por Rocha (2020) e Oliveira do Ó (2025), buscando obter alguma linearidade de perguntas, bem como otimizar e tornar as entrevistas mais congruentes e coesas com a proposta de pesquisa. Rocha (2020) aborda que a semi estruturação de uma entrevista é uma técnica qualitativa utilizada para coletar dados, onde o pesquisador necessita observar crenças, percepções, atitudes e emoções que irão compor sua análise acerca do que foi dito.

Oliveira do Ó (2025) por sua vez utiliza de padronização de perguntas semiestruturadas junto do repertório bibliográfico, tendo nas respostas a solidez teórica necessária para a utilização das falas ao longo do trabalho. Cada grupo escolhido e devidamente representado teve suas entrevistas elaboradas de forma separada, ainda que algumas se tornem minimamente semelhantes, buscando assim a compreensão do que se torna uma unidade entre os grupos e o que os diferencia.

Entre os grupos escolhidos encontram-se a Secretaria Municipal, responsável pela organização do espaço urbano de Rio Claro, membros de times amadores, membros relacionados ao time profissional da cidade, e por fim, torcedores, podendo abranger torcer para o time profissional ou time amador. Todos os entrevistados são homens, devido a falta de mulheres presentes nos recortes escolhidos para a realização da investigação.

O Quadro 1 a seguir apresenta o grupo selecionado e as perguntas semiestruturadas que foram realizadas ao longo das entrevistas.

Quadro 1: Questionário semiestruturado por grupos entrevistados

Grupo	Questões semiestruturadas	Objetivos das questões
Secretaria Municipal	● O que faz Rio Claro ser considerada uma cidade do esporte? ● Qual o papel da secretaria municipal na promoção de atividades físicas? ● Quais os pré-requisitos para o apoio a agentes de esportes públicos? ● Quais são os principais espaços utilizados na cidade para a realização de atividades? ● Qual o papel do futebol na cidade de Rio Claro? ● Há o reconhecimento do espaço de prática do futebol como incentivador da cultura e do lazer na cidade? ● Qual a relação material dos campeonatos e times de futebol (amadores e profissionais) com a prefeitura?	● Compreender que critérios faziam de Rio Claro uma cidade do esporte, para além da prática do futebol ● Compreender a relação entre a gestão da cidade, o esporte, o lazer, e por consequência, o papel do futebol na cidade ● Analisar as influências e políticas públicas da secretaria do esporte de Rio Claro sobre o futebol praticado, seja ele amador ou profissional.
Membro de Time Amador	● Qual a função do time de futebol amador para o bairro? ● O que mantém a equipe? ● Qual a importância do time para seus jogadores e frequentadores? ● O time auxilia no lazer de seus participantes? ● O time auxilia no exercício da cidadania, em ações como reivindicar suas necessidades sociais?	● Compreender que papel o time amador ocupa no bairro e/ou no cotidiano de seus participantes. ● Observar qual a perspectiva dos entrevistados sobre a função exercida por seus times amadores.
Membro de Escolinha de futebol	● Qual a função da escolinha de futebol para o bairro e a cidade? ● Qual a importância da escolinha para seus alunos em seu cotidiano? ● A escolinha auxilia no lazer e educação de seus alunos? ● A escolinha auxilia no exercício da cidadania, noções de coletivo, igualdade dentro e fora de campo?	● Compreender qual a função e importância da escolinha de futebol para o cotidiano para seus alunos ● O papel da escolinha enquanto promotora de uma atividade que incentiva lazer, educação, saúde e exercício da cidadania.
Para torcedores	● Qual a importância do time de futebol para a cidade/bairro? ● Qual o lazer no torcer? ● O torcer te conecta ao espaço (seja do bairro ou da cidade)? ● Qual a afetividade que o torcer te traz ao lugar? ● O torcer é parte do exercício da cidadania no futebol?	● Compreender a importância do ato do torcer para o time para o cotidiano dos torcedores ● Compreender o lazer, o desenvolvimento de afeto e identidade no ato de ocupar as arquibancadas.

Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

As perguntas, bem como os grupos selecionados, foram escolhidos, adaptados e adequados para que assim, passassem pelo crivo do Comitê de Ética (CEP/CONEP), garantindo a segurança do pesquisador e dos entrevistados, junto do importante documento TCLE[4] (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). O termo apresentado ao CEP/CONEP por sua vez, passou por adaptações recorrentes ao longo das devolutivas dadas pela comissão, adequando o que fosse necessário para manter o rigor e a responsabilidade científica.

Cada grupo se encontra como parte inquestionavelmente importante para o desenvolvimento da pesquisa, ressaltando o papel da participação dos entrevistados para a análise ligada à prática do futebol e a produção do espaço urbano em Rio Claro. Os entrevistados, na condição de anonimato, foram escolhidos por suas funções exercidas, tendo como categorias definidoras sua identificação na pesquisa, sua ocupação, o bairro onde foi realizada a entrevista, seu vínculo ao futebol praticado em Rio Claro, seguida da duração da gravação da entrevista. A sistematização dos entrevistados, bem como as categorias que os dividem e diferenciam, pode ser observada ao longo do Quadro 2, como apresentado a seguir.

[4] Documento em anexo

Quadro 2 - Entrevistados ao longo do período do primeiro semestre de 2026

Ordem	Identificação na pesquisa	Ocupação	Bairro onde foi realizada a entrevista	Tipo de vínculo ao futebol de Rio Claro	Duração
E. 1	Homem, 52 anos.	Funcionário da Secretaria do Esporte de Rio Claro	Bairro do Estádio	Membro da Secretaria do Esporte	1 hora
E. 2	Homem, 34 anos.	Funcionário de Unidade de Saúde "USF-Jardim Terra Nova"	Jardim Terra Nova	Membro da gestão e jogador do Revolução S. E.	45 min
E. 3	Homem, 37 anos.	Funcionário público de Rio Claro	Bairro do Estádio	Membro da gestão do Quilombo Futebol Clube	30 min
E. 4	Homem, 43 anos.	Funcionário público de Rio Claro	Bairro do Estádio	Membro da gestão do Pumas Rio Claro	20 min
E. 5	Homem, 56 anos.	Aposentado	Jardim Panorama	Membro da gestão e coordenação do Projeto Panorama	35 min
E. 6	Homem, 30 anos.	Advogado	Bairro do Estádio	Membro da Torcida Geral	37 min

Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Cada um dos entrevistados foi de suma importância para o melhor entendimento de como o futebol rioclarense faz parte da vida na cidade. Para a transcrição das entrevistas, a pesquisa ainda possui em sua metodologia critérios acerca de como devem ser transcritas cada uma das entrevistas, estabelecendo um padrão rigoroso de organização do material gerado. Para anotar e seguir certo critério ao longo da transcrição das entrevistas, foi adotado o padrão utilizado pelo Codebook desenvolvido por Oliveira e Oliveira do Ó (2025), se somando a mais adaptações feitas para o contexto deste trabalho. O Quadro 3 a seguir demonstra como as entrevistas foram transcritas antes de serem incluídas ao longo do trabalho.

Quadro 3: Codebook - Padronização de códigos para a transcrição.

Na gravação	Na transcrição
Elementos inaudíveis	Escrever entre parênteses a informação utilizando itálico. Exemplo: (*segmento de texto inaudível*)
Incerteza sobre o que foi dito	Inclusão da informação entre parênteses e itálico seguida por ponto de interrogação. Exemplo: Eu tinha 20 anos quando fui (*trabalhar*?)
Conversas sobrepostas que dificultam o entendimento	Escrever entre colchetes a informação utilizando itálico. Exemplo: {*segmento incompreensível devido a conversas sobrepostas*}
Conversas sobrepostas	Destacar conversas usando colchetes. Exemplo: {conteúdo}
Sons não-verbais	Incluir entre parênteses. Exemplo: *(sorriu); (bateu na mesa)*.
Interrupção abrupta	Finalizar palavra com travessão. Exemplo: Ent-.
Silêncios ou pausas	Incluir reticências entre parênteses. Exemplo: (...)
Ênfase no discurso	Destacar utilizando sublinhado. Exemplo: <u>Isso não é possível!</u>
Reprodução de falas de terceiros	Incluir em aspas usando itálico Exemplo: Então ele disse: *"É legal ver você aqui"*.
Uso de expressão quando se quer dizer outra coisa	Utiliza aspas. Exemplo: O local se "fornece" para essas atividades, quando a intenção foi dizer que o local está aberto para as atividades.
Assunto ou comentário que não está ligado à pesquisa	Incluir *{trecho omitido: conversa secundária}*

Fonte: Oliveira e Oliveira do Ó (2025) adaptada pelo autor (2026)

Com tal padronização de códigos, além de utilizar um método de transcrição para melhor sintetizar não apenas o que é dito ao longo das entrevistas, mas as intensidades e outros pormenores revelados por meio da gravação. Desta forma, o trabalho não apenas apresenta uma entrevista, como também a situa em um espaço que possui afetos, sons, silêncios, interrupções e pausas.

Foi possível desenvolver, bem como amadurecer o trabalho, a partir da correlação entre o aporte teórico vindo da bibliografia que relaciona o espaço urbano e a prática do esporte bretão, as entrevistas que apresentam a visão empírica dos que fazem parte da dinâmica socioespacial analisada, e os dados que visam

demonstrar alguns aspectos sobre os aspectos indicados ao longo do texto. Buscando a congruência entre os capítulos, a construção deste trabalho incluiu um percurso metodológico que permite com que o resultado seja lido à luz de um conjunto de procedimentos, conforme apresenta-se nos capítulos dessa dissertação.

Como devolutiva para a comunidade, a pesquisa apresenta como impacto a realização de oficinas junto aos participantes do projeto Panorama, apresentando as relações entre a prática do futebol no espaço urbano e a busca pelo exercício da cidadania no Brasil. Em diálogo com crianças entre 7 e 14 anos (Figura 2), o diálogo possibilitou apresentar ao público a relevância da pesquisa, além de demonstrar a importância de Projetos como o presente no Jardim Panorama.

Figura 2: Diálogo com alunos de futebol de salão do Projeto Panorama, Rio Claro, SP



Fonte: Acervo do autor (2026)

Junto disso, o constante diálogo e acompanhamento do cotidiano e contradições junto aos times amadores possibilitou a continuidade de produções que abordam as dinâmicas presentes em Rio Claro. Abordar tais relações de forma contínua auxilia na conexão e extensão entre a produção de conhecimento no meio acadêmico e a comunidade.

1. A dimensão espacial do esporte bretão, sua origem e o cenário brasileiro

O primeiro capítulo tem como cerne abordar a origem do futebol, sua chegada ao território brasileiro, sua popularização, bem como a maneira como o esporte adentra o interior do país. Inicialmente, pensa-se a dimensão espacial do futebol, tendo em vista as múltiplas dimensões e camadas socioculturais presentes, dentro e fora das quatro linhas de uma partida, seja ela informal, como peladas de rua, ou mais organizadas, como partidas de futebol amador ou profissional.

Além disso, será trabalhada a origem do futebol, as similaridades com outros esportes até sua consolidação moderna (praticado pela burguesia e apropriado pelas camadas mais populares da Inglaterra), bem como sua chegada ao Brasil no fim do século XIX e início do século XX. Posteriormente, também será discutida a chegada do esporte no interior paulista. O capítulo se encerra ao abordar as práticas coletivas dentro e fora das quatro linhas, buscando compreender as conexões entre cidadania e futebol, a partir da construção de identidade e do senso comunitário típico do esporte, presente nas arquibancadas, nos arredores do estádio etc.

● 1.1- A dimensão espacial do futebol

Reconhecido como o esporte mais popular do mundo, o futebol continua a cativar admiradores e praticantes desde o século XIX. Sua influência transcende as fronteiras do campo, permeando o imaginário coletivo tanto dentro quanto fora das partidas. O ato de jogar futebol não apenas mobiliza multidões, mas também provoca alterações, sejam elas fixas ou temporárias, no território onde é praticado.

Essas mudanças podem variar desde a construção de estádios e complexos esportivos até adaptações temporárias em espaços urbanos ou rurais para a realização de jogos informais. O futebol, portanto, não é apenas um esporte, mas um fenômeno cultural que molda e é moldado por seus praticantes e torcedores, refletindo a paixão e a dedicação de seus seguidores ao longo dos séculos (GUTERMAN, 2009).

Analisar esse fenômeno a partir dos conhecimentos da Geografia é fundamental para compreender as múltiplas dimensões espaciais, sociais, econômicas e culturais que o esporte permeia. A Geografia, como ciência que

estuda as relações entre a sociedade e o espaço, oferece ferramentas essenciais para compreender como o futebol se insere e transforma o território usado.

Em primeiro lugar, a Geografia permite analisar como o futebol contribui para a organização e transformação do espaço (MASCARENHAS, 2012). Da construção de estádios, campos e complexos esportivos até partidas casuais pelas ruas da cidade, o esporte altera a paisagem e a estrutura habitada, muitas vezes gerando impactos como a gentrificação, o deslocamento de comunidades ou a revitalização de áreas, pode ser observado em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro (Kupper, 2025).

Essas mudanças refletem dinâmicas de poder e interesses econômicos que podem ser melhor compreendidos através de uma análise geográfica. Além disso, a Geografia ajuda a entender como o futebol cria e reforça identidades territoriais. O esporte está profundamente ligado à noção de pertencimento, seja em nível local, regional ou nacional. Torcidas, clubes e seleções representam simbolicamente lugares e comunidades, e a Geografia permite explorar como essas identidades são construídas e mantidas no espaço. Observar tais dimensões é primordial para a melhor compreensão de como o esporte é potente em apresentar e representar culturas e conflitos que transbordam o campo e as arquibancadas, possuindo dinâmicas locais e comuns ao redor do país e do mundo.

Outro aspecto importante é o papel do futebol na economia e no desenvolvimento territorial. Grandes eventos esportivos, como Copas do Mundo, têm impactos significativos na infraestrutura, no turismo e na economia das cidades e países-sede (Maricato, 2014). A geografia econômica pode analisar como esses eventos redistribuem recursos e influenciam o desenvolvimento regional, muitas vezes exacerbando desigualdades ou promovendo crescimento, como ocorrido ao longo do ciclo de construções e reformas feitas para a Copa do Mundo de 2014, e para as Olimpíadas de 2016 (nesse caso, com restrição apenas a cidade do Rio de Janeiro), onde os estádios foram pivôs de grande valorização de suas proximidades em decorrência da especulação imobiliária (Normann, 2020).

Além disso, o acesso ao esporte pode ser limitado por questões de gênero, classe ou etnia, refletindo e reforçando estruturas de exclusão presentes na sociedade (Botelho et. al., 2021). Por fim, a Geografia também permite estudar como o futebol reflete e reproduz desigualdades socioespaciais,observando como ocorre a distribuição de equipamentos esportivos urbanos, como campos e estádios, bem

como o acesso aos lazeres encontrados na cidade, como ocorre com times amadores como o Revolução Sociedade Esportiva, em Rio Claro (promove o acesso ao esporte como forma de lazer por uma parcela da população periférica), e o Projeto Municipal Araraquarense para o Desenvolvimento do Futebol Feminino em parceria com a Ferroviária, time de Araraquara.

- **1.2- Origem do futebol**

A origem do futebol é algo que muito se questiona mundo afora, tendo em vista que a prática de brincadeiras com bola precede o esporte em continentes para além do europeu, onde o esporte acabou se consolidando. Muitas foram as brincadeiras anteriores aos esportes modernos que se consolidaram ao longo dos anos ao redor do globo, registradas e não registradas.

Silva (2014) trabalha a ideia de que os jogos possuem características locais, com elementos ligados intimamente aos seus fatores culturais, como Tsu-Chu (China Imperial), Kemari (Japão), Tlachtli (praticado na América Pré-Colombiana, tanto por Maias quanto por Astecas), Soule (França), Calcio Fiorentino (Itália), Jikyonahati (Brasil) e Folk Football (Inglaterra).

> Diferentes sociedades têm comportadas em suas características culturais as relações com jogos, brinquedos e brincadeiras. Vale destacar que muitas atividades ou mesmo brinquedos são atribuídos a um determinado povo como elementos tradicionais daquela cultura. Contudo, muitos destes jogos não têm uma origem única ou específica. São apropriados por um determinado povo ou são praticados por tanto tempo, cuja origem se perde na memória dos indivíduos que acabam por se tornar um elemento tradicional daquele povo ou cultura (Silva, 2014, p. 58).

Como abordado por Silva (2014) a falta de uma origem específica faz com que os esportes ditos modernos não tenham necessariamente sido criados na Inglaterra. Galeano (2020) em seu livro “Futebol ao Sol e à Sombra” discute a origem do futebol, tendo em vista a existência de registros antes mesmo do início da Revolução Industrial, onde muitos dos esportes modernos nasceram e se consolidaram.

> No futebol, como em quase tudo, os primeiros foram os chineses. Há cinco mil anos, os malabaristas chineses faziam dançar a bola com os pés, e foi na China que tempos depois se organizaram os primeiros jogos. A meta ficava no centro e os jogadores evitavam, sem usar as mãos, que a bola tocasse no chão. De dinastia em dinastia continuou o costume, como se vê em alguns relevos de monumentos anteriores a Cristo, e também em gravuras posteriores, que mostram os chineses da dinastia Ming jogando com uma bola que parece da Adidas (Galeano, 2020, p. 28-29).

A existência de imagens como a gravura chinesa citada por Galeano (Figura 3), que utiliza de uma bola para a prática de jogos, é algo que questiona o início do que viria a ser o futebol, partindo dos jogos e brincadeiras embrionárias para a posterior prática esportiva. Tais jogos e brincadeiras estavam ligados a contextos culturais, a prática de exercícios físicos e atividades de lazer de suas respectivas comunidades.

Figura 3: Gravura chinesa da dinastia Ming, Séc. XV



Fonte: Galeano (2020, p. 29)

A cultura presente no ato de jogar ou participar de uma brincadeira típica de cada localidade, carrega consigo suas condições locais, que tem como resultado a incrementação de regras que potencializam e consolidam o jogar (GAFFNEY, 2014). Sendo assim, observar jogos e brincadeiras possibilita observar também o contexto histórico e as estruturas que permitiram com que uma prática se consolide entre seus praticantes.

Mascarenhas (2014) argumenta que

> A espacialidade e a temporalidade estão em toda parte e em todos os momentos (...). Incluem todas as esferas da vida, mesmo aquelas que aparentemente não as exibam. Não é de se estranhar que o futebol exiba uma espacialidade e temporalidade que hoje se tornam globais, universais. (MASCARENHAS, 2014)

Abordado como um esporte propriamente dito, o futebol nasce em solo britânico, ao fim do século XIX e começo do século XX, inicialmente tendo sua prática restrita à burguesia inglesa. O mesmo aconteceu com outros de mesmo berço, como o rugby, cricket, badminton, golfe e tênis. Esses esportes tinham como pano de fundo ideais que remetem ao “cavalheirismo moderno”, buscando a noção de praticar o jogo sem se deixar influenciar pelas emoções. Esse conceito seria popularmente conhecido como *fair play* (ALMEIDA, MARCHI JÚNIOR, 2015).

O debate ainda permite ser ampliado tendo em vista as variáveis presentes no próprio futebol, tendo o futevôlei, o futebol de salão, o futebol de várzea e o futebol de rua como apropriações e adaptações do “esporte principal” ao longo de sua evolução, não só da prática futebolística, como também dos locais onde são realizadas partidas. Bell (2009), Almeida e Marchi Júnior (2015) buscaram sistematizar a evolução do esporte, indicando as características dos jogos tradicionais, passando pelos passatempos ao culto à celebridade, como pode-se observar no Quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – Temas e períodos na história do esporte.

Temas	Período	Papel e objetivo do esporte
Jogos tradicionais e passatempos	Antes do séc. XIX	Manifestações e habilidades tradicionais, celebrações sazonais, perseguições rurais em vilarejos, cidades ou distritos, feiras rurais e exibições. Os esportes são frequentemente embates violentos, com limitadas semelhanças às atividades dos dias atuais.
Recreação racional	Final do séc. XVIII e séc. XIX	A promoção de corpos saudáveis para higiene e para preparação para o militarismo, o esporte ou a recreação são providos por filantropia por reformistas sociais, praticado para uma proposta mais aceitável, a partir daqui mais racional
Atleticismo	Séc. XIX, período Vitoriano	Desenvolvimento físico e moral, especialmente nas escolas públicas (Eton, Rugby, etc.) e particularmente através dos esportes coletivos; masculino, com objetivos de combate, enfatizam a lealdade, fazem deferência à autoridade, o sacrifício individual e o anti-intelectualismo.
Amadorismo	Séc. XIX a meados do séc. XX (em alguns esportes, ainda existente)	Esporte com causa em si mesmo, praticado por amadores e "cavalheiros", por exemplo, sem recompensa financeira. Distinções surgem quando o profissionalismo inicia no séc. XIX. "Jogadores" são profissionais e têm uma regulação restrita; foram ainda proibidos de competir em algumas modalidades
Cristandade muscular	Meados ao final do séc. XIX	O esporte foi visto para empregar uma influência saudável, distante dos bares ou outros usos não desejáveis do tempo. A influência religiosa foi vista em diversas modalidades e clubes: o cultivo de "corpos sãos e mentes sãs" era a função de todo cristão. Muitos clubes e espaços esportivos eram providos por igrejas
Coisificação	Fins do séc. XX	O consumo passivo do esporte se torna significante e crescente com o papel comercial do esporte e de seus produtos e serviços, com o esporte profissional e internacional, com as influências globais e de organizações, e a migração de jogadores é resultado da difusão global das práticas esportivas.
Celebridade	Fins do séc. XX e início do séc. XXI.	A emergência da celebridade esportiva, personalizada por David Beckham; estrelas do esporte são lançadas através de plataformas ou recursos multimídia, frequentemente não associados à performance esportiva ou onde a personalidade esportiva é veículo para promoção da "marca".

Fonte: Almeida, Marchi Júnior (p. 497, 2015)

Como é possível observar, a evolução do esporte ocorreu em paralelo às diversas mudanças e demandas socioeconômicas diferentes. Da transição presente entre os jogos tradicionais até a consolidação dos atletas como celebridades, o esporte bretão acompanhou, esteve presente e sofreu influências de todo contexto sociopolítico dentro e fora das quatro linhas.

Como abordado ao longo da primeira subdivisão presente no Quadro 4, os jogos ditos tradicionais que originaram o futebol bem como o esporte em sua origem, tinham em sua prática prática um “passatempo”. Outros esportes praticados tinham como objetivo simular combates e situações de conflito. Oliveira (2012) argumenta que

> A prática do futebol não era considerada um esporte entre os séculos XVI e meados do XIX, uma vez que praticar esportes era uma atividade exclusiva da nobreza, que tinha preferência por outras atividades, tais como a prática do arco-flecha e equitação. [...] o futebol era visto como um “passatempo” vulgar pela aristocracia agrária e o clero, que acreditavam que fosse uma atividade desregrada e induzia os camponeses à violência, sendo a causa de muitas mortes por todo o reino. O clero responsabilizou o futebol pelo afastamento dos fiéis das igrejas, uma vez que os homens preferiam jogar futebol a frequentarem as missas dominicais (p. 171, 2012).

Entretanto, a prática contemporânea a partir da revolução industrial fez com que trabalhadores de fábrica, dos portos e não apenas a burguesia ou a classe acadêmica também participassem. Stédile (2013) argumenta que inicialmente o futebol era um esporte de elite, ligado a colégios tradicionais, com partidas cheias de solenidades e disputadas por cavalheiros. Paralelamente, a prática operária buscava o lazer em meio a escassez e vácuo presente de lazeres populares. Neste sentido, cabe destacar que:

> A adesão dos operários ao jogo, na Inglaterra, pode ser explicada pelo vácuo surgido nos lazeres populares, entre 1820 e 1860, com o êxodo para as cidades que extinguira práticas como uma versão primitiva do futebol, o adestramento de cães para atacar ursos e a briga de galo. Ao mesmo tempo, reproduzia em campo, um ambiente que era muito familiar para quem estava na fábrica: a especialização das funções (cada pessoa tem uma função no time como na fábrica), o trabalho coletivo, a disciplina através da fixação das regras e do controle do tempo, além da competitividade e do estabelecimento de metas.
>
> Assim, na década de 1880, o futebol já era o esporte proletário da massa, quase uma religião leiga e nos próximos anos, se testemunharia a fundação de centenas de clubes operários como o Dial Square (depois Arsenal Football Club) formado por operários da Woolwich Arsenal Armament Factory, o Coventry por empregados de uma fábrica de bicicletas, o West Ham dos trabalhadores do estaleiro Thames Ironworks and Shipbuilding Co. Ltd ou o Millwall, dos trabalhadores da fábrica de geleia Morton 's Jam (2013, p. 16).

Tal transição veio a ser responsável pela popularização do futebol, tendo times de fábricas se consolidando nos bairros onde seus primeiros jogadores moravam. Assim, as equipes se tornaram parte não apenas das fábricas, mas também da identidade de determinado espaço.

As mudanças no Quadro 4 em questão são mostradas na transição entre o “Jogos tradicionais e passatempos”, “Recreação racional”, “atleticismo” até o

“amadorismo”. Ao alcançar o amadorismo, que resultou em sua popularização, o futebol começou a desenvolver identidades locais, relacionadas aos bairros, cidades e regiões de origem. Ao pensarmos sobre o conceito de identidade, é necessário compreender a importância do espaço, bem como outros fatores como classe social, gênero e raça. Esses aspectos podem ser associados à população que ocupa determinados clubes, espaços esportivos e organizações socioculturais.

Sousa (2007) conclui que

> Podemos sintetizar que, o conceito de identidade não pode ser entendido sem o contraste/alteridade, ou seja, sem o outro. É outro que fortalece esse jogo de identificação, que é também histórica, dinâmica, complexa e está em constante transformação. Tais observações podem e devem ser visualizadas no ensino de geografia sob o enfoque da identidade territorial.
> [...]
> Nesse sentido, para compreendermos o conceito de identidade territorial temos que levar em consideração a territorialidade (relações sociais), devido a sua apropriação subjetiva, este pode ser considerado de enraizamento, pertencimento e afetividade. A identidade territorial tem uma forte repercussão no espaço geográfico por que ela produz a territorialização e a des-territorialização.
> A identidade territorial é histórica, processual e trans-escalar. É, também, unidade e contradição, simples e complexa, homogeneidade e heterogeneidade, mudança e permanência, continuidade e descontinuidade, entre outras. Ela traz consigo elementos concretos (espaço e matéria) e abstratos (representação e ideia) que nós carregamos, além de rugosidade(s) que deixa(m) traços identitários impressos na paisagem (2007, p. 130-131).

Como concluído por Sousa (2007), o conceito de identidade territorial se baseia no local que mescla contradições e unidades, sendo simples e complexas, homo e heterogêneas. O mesmo autor discute como o espaço não possui uma única forma de ocupação, mas sim formas diversas, carregando consigo elementos concretos e abstratos, bem como condições socioculturais e espaciais que caracterizam o território. Cidades como Londres, epicentros da revolução industrial, tiveram em seu território diversos times ligados aos bairros locais. Zhang (2020) aborda que o início do futebol inglês teve como base cidades industriais, que tinham os clubes e seus times de futebol como o lazer de seus operários durante o fim do século XIX e início do século XX.

Ainda que visto com certo conservadorismo em relação a movimentos operários anarquistas e comunistas, que tratavam o futebol como “ferramentas de manipulação”, como observado ao redor do mundo, inclusive no Brasil, durante o seu regime militar de 1964 a 1985, segundo Nascimento (2024), o futebol era observado como o esporte do proletário de massa, como a religião leiga, produto da

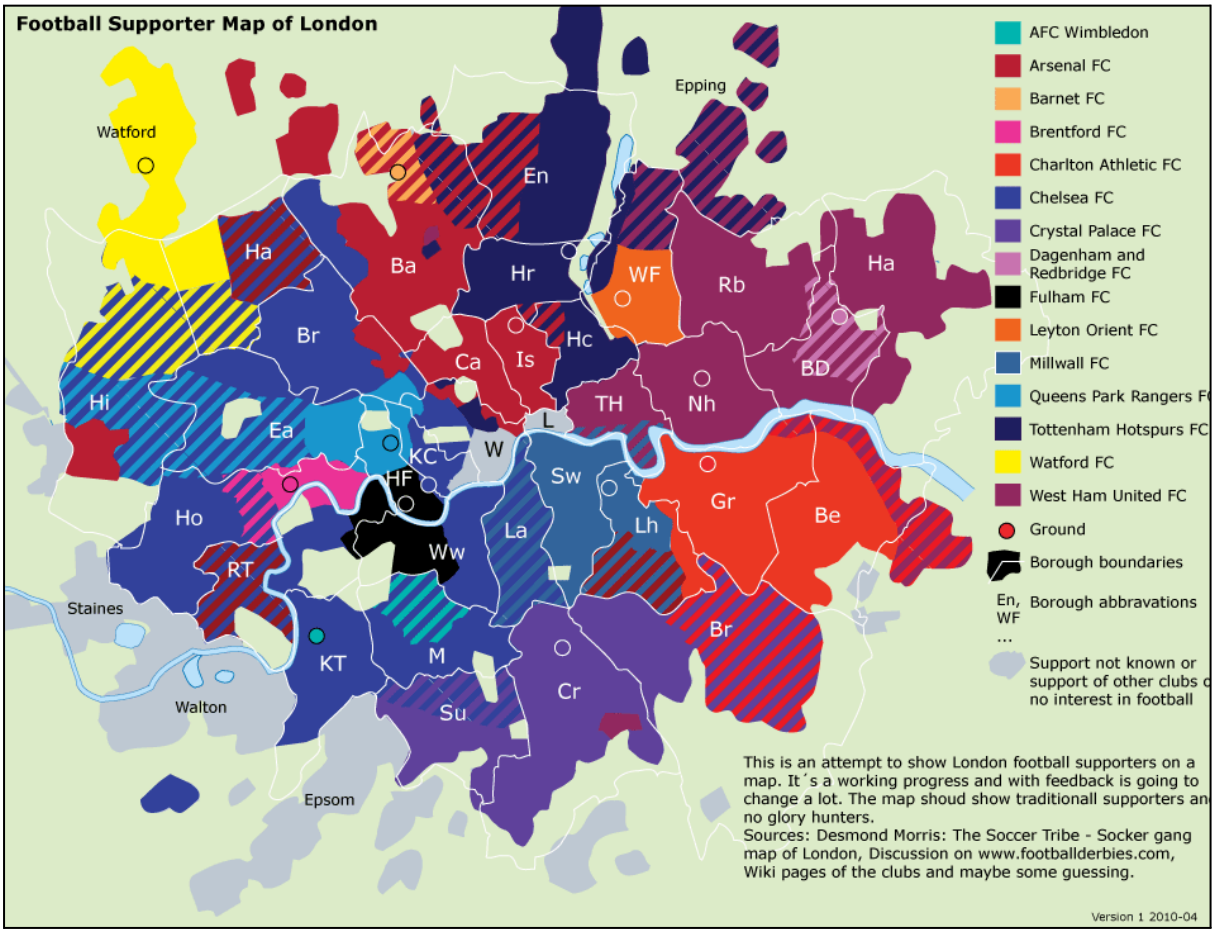
década de 1880. O futebol seguia ideais coletivos e contribuía para a formação de uma auto imagem positiva do operário, algo que era visto com bons olhos por movimentos sindicais (STÉDILE, 2013). Damo (2002) argumenta sobre os benefícios trazidos pelos times de fábrica

> Os clubes de fábrica deixaram importante contribuição para as próprias classes trabalhadoras, demonstrando, através das performances irregulares, que se ganha ou se perde mas se permanece num mesmo lugar. Contribuíram também para a coesão social nos bairros e vilas operárias e na consolidação, no âmbito do pertencimento clubístico, de uma série de valores morais, entre os quais se inclui a noção de fidelidade ao clube pelo qual se torce, especialmente quando esse clube, como no caso dos clubes de fábrica, representava não apenas a patronagem mas, fundamentalmente, proporcionava certa notoriedade ao operariado (Damo, 2002, p. 47-49).

Tendo em vista o que é dito por Damo (2002), a contribuição dada pelos clubes operários (ou de fábrica) para a noção de espaço e de pertencimento é de grande valia, observando que, devido a ausência do Estado como agente de promoção do lazer para camadas populares, times e clubes se organizaram para promover este acesso aos seus moradores. Como demonstrado na figura 3 a seguir, Londres possui sob seu perímetro urbano diversos times de diferentes origens e identidades, muitos ativos e relevantes até os dias de hoje. Situação semelhante é possível observar em times ao redor do mundo e no Brasil, como o Sport Club Corinthians Paulista, sendo parte do lazer da classe operária (DOMINGOS, 2019).

Tal relação entre o trabalho, o bairro e o lazer promovido pelo esporte bretão são fortes componentes na construção da identidade dos times, bem como de suas respectivas torcidas, do norte ao sul de Londres, como apresentado no mapa a seguir (Figura 4).

Figura 4: Londres, localização de seus times e concentração de torcedores, 2010



Fonte: Mapping London (2010)

Com cada time, configura-se como parte da representação física e simbólica de uma cultura e de determinado espaço. Para Souza (2013), naquele momento, a identidade do futebol como um fenômeno cultural se consolidava, e com isso, rivalidades se formavam dentro e fora de campo.

> Iniciativa totalmente ligada ao espaço ocupado por cada time, cada clube viria a representar um bairro de sua cidade, tendo como exemplo clássico a cidade de Londres, onde os times representavam de forma nítida cada um de seus bairros, por exemplo, Arsenal e Tottenham se dividiram entre os trabalhadores da construção de armas e os trabalhadores de origem judaica, West Ham predominava ao oeste da capital inglesa, e o Chelsea dividia com o Fulham o centro da cidade (SANTOS, 2015).
> Aos poucos, os clubes locais ganhavam seus primeiros torcedores, e a burguesia, que antes ocupava o papel de jogador, viu nascer uma nova dinâmica entre os jogadores que tinham no esporte a sua profissão e o espaço em que a partida era realizada. Assim, nascem os primeiros estádios de futebol, representando espaços para o espetáculo do esporte aos fãs de seus respectivos clubes. (Silva, 2024, p. 1-2).

A partir deste contexto, observamos que os clubes apresentam uma forte identificação com parcelas distintas do território, apresentando rivalidades e configurando-se como um reflexo da própria divisão interna da cidade (JUWER, 2011), enriquecendo assim, a bagagem cultural do esporte bretão. A saída do futebol de solo britânico e europeu, por sua vez, ocorreu de maneiras variadas, tendo em sua história tanto origens vinculadas à burguesia quanto a camadas mais populares.

Devido a relevância acadêmica de cidades britânicas como Londres, muitos estudantes de diversas partes do mundo tiveram seu primeiro contato com o futebol e, posteriormente, foram responsáveis por levar o esporte aos seus respectivos países. Contudo, a prática do esporte, já popular em território inglês, conseguiu não se limitar apenas às elites, sendo jogado não apenas pela burguesia, mas também pela classe trabalhadora (CHEIBUB, 2017).

Diferente das colônias inglesas, que aderiram a prática de outros esportes ingleses para além do futebol, como rugby e críquete, o futebol acabou por ter maior adesão em colônias de língua latina (de países colonizados por Espanha e Portugal). Em Moçambique, por exemplo, a adesão do futebol veio a ser vista com maus olhos, tendo na figura da bola um traço de decadência cultural em relação às culturas tradicionais do país (DOMINGOS, 2012).

A chegada do futebol a tais países, ainda que tenha seguido alguma ordem orgânica, seja pelas elites, que aprendiam o futebol em outros países e os levavam a sua terra de origem, seja pelos marinheiros e ferroviários, que faziam a classe operária também ter tal contato, fazendo com que o esporte mesclasse suas regras as culturas e dinâmicas locais. A vinda do futebol para a América do Sul segue o modelo citado, tendo países com prática consolidada. Podemos citar como exemplo o Uruguai, primeiro campeão de uma copa do mundo, a Argentina, tricampeã com diversos craques em sua história, e o Brasil, que carrega consigo a alcunha de “país do futebol”.

Ainda que possua práticas esportivas tão fortes e relevantes quanto o futebol (como no caso do vôlei, ciclismo e arte marciais como um todo), a fácil adesão, misturada a organização coletiva, seja ela em setores da burguesia ou operária, fez com que o ato de jogar popularizasse aos poucos. Sua apropriação por camadas populares ocorreu tendo o futebol como ferramenta em meio aos conflitos sobre o direito ao lazer no espaço urbano (Cheibub, 2017), bem como demais lutas

populares, fazendo com que o esporte crescesse e infiltrasse no território brasileiro via prática operária .

Tal processo de popularização do jogar e do competir fez com que a transição do amadorismo para o profissionalismo ocorresse tendo em vista a possibilidade de arrecadação de capital observada pela burguesia, que antes detinha o “monopólio” da bola de futebol em suas mãos a partir do lucro com a bilheteria de seus estádios ocupados por suas torcidas ou com a venda de seus jogadores.

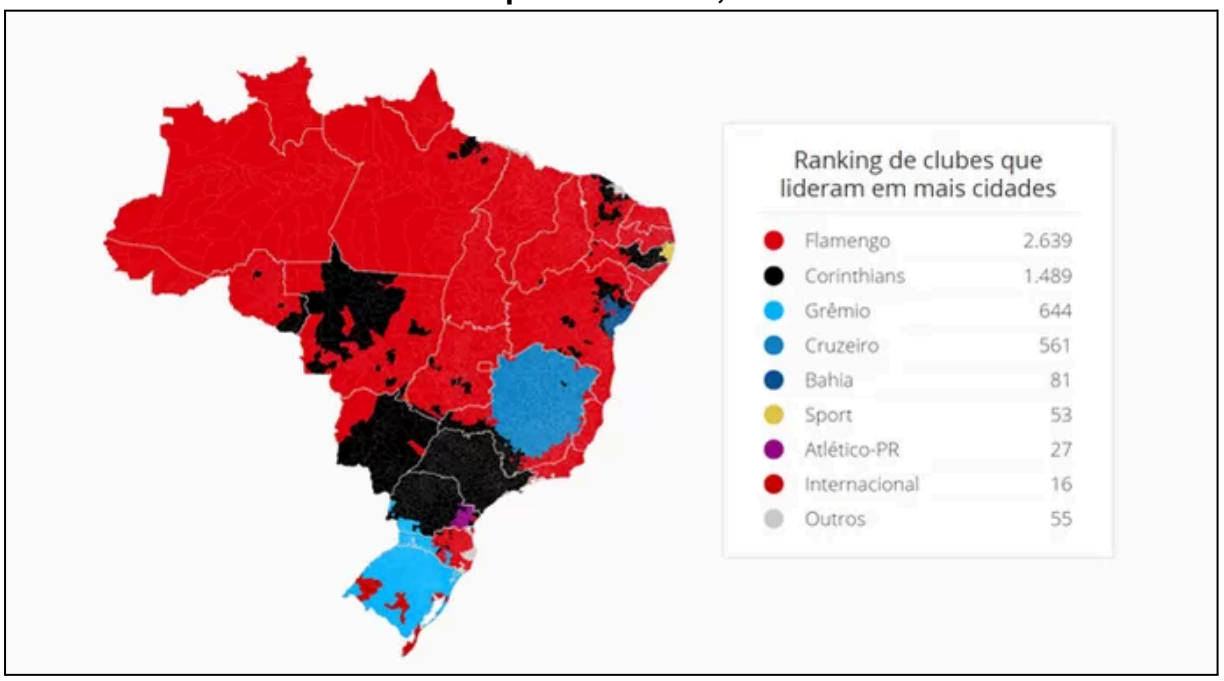
Como dito por Guterman (2009)

> Os muros erguidos em torno do futebol não resistiram à formação das metrópoles brasileiras. Foram demolidos pela massa de trabalhadores que encontrou nesse esporte a essência democrática que lhe era negada em todas as outras áreas. A profissionalização do futebol foi uma consequência óbvia disso – as competições começaram a atrair grande público, e os melhores jogadores passaram a ser disputados e remunerados por clubes cada vez mais interessados em competir para vencer. O futebol deixava de ser dândi e blasé. (2009, p. 10)

O ato de torcer no Brasil se relaciona com os meios de comunicação (Rádio e TV) (SCHETTINI, 2006) e com a identidade que cada time carrega consigo. Times populares, times ligados a imigrantes, além de times locais tornam-se constituintes da paisagem da cidade. É importante ressaltar que tais times, muitas vezes ligados a capitais de estado, ainda dividem espaço no coração de muitos torcedores com times locais. Os times locais, ainda que relevantes, muitas vezes não conseguem competir financeiramente com um país que reside em uma capital como São Paulo, por exemplo.

A partir do levantamento realizado em 2015 pelo Globo Esporte em parceria com o Facebook (apresentado na Figura 5), observamos a potência de setores de telecomunicação no Brasil, fazendo com que times principalmente do eixo Rio-São Paulo se destaquem em regiões que também possuem equipes profissionais relevantes (como é possível observar a influência de Flamengo e Corinthians).

Figura 5: Mapa mostra os times que lideram as curtidas em cada um dos municípios do Brasil, 2015



Fonte: Globo Esporte (2015)

Como apresentado anteriormente, destacam-se times de capitais com importante capital econômico e cultural no Brasil, possuindo como variável times mais competitivos em cenário estadual. Para a melhor compreensão sobre como o esporte bretão se desenvolveu no território brasileiro, é necessário observar sua chegada ao Brasil, junto de sua popularização, como será apresentado no subcapítulo a seguir (Item 1.3).

- **1.3- Origem do futebol brasileiro e sua popularização**

A origem do futebol brasileiro possui diversos lados e várias abordagens possíveis, variando conforme o estado e a classe escolhida de abordagem, tendo em vista a vasta amplitude territorial do Brasil (GUTERMAN, 2009). É preciso ressaltar que cada uma delas é válida, pois a pluralidade de iniciativas é parte importante da popularização do futebol pelo país, tendo em vista as múltiplas classes, etnias e crenças alcançadas pelo esporte.

Registrado historicamente em livros e produções bibliográficas, em 1894 Charles Miller (Figura 6) trazia a São Paulo as primeiras bolas de futebol.

Figura 6: Charles Miller



Fonte: Museu do Futebol (2025)

Miller, bem como outros jovens de sua época, foi o jovem de origem rica a ir estudar em solo britânico, algo que o tornaria um “missionário da bola”, como argumenta Ferreira (2005)

> Naquela época, as escolas inglesas acolhiam os filhos de algumas das famílias mais abastadas do planeta, além dos descendentes dos cidadãos britânicos espalhados pelos quatro cantos do globo, que, após travarem contato com o esporte que despontava, tiveram papel fundamental na difusão do futebol nos seus países de origem,funcionando como verdadeiros "missionários da bola" (2005)

Ainda que muito se questione sobre a origem ligada a Miller seja um traço da busca por protagonismo advinda da elite de São Paulo sobre o sucesso de um esporte que viria ser parte da cultura popular brasileira (STREAPCO, RÚBIO, 2009), é importante ressaltar sua importância para o desenvolvimento do futebol.

Junto de suas regras, Miller fazia parte dos responsáveis por iniciar as práticas do esporte pela elite paulistana e posteriormente a fundar a Liga Paulista de Futebol (Futura FPF) no fim do século XIX e início do século XX, sendo um dos pontapés essenciais na consolidação do esporte em território brasileiro (Guterman, 2009). Assim, com o passar dos anos, muitos times surgiram a partir de novos clubes ou de clubes já existentes. Alguns desses clubes tinham foco em outros esportes, como o remo.

Cidades como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo obtiveram momentos semelhantes da consolidação do esporte, ao mesmo tempo em que carregavam consigo diferentes agentes, sendo eles operários ou parte da burguesia local. Esses agentes eram movidos pelo interesse pela bola, tanto pelo ato de jogar como também na gestão de clubes e/ou times. O desenvolvimento dos times, juntamente com o desenvolvimento do espaço urbano brasileiro, apresentava características consideradas novas, tendo em vista que se industrializava a cidade ao mesmo tempo que constituía lazeres ligados ao novo modelo de cidade.

Capital Mineira, Belo Horizonte é vista como externa às dinâmicas do eixo Rio-São Paulo no que diz respeito à relevância futebolística, ainda que possua grande relevância no cenário nacional. Ribeiro (2018) observa que o esporte teve como principal espaço de sodificação da prática as agremiações fundadas por trabalhadores imigrantes portugueses e italianos, como o *Società Sportiva Palestra Italia* (futuro Cruzeiro).

Enquanto isso, sobre o caso do futebol carioca, Azevedo (2018) argumenta que a consolidação do futebol no Rio de Janeiro foi facilmente incluída no cotidiano urbano, tendo em vista a adesão ocorrida nas ruas, tornando-se uma costumeira brincadeira. Além disso, o autor observa o futebol como parte da inserção do negro a sociedade após o fim da escravidão, sendo peça fundamental na profissionalização do esporte.

Já observando a capital paulista, Streapco e Rúbio (2009) destacam que o futebol da cidade, marcado pela presença de origens vinculadas a elite e a classe operária, teve grande influência sobre seu território. Os autores destacam que enquanto a elite de São Paulo buscava similaridades com o jogo praticado na Inglaterra, grande parte do povo comum transformava espaços e terrenos vazios em campos para a prática esportiva.

O quadro 5 a seguir apresenta a evolução dos clubes em território brasileiro, ressaltando a adesão do esporte bretão. O quadro foi organizado a fim de indicar as conexões entre as duas colunas e os aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais.

Quadro 5: Cronologia de evolução do futebol, dos clubes e da prática do futebol nas cidades suas influências no espaço urbano (1890-2025)

Período	Cronologia de evolução do futebol, dos clubes e da prática do futebol nas cidades	Evolução do espaço urbano
1890-1910	● Chegada do futebol ao Brasil (Via Charles Miller, estudantes e trabalhadores) (GUTERMAN, 2009) ● Clubes de outras práticas esportivas (remo, ciclismo, etc.) iniciam a prática do futebol) ● Trabalhadores dos mais diversos setores (Portuário, ferroviário, operário industrial) iniciam a prática do futebol, inicialmente restrito à burguesia local. (GUTERMAN, 2009)	● Avanço do processo de urbanização indo de 5,9% para 9,4% no período de 28 anos (1872-1900) (SANTOS, 2013). ● Destaque para os pólos de desenvolvimento nas capitais de estado, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro.
1910-1930	● Fundação de clubes com o futebol sendo a prática principal (times tanto populares quanto ligados à elite) ● A prática do esporte se adentra junto ao desenvolvimento do país e a ida de trabalhadores ao interior (ferrovias, produção industrial, trabalho agrícola, etc.) ao longo das décadas de 10 e 20 (TONINI, 2020)	● O Brasil alcança em 1920 cerca de 10,7% de seu território sendo urbanizado. (SANTOS, 2013) ● No fim da década de 1920 a urbanização sofreu evolução acelerada, ainda que atomizada, reforçada pelos movimentos de capitais mercantis (SANTOS, 2013)
1930-1950	● Primeira transmissão de rádio dedicada a uma partida de futebol, importante ferramenta na popularização do esporte, em 1931, resultado das formas de comunicação e sua infraestrutura (SOARES, 1994) ● Iniciadas as construções para a primeira copa do mundo sediada no Brasil, realizada em 1950, com construções de estádios e adequações de infraestrutura, que em muito somaram a cidades como São Paulo e Rio de Janeiro a ideia de modernidade. ● Popular em território brasileiro, o futebol começa a ser abordado como parte da cidade e do estado brasileiro, tendo em vista o aparecimento de estádios públicos, como o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, foi inaugurado em 27 de abril de 1940 pelo então presidente Getúlio Vargas (ALMEIDA, 2025).	● Crescimento expressivo em relação ao processo de ampliação do espaço urbano, chegando a 31,24% (SANTOS, 2013) ● Crescimento de setores secundários e principalmente, terciários.
1950-	● Realização da Copa do Mundo de	● Santos (2013) define os anos 50

1970	1950 no Brasil ● As gerações de jogadores que conquistam o tricampeonato mundial (1958, 1962, 1970) auxilia na popularização e consolidação do futebol na cultura popular brasileira (ALMEIDA, 2025) ● Elaboração dos primeiros campeonatos em escala nacional. ● Futebol utilizado como parte de investimentos, estratégias de influência e políticas públicas durante ditadura militar, com ampliação do esporte via construção de estádios durante o regime (AGUIAR, 2024)	como "revolução urbana brasileira", devido ao alto crescimento em paralelo ao desenvolvimentismo aplicado às cidades. ● Modernização das cidades crescente, bem como as aglomerações no espaço urbano.
1970-1990	● Consolidação do futebol em sua organização nacional, com a criação do campeonato brasileiro vigente até os dias atuais, ainda que com diferenças na forma de disputa. ● Criação do Clube dos 13[5] amplia a já grande disparidade entre times de grandes capitais com maior poderio econômico e times do interior	● Cidades brasileiras, a partir dos anos 70 começaram a dar indícios de que surgiriam suas primeiras metrópoles, tendo em vista as dinâmicas que já se apresentavam ao longo dos anos 50, de um vínculo entre aglomeração da população e urbanização (SANTOS, 2013).
1990-2025	● Criação e sanção da Lei Pelé (Lei nº 9.615/1998), que altera as dinâmicas do jogador de futebol quanto trabalhador e seus direitos em relação aos clubes. ● Adesão do Padrão Fifa na estruturação de estádios, modernização de gestão e estrutura dos times, tendo como ponto de partida a Copa do Mundo de 2014, seguida dos Jogos Olímpicos do Rio, em 2016 ● Especulação imobiliária e falta do devido suporte à prática amadora e informal dificulta a presença de espaços na rua e em campos de várzea (SANTOS et. al. 2022) ● Ascensão do futebol society, campos de grama sintética privados	● Desmetropolização e crescimento exponencial de cidades médias, tanto em sua estrutura quanto em população, em análise realizada em 1991 (SANTOS, 2013) ● Organização de grandes cidades moldada por padrões externos para atender a eventos internacionais (MARICATO, 2014)

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Como é possível observar, a evolução do futebol no espaço brasileiro se conecta ao seu processo de urbanização, tendo no esporte um lazer em meio aos

[5] Fundado em julho de 1987, o Clube dos 13 foi criado para defender os interesses políticos e comerciais dos 13 principais clubes do Brasil, além de organizar um campeonato nacional rentável e disputado (O Globo, 2011)

exponenciais crescimentos realizados ao longo dos anos demarcados. O crescimento da malha urbana presente no território brasileiro foi acompanhada pela ampliação das demandas de lazer, fazendo com que a prática do esporte bretão ocupasse tal função.

Vale ressaltar que a prática do futebol, ligada inicialmente à burguesia, com o tempo, foi se conectando também com seus trabalhadores, como o Bangu Atlético Clube (Figura 7), fundado em 17 de Abril de 1904.

Figura 7: Primeiro time do Bangu, 1914



Fonte: Ludopédio, 2017

O time da fábrica de tecidos Bangu se diferenciava em relação aos outros times do Rio de Janeiro por possuir jogadores negros, prática incomum à época (CHEIBUB, 2017). Em paralelo, outros times também se diferenciavam pela presença de jogadores negros como no caso do Vasco da Gama, também do Rio de Janeiro, além de Corinthians e Ponte Preta, estes do estado de São Paulo.

Esse momento, demonstrado pelo segundo recorte de tempo no quadro anterior (1910-1930), aponta o quão importante foi a adesão e continuidade do esporte no país, ao se conectar com a classe que seria a mão-de-obra utilizada para

a modernização e industrialização do Brasil. Como apontado por Santos (2013), o período contou com grande avanço na urbanização, ainda que se encontrasse atomizada em meio ao vasto território brasileiro.

A relação entre futebol e o lazer da classe operária impulsionou a popularidade do esporte e alterou as dinâmicas socioespaciais das cidades. Com times e clubes originários de trabalhadores de setores como o industrial, o local ocupado para a realização de partidas se alterava, ganhando a função de um espaço de lazer e convivência entre seus frequentadores.

Com base nisso, Mascarenhas (2002) possui uma visão crítica sobre a popularização do futebol.

> De um modo geral, o processo de introdução e difusão espacial do futebol no Brasil "obedeceu" à heterogeneidade da base territorial: a distribuição e a estrutura do sistema urbano, as conexões com o exterior, o dinamismo de cada cidade e particularmente a geografia do Imperialismo Britânico, que em determinado período imprimiu-se de forma destacada na composição técnica do território brasileiro. Somente num segundo momento, é que as metrópoles nacionais nascentes passaram a atuar como difusoras do futebol. Neste quadro, torna-se difícil precisar uma única ou principal "porta de entrada" do esporte das multidões no Brasil (2002, p. 89).

Como ressaltado por Mascarenhas (2002), ainda que o esporte bretão possua uma história "institucional" ligada a Charles Miller e a prática esportiva ligada à burguesia, cabe ressaltar que há muitas referências às práticas informais, ligadas a outras classes sociais.

Durante o início do século XX, iniciou-se a primeira leva de consolidação do esporte em âmbito nacional, sejam de clubes portuários, clubes de elites locais ou clubes de operários. A presença de jogadores e torcedores com diversidade racial e de classe possibilitou ao futebol ser um meio de integração entre povos na cidade, sendo parte da identidade dos mais diversos grupos.

A diversidade de pessoas de diversas etnias, crenças e ideologias fez do futebol um espaço também carrega consigo a possibilidade de tornar-se um ponto de encontro comum entre o público. Sendo assim, o encontro de diversos grupos, resulta no desenvolvimento de uma cidadania própria do esporte, onde debates e conflitos acerca de classe, gênero e raça podem acontecer, influenciados pelo contexto externo à prática do futebol.

Segundo levantamento realizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em conjunto com o Observatório de Discriminação Racial do Futebol no ano

de 2023, observou-se que 56,10% dos praticantes se autodeclara branco, seguida de 41,14% se autodeclaram negros, 2,36% se autodeclaram indígenas e 0,39%, asiáticos. Tendo como exemplo o futebol da capital paulista, observa-se que os times têm como suas características a origem de seus fundadores, como é o caso de times como o Palmeiras (Palestra Itália) e Portuguesa, que representavam os torcedores que descendem de italianos e portugueses; da mesma forma, times como o Corinthians carregam consigo a fama de ser o time de povo, de todos, por abraçar do imigrante turco até o migrante nordestino (Streapco, Rúbio, 2009).

No início do século XX, com a prática futebolística já sendo considerada a mais popular em território brasileiro, o esporte bretão fez parte do processo de modernização urbana de muitas cidades, como é o exemplo de São Paulo. João Streapco e Kátia Rúbio (2009, p. 15-16) argumentam que

> Embora não fosse a prática esportiva predileta dos britânicos, tão pouco fosse a prática esportiva pioneira entre os grupos elitistas da cidade, dentro daquelas práticas culturais "modernizadoras" introduzidas em São Paulo no final do século XIX, o futebol era a que permitia mais facilmente a fusão com estes elementos culturais tradicionais conhecidos por quase 1/3 da população da cidade, no início do século XX.
> Assim, num período de tempo que vai de 1895 a 1920, os espaços públicos como terrenos, largos, ruas e várzeas dos rios foram se transformando em espaços para que a população pobre da cidade pudesse jogar futebol, ainda que de maneira improvisada, da mesma forma que a elite se utilizava das Chácaras, do Velódromo Municipal ou do Parque Antarctica (2009, p. 15-16).

Mascarenhas (2012) aborda que a popularidade do futebol nas cidades brasileiras tem como reflexo as similaridades no espaço urbano, tendo como paralelo a presença de igrejas e campinhos de futebol, algo que ocorre tanto em cidades do interior (como é o caso de Rio Claro), quanto em capitais (como é o caso de São Paulo).

> Mesmo nas mais remotas regiões, notar-se-á que dois objetos na paisagem caracterizam o essencial de nosso ecúmeno: um pequeno templo católico e um campinho de futebol. Costuma-se dizer que a capela pode eventualmente faltar, pois haverá sempre aquela outra do povoado mais próximo. Mas não o campinho, lugar de animado encontro regular domingueiro, centralidade que comparece como unidade básica referencial na vida de relações. (2012, p. 67)

A ampliação da prática ocorria juntamente com o apoio de empresas, sendo parte da própria evolução do jogo e da relação que o esporte possui com o espaço urbano e com a dinâmica do trabalho. Neste sentido, Caetano (2017, p. 42) relata que

> As empresas aceitavam e incentivavam financeiramente, cedendo inclusive espaço para organização de sede social para melhor observar/gerir as atividades de lazer que o clube organizava. Todo esse incentivo foi bem vindo, pois colocava em evidência o nome da empresa e seus produtos

Tal incentivo fez com que muitos times brasileiros ligados ao setor ferroviário ganhassem destaque, sendo parte importante na difusão do esporte sob território brasileiro, tendo em vista a infiltração do meio de transporte no espaço.

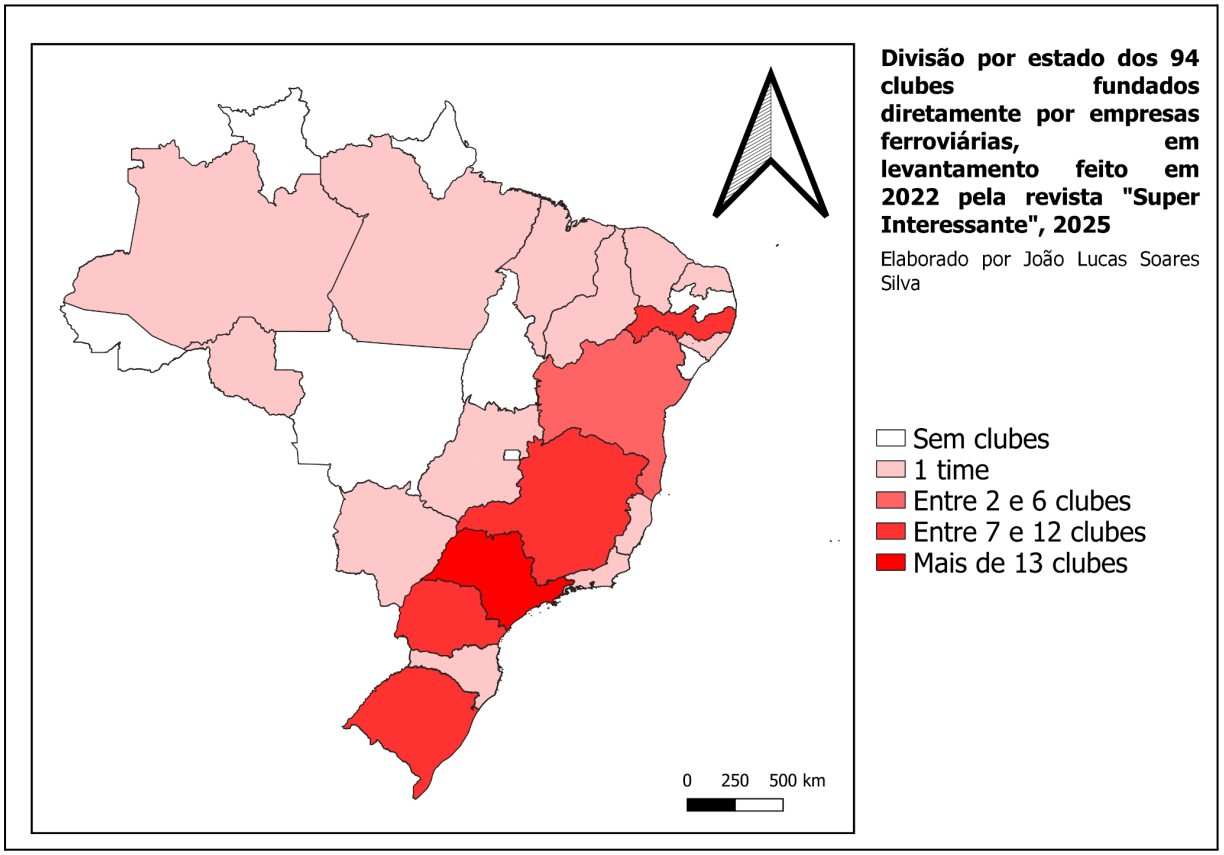
Almeida, Gutierrez e Ferreira (2010) destacam como a cultura do clube (ligada mais ao operário de fábrica que ao camponês) tem grande relação com o processo de popularização do esporte no território nacional.

> Apresentou-se também o futebol como algo praticado pelos operários, e não por camponeses. Aprofundar o estudo desta relação futebol/operários pode vir a ser importante para compreendermos melhor o fenômeno do esporte na sua abrangência macro. Outro ponto que merece destaque é o surgimento dos clubes como cultura industrial, já que não há registro de criação de clubes, neste primeiro momento, pelos latifundiários do café. Os principais clubes têm ligação direta ou indireta com as indústrias e, principalmente, com as ferrovias. Conclui-se a importância da urbanização na disseminação do esporte pelo País. Passado mais de um século da chegada do futebol no Brasil ainda se pode visualizar os principais clubes presentes nos centros urbanos mais industrializados com destaque, principalmente, do Estado de São Paulo no cenário nacional (2010, p. 257).

Como argumentado por Almeida, Gutierrez e Ferreira (2010), a prática do futebol tinha consigo o ar de prática moderna, devido ao seu crescimento estar coligado à industrialização do país. Enquanto um esporte moderno, advindo do fim do século XIX, o futebol carrega consigo uma ideia de modernidade. Essa ideia é discutida por Santos (2007), sendo relacionada à exclusão e desigualdade.

A figura 8 a seguir apresenta um levantamento realizado pela revista “Super Interessante” e mostra a localização e a quantidade de times ligados a empresas ferroviárias em território nacional. Um dos destaques é São Paulo, que carrega consigo grande parte dos clubes com origem vinculada ao trabalho ferroviário.

Figura 8: Divisão por estado dos 94 clubes fundados diretamente por empresas ferroviárias, em levantamento feito em 2022 pela revista "Super Interessante", 2025.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Cidades como Araraquara, localizada no Noroeste paulista, tem como principal time a Associação Ferroviária de Esportes, fundada em 1950 com base na organização de funcionários das Estradas de Ferro Araraquara. A dinâmica de Araraquara se assemelha ao de outras cidades, como a Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas, time considerado um dos mais antigos do estado de São Paulo.

A possibilidade de adentrar os interiores dos estados e propiciar um lazer coletivo de fácil acesso aos funcionários ferroviários fez com que os times ligados às ferrovias fossem populares não apenas no Brasil, mas no mundo. O futebol, junto do transporte ferroviário de produtos, foram componentes comuns de grande importância na modernização de São Paulo, tanto pela perspectiva da industrialização estadual quanto na concepção das cidades.

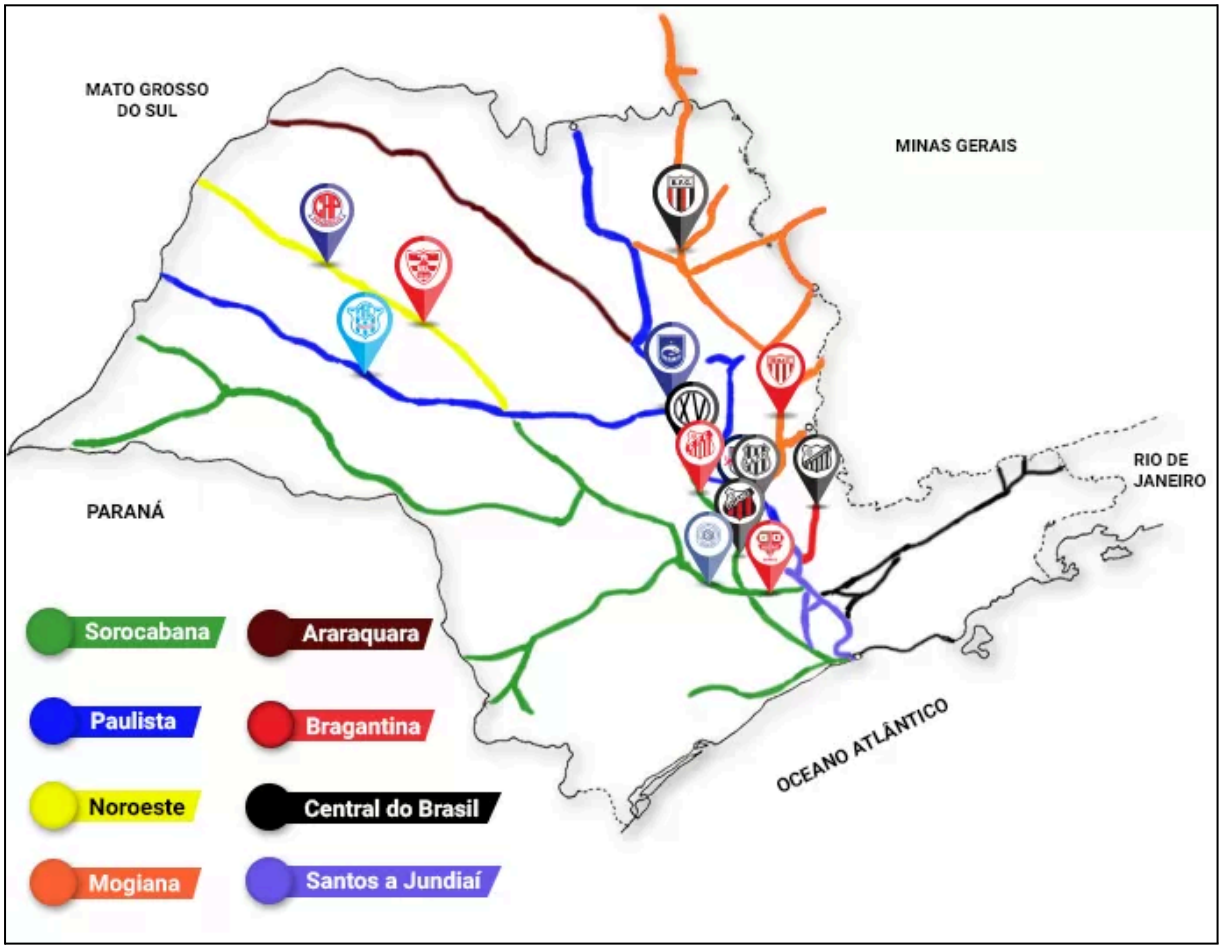
Tonini (2020) argumenta que

> A malha ferroviária de São Paulo possibilitou a ocupação do território, a expansão da fronteira econômica, a formação do mercado interno, e a fundação, modernização e urbanização das cidades do interior do estado. Desta maneira, com o passar do tempo, houve a integração das várias

> regiões entre si e delas com as redes internacionais, tanto do ponto de vista econômico como sócio-cultural.
> Pois, para além de as ferrovias servirem para a circulação de produtos e pessoas, elas foram o meio de ligação dessas diversas culturas regionais com as culturas europeias, ditas metropolitanas, “modernas” e “civilizadas”. Esse encontro entre culturas alterou paulatinamente o modo de viver das pessoas, a maneira de pensar, de se comportar, os seus valores, hábitos, crenças, a sua noção de tempo e espaço, enfim, a vida como um todo (2020, p. 1).

Observando o mapa da malha ferroviária do estado de São Paulo e seus paralelos com times de futebol ligados ao trabalho ferroviário, em levantamento feito pelo Globo Esporte em 2015 (Figura 9), pode-se perceber que o modal de transporte se fazia comum em vários municípios, tendo assim, times de seus funcionários. Times esses organizados como uma alternativa e meio de lazer aos trabalhadores, que posteriormente se consolidaram como clubes em suas respectivas cidades.

Figura 9: Malha ferroviária de São Paulo e times com origem ligada ao trabalho em ferrovias, 2015



Fonte: Globo Esporte (2015)

A relação entre o espaço de trabalho (nesse caso, o transporte ferroviário) e o espaço de lazer (o time de futebol, o clube que o time de futebol representa, o

espaço do torcer e de conviver) se molda, criando uma identidade ligada ao trabalho exercido, à prática do lazer e a convivência de frequentadores e praticantes (SOUSA, 2007).

- **1.4- O futebol no interior do Brasil e no estado de São Paulo**

Antes de tudo, é necessário compreender o que se define como interior e suas características. Santos (1996) define que a divisão do espaço e suas funções exercidas possuem como cerne a divisão do trabalho e a repartição de recursos. Tanto a divisão do trabalho, como a repartição dos recursos regem a organização territorial do país, constituindo o motor da vida social e diferenciação espacial. Santos (2004) ainda busca, por meio de conceitos como o de circuitos superior e inferior da economia urbana, compreender como caracterizar o interior em meio às contradições que o capitalismo traz às cidades de países da periferia global. O autor discute como a influência de uma cidade sobre outra faz com que se criem dependências, nas quais a cidade menor dependa de outra para serviços essenciais.

Em meio a tais condições, o contexto e estrutura urbana do interior se concentra na busca por entregar mecanismos que facilitem o acesso ao trabalho, bem como as demandas que lhes são oferecidas. Dentre tais demandas, encontram-se saúde, transporte, educação e lazer, desta forma, o futebol se apresenta como um lazer que pode mesclar também aspectos vinculados à saúde e a educação de seus praticantes.

Como abordado anteriormente, o futebol expandiu-se de diferentes formas pelo território nacional. A chegada do esporte, vinculada ao trabalho e as transformações espaciais, carrega consigo a expansão de um futebol tão associado à modernidade como os esportes de origem inglesa, como por exemplo os clubes ligados ao setor ferroviário, e a expansão do comércio e do transporte no Brasil. Caso semelhante ocorreu em Rio Claro, onde o Rio Claro Futebol Clube (Figura 10), uma das equipes de futebol mais antigas do estado de São Paulo, foi fundado no dia 9 de maio de 1909.

Figura 10: Rio Claro Futebol Clube, 1919



Fonte: Arquivo Público e Histórico do município de Rio Claro “Oscar de Arruda Penteado”, 2014.

A equipe alviazul, em homenagem às cores de sua respectiva cidade, teve suas origens ligadas ao trabalho férreo, tendo suas partidas realizadas no campo do bairro Cidade Nova, bairro tipicamente ocupado à época por funcionários da ferrovia paulista (PUELHEZ, 2014).

Tendo em vista as semelhanças aplicadas pelos gestores do setor ferroviário, muitas das dinâmicas presentes no território inglês se repetiram no interior paulista (VALDANHA NETTO, SOUZA NETO, HUNGER, 2010). Tonini (2014), em análise sobre a evolução do futebol rioclarense, aborda a função de operário-jogador, dando ao bom jogador um emprego na ferrovia em decorrência de sua habilidade em campo.

> Essa condição do trabalhador (nesse caso, do ferroviário), o qual tinha seu tempo dividido entre o serviço na fábrica e a prática do futebol, é chamada de “operário-jogador” (CALDAS, 1990, p.29). Em muitos casos, à medida que as fábricas foram se dando conta da popularidade que o futebol vinha conquistando ao longo das duas primeiras décadas do século XX, elas mesmas não só bancaram os gastos das agremiações de seus trabalhadores, mas também passaram a contratar parte dos empregados muito mais pela habilidade e técnica que demonstravam nos gramados, do que pela função que exerceriam dentro das suas próprias seções (ANTUNES, 1994, p. 108). As fábricas arranjavam, pois, empregos aos jogadores mais qualificados, visando a que o bom desempenho destes “operários” dentro das quatro linhas propagasse o nome ou seus produtos para toda a comunidade onde estavam inseridas.

> Para a Cia. Paulista, o que estava em jogo perante a sociedade rio-clarense era a valorização do seu nome (2014, p. 384).

Como trabalhado por Tonini (2014) e Puelhez (2014), o modelo apresentado pelo Rio Claro FC e sua relação com o trabalho ferroviário como parte da transformação junto à prática do futebol como lazer de sua classe operária demonstra o importante papel exercido pelo esporte bretão na produção e no consumo do espaço urbano brasileiro. Dos Anjos (2004) argumenta, tendo como base o município de Campinas, que a introdução do futebol no interior carrega consigo não apenas o interesse no lazer comum, mas também os interesses políticos locais.

> A introdução do futebol em Campinas pode ser identificada por três caminhos: o primeiro, o das ferrovias e seus funcionários estrangeiros e brasileiros; o segundo, nos estabelecimentos de ensino (colégios); e o terceiro com a influência das colônias de imigrantes europeus, destacando-se os alemães. A fundação da Ponte Preta, em 11 de agosto de 1900, deu-se em homenagem ao nascimento da ferrovia; a ponte preta dá nome ao bairro e o clube recebeu esse nome, com formação operária e de trabalhadores, não restringindo a participação étnica.
> [...]
> Para Santos Neto (2000), a formação da Ponte Preta se fez como que houvesse uma comunidade de sentimentos mútuos, existindo uma ligação perpétua. Isso fez com que o clube representasse um gosto popular, em que faces populares nitidamente podem ser identificadas nos enredamentos sociais. É desse encontro contínuo negociado entre o geral e o particular que se manifesta uma das características mais marcantes na vida urbana. Quanto maior e abrangente uma instituição que favorece contatos, trocas de influências e interesses, entrecortados por faces culturais, as singularidades dessas trocas sociais ampliam os horizontes para o fortalecimento das realizações das experiências humanas e, como vimos, as relações mútuas nos espaços do futebol favoreceram essas possibilidades (2004, p. 71-72).

A busca por trocas de influências sobre o comando de clubes de futebol no interior faz com que o futebol seja um elemento político e social na mudança do espaço urbano, ainda que em proporções diferentes no que diz respeito a times de massa localizados em capitais e times do interior. Höfig e Bragueto (2013) argumentam que o esporte bretão consegue ser não apenas um elemento social que altera o espaço seguindo interesses públicos e privados, ao mesmo tempo em que expressão a territorialidade dos grupos envolvidos no esporte, servindo, muitas vezes, como forma de apropriação da cidade e, consequentemente, incluindo-se no debate sobre o direito à cidade.

Sendo assim, os times de interior, como é trabalhado por Dos Anjos (2004) possuem em sua consolidação a fundação de times populares, que abarcam maior diversidade de torcedores, e times vinculados às elites locais. Temos como exemplo,

em Uberaba, localizada no interior de Minas Gerais. A cidade possui dois times, o Uberaba Sport Club e o Nacional Futebol Clube (Figura 11).

Figura 11: Clássico Uberabense pela segunda divisão mineira, 2024



Fonte: G1 (2024)

O time colorado (Uberaba SC), é ligado a elite uberabense, tendo como seus fundadores alunos maristas, que tiveram seu primeiro contato com o futebol ao saírem do país e, posteriormente, foram responsáveis por trazer a prática esportiva à cidade, fundando o time em 1917. Já o Nacional, fundado em 1944, nasce do êxito do time em campeonatos amadores do triângulo mineiro (SILVA, GOMES, 2024).

A influência dos dirigentes e fundadores do Uberaba Sport Club, responsáveis pela estruturação do futebol uberabense, resultou até mesmo na construção do Estádio Municipal Engenheiro João Guido, o popularmente chamado de “Uberabão”, sendo uma mostra de poderio em relação às cidades interioranas. O exemplo mineiro citado reflete a realidade do interior brasileiro, onde há oscilação entre as origens populares com as equipes ligadas às elites locais, bem como a apropriação de times populares por interesses econômicos e políticos.

No interior do estado de São Paulo, assim como na capital, a difusão do esporte se relaciona com a modernização dos municípios paulistas. Em levantamento realizado pela Federação Paulista de Futebol junto a ESPN em 2000 e

2001 para desenvolvimento do Almanaque do Futebol Paulista (NETO,KUSSAREV JR, 2001), muitas são as cidades que possuem times fundados concomitante à fundação das respectivas cidades.

No campeonato estadual observamos que as cidades com maior potencial econômico são as que melhor conseguem se manter na primeira divisão concorrendo com os times da capital paulista e o Santos Futebol Clube. Cidades como Ribeirão Preto e Araraquara possuem times consolidados, sendo hegemônicos sobre suas respectivas localidades, além de possuírem vasta quantidade de times amadores, ativos ou extintos.

A rivalidade entre os times foi consolidada ao longo das competições. Dos Anjos (2004) argumenta que

> A popularidade dos clubes do interior de São Paulo se estende entre a oposição e as rivalidades existentes num mesmo município ou não muito distantes entre si. As cidades do interior de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, já tinham fôlego para constituir e suportar duas equipes e o trânsito social garantia inclusive a criação de ligas locais e regionais.
> [...]
> A formação de clubes populares no interior de São Paulo possuiu configurações diferenciadas, devido à relação entre as diversas classes de trabalhadores que se estabeleciam nas pequenas cidades e constituíam em determinados espaços, como praças, igrejas e várzeas, o local próprio para gerar futuros enredos de laços pessoais e de interesse de grupos de trabalhadores. Assim, a fundação de clubes de futebol no interior de São Paulo não só foi motivada pelo ímpeto da organização e encontros dos trabalhadores como pela necessidade da continuidade do relacionamento familiar, pela troca equivalente de relações sociais e pelos aspectos sociais que se afloravam na época. Era nas festas e feiras agrícolas, no hipódromo e nos cafés que se encontravam a burguesia do interior e a classe popular, na várzea, nos campos de futebol. (2004, p. 62-64)

Como trabalhado por Dos Anjos (2004), a função social exercida pelo esporte em meio ao lazer, sendo comum entre a burguesia interiorana e a classe popular, fez com que o futebol exercesse o intermédio da relação entre classes sociais, bem como a relação entre cidades menores que outras. A ampliação dessa manifestação em cidades do interior contribui para o desenvolvimento de uma cultura em cada espaço, a qual é diferente da que pode ser encontrada na capital paulista.

Desta forma, é possível analisar o futebol em sua escala local, identificando a forma como suas relações entre time, jogadores e torcedores, sejam profissionais ou amadores, se desenvolve no espaço urbano. Isso porque no espaço urbano o futebol surge como uma das formas de exercício da cidadania, envolvendo do torcer ao jogar o esporte bretão.

- **1.5- As práticas coletivas dentro e fora das quatro linhas: a cidadania no futebol**

Tendo em vista a popularidade já abordada do futebol no espaço brasileiro, seja ele urbano ou até mesmo rural, e sua prática sendo ligada à estrutura das cidades brasileiras, busca-se compreender a cidadania que se desenvolve no Brasil via prática futebolística. Para compreender como elas se entrelaçam, cabe a compreensão, primeiramente, do que é cidadania.

O conceito de cidadania se define pelo acesso do indivíduo aos seus direitos civis, sociais e políticos sobre seu cotidiano, bem como no quanto o Estado e as instituições públicas que dele fazem parte estão envolvidas em tal processo. Segundo a Constituição Brasileira de 1988, o cidadão possui como direitos o acesso à educação, saúde, segurança e dignidade (Artigos I, II, III e IV), compreendendo a formação do cidadão como parte do desenvolvimento do país.

Sob a perspectiva geográfica, em busca de compreender como definir a cidadania em meio às contradições presentes no espaço brasileiro, Santos (1996) define que

> Ser cidadão [...] é ser dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o estado, mas afrontar o estado. O indivíduo completo é aquele que tem a capacidade de entender o mundo, a sua situação no mundo e que, se ainda não é cidadão, sabe o que poderiam ser os seus direitos (1996, p.133).

Santos (1996) ao definir o cidadão como aquele que possui a capacidade de entender o mundo, pensa no indivíduo como um agente crítico na sociedade e no espaço que habitada. Ainda assim, Santos (2007) também questiona como a estrutura urbana e civil do Brasil de fato, tem a capacidade de formar cidadãos

> Cabem, pelo menos, duas perguntas em um país onde a figura do cidadão é tão esquecida. Quantos habitantes, no Brasil, são cidadãos? Quantos nem sequer sabem que não o são? O simples nascer investe o indivíduo de uma soma inalienável de direitos, apenas pelo fato de ingressar na sociedade humana. Viver, tornar-se um ser no mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual um portador de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, a chuva, as intempéries; direito ao trabalho, à justiça, à liberdade e a uma existência digna (2007, p. 19).

Em meio ao contexto brasileiro, a popularização da prática futebolística dá aos seus jogadores noções coletivas, bem como respeito a regras e diferenças com jogadores do mesmo time e do time adversário. Em meio a ausência de políticas

públicas em relação ao lazer popular refletida no espaço urbano brasileiro, a prática de partidas ganha força e identidade, bem como lutas a serem feitas buscando reivindicar a existência de um lazer e a legitimidade do esporte praticado sobre o território. A prática do futebol de várzea (nome popular dado a prática amadora) carrega tais características, tendo em vista que, como abordado por Seabra (2003), o futebol e seus espaços proporcionam não apenas o jogo, como também um lugar onde a convivência entre moradores acontece. Unindo-se à facilidade ao jogar, independente das condições do espaço, o futebol se torna um pivô de exercício do lazer e da cidadania, como argumenta Vianna (2004)

> O processo de construção da cidadania através do futebol se constrói pelo reconhecimento e o respeito regras, normas, as diferenças individuais, pelo combate aos preconceitos, às discriminações (econômica, política, sexual, cultural... etc.), pela participação do processo grupal, pela ampliação da consciência em relação aos direitos e deveres e pela confiança no potencial de transformação de cada um (2004, p. 5).

Parte componente da cidadania, o esporte bretão consegue também exercer funções como a do lazer e o trabalho com a saúde coletiva, tendo em vista que o jogo exige mais de uma pessoa, além da formação de uma noção de coletividade perante a prática do esporte. Tendo em vista as contradições presentes na cidade capitalista, o futebol não escapa de suas dinâmicas e, no contexto brasileiro, se faz um tanto quanto presente nas disputas e conflitos pelo direito ao lazer, bem como tem a realização de partidas atravessadas por problemáticas trazidas pelo mercado imobiliário e outras disputas sobre o campo ocupado.

Lefebvre (2001) argumenta que parte componente do direito à cidade se dá na necessidade antropológica da troca de energias entre indivíduos na cidade criticando a ausência de tais fatores na cidade capitalista.

> A essas necessidades antropológicas socialmente elaboradas (isto é, ora separadas, ora reunidas, aqui comprimidas e ali hipertrofiadas) acrescentam-se necessidades específicas, que não satisfazem os equipamentos comerciais e culturais que são mais ou menos parcimoniosamente levados em consideração pelos urbanistas. Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas. Através dessas necessidades especificadas vive e sobrevive um desejo fundamental, do qual o jogo, a sexualidade, os atos corporais tais como o esporte, a atividade criadora, a arte e o conhecimento são manifestações particulares e momentos, que superam mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos (2001, p. 105).

Como argumentado, atividades como o esporte são parte comum de necessidades antropológicas socialmente elaboradas, sendo parte da estrutura

presente na cidade. A realização de atividades que criam, geram informação, bem como simbolismos e imaginários por meio de atividades lúdicas se aplicam às partidas de futebol, onde o meio produz as condições socioculturais para que necessidades antropológicas sejam supridas. Neste sentido, Nascimento (2010) pontua que

> O interesse cultural físico talvez seja o expoente maior da relação futebol–lazer, visto que um sem número de brasileiros sejam meninos ou meninas, adultos ou crianças, homens ou mulheres, saem de suas casas diariamente para jogarem o futebol, com a intenção deliberada da prática em si, ou seja, o interesse está no jogar. Assim, seja em lugares "técnicos", como sugere Camargo, tais como quadras e campos, ou em lugares "não-técnicos", como a rua, a praia ou terrenos baldios, o brasileiro pratica futebol, e esses lugares tornam-se os palcos para que esse esporte ganhe movimento, ganhe "vida e alma" próprias [...] (2010, p. 27-28).

Como abordado por Nascimento (2010), a variedade de locais propícios à prática do futebol auxilia em sua popularidade, já que por conta do contexto socioeconômico desigual, o jogo se consolida mais por locais ditos "não-técnicos" do que "técnicos"[6]. Tenhamos como exemplo, a prática do futebol de matriz bricolada, ou popularmente conhecida como pelada, que como abordado por Campos (2009) se baseia na ideia do futebol que influencia nas condições físicas e sociais do espaço.

> A matriz bricolada se refere às práticas futebolísticas que admitem grandes variações e adaptações das regras. Por não seguir as normas e regras oficiais do futebol institucionalizado, tem caráter livre e informal, entretanto não incompleto. O futebol bricolado se caracteriza por sua adaptabilidade: do número de jogadores, no campo no qual é praticado, nos materiais utilizados, etc. [...] Conhecido popularmente com o nome de pelada, o futebol bricolado não necessita de muitos recursos para se efetivar. Em geral, a partida é arbitrada pelos próprios jogadores e normalmente não há espectadores. Além disto, há um ethos próprio nas peladas, em que são valorizados os valores masculinos, o que Damo (2007) chama de dramatização de gênero (CAMPOS, 2009, p. 110).

A análise feita por Campos (2009) auxilia no entendimento da popularidade do esporte nas camadas populares, bem como em tratar o futebol como um jogo que dá fácil acesso ao lazer popular. Em levantamento realizado pelo Ministério do Esporte (2015) o futebol se encontra em primeiro lugar como esporte mais praticado no país (59,8%), seguido do vôlei (9,7%) e da natação (4,9%).

[6] Os locais ditos "Não-técnicos", se trata de locais não destinados à prática do futebol, mas apropriados e utilizados, observando sua ocupação enquanto parte do sistema de ações em constante transformação, como abordado por Santos (1996)

Observa-se resquícios de tal variedade de corpos em campeonatos de futebol amadores, que unem trabalhadores das mais variadas funções, buscando o lazer entregue pelo esporte. Aquino (2023) aponta o futebol amador como uma possibilidade de acesso ao lazer e, mais do que isso, como parte constituinte de uma identidade local.

> Dessa maneira, o Futebol Amador como mecanismo da cultura da comunidade e como prática de lazer por aqueles que o praticam e o assistem, de fato pode ter uma relação direta com a perspectiva de lazer definida por Marcellino (2000), no qual o tempo e a atitude são indissociáveis na medida em que o tempo liberado do trabalho, tem conjuntamente,uma associação com uma atividade que promova uma satisfação em está realizando.
> Nesta perspectiva, percebe-se que a prática do Futebol Amador pelos jogadores da equipe, é uma válvula de escape, em que o indivíduo encontra uma forma de exercer o lazer, para o alívio do estresse do cotidiano, sendo de igual modo, uma maneira de se sentir ativo socialmente. Além disso, pode-se relacionar alguns motivos que influenciam na tomada de decisão em praticar o Futebol Amador, nos quais destacam-se: a socialização, manutenção da saúde física e psicológica e a busca da ocupação do tempo livre (2023, p. 199).

Além da variedade de práticas já citadas, o futebol proporciona o torcer (Figura 12). O torcer tem como função dar voz a quem ocupa a arquibancada, não apenas para manifestar apoio à equipe em campo, como também para reivindicar mudanças e protestar sobre fatores cotidianos presentes na sociedade.

Figura 12: Gaviões da Fiel e outros torcedores do Corinthians pedindo pela anistia de presos políticos durante a ditadura militar durante partida contra o Santos, em fevereiro de 1979.



Fonte: Silva (2025)

O ato de torcer acompanha o time, e é fundamental no processo de consolidação da identidade de um coletivo de torcedores do time, bem como de sua equipe. Para melhor compreender, Camargo (2011) desenvolve a definição de identidade

> Identidade pode ser definida como a composição de aspectos identitários de um indivíduo que, por sua vez, são compostos pelas múltiplas taradas exercidas por ele na sociedade (STRYKER & BURKE, 2000). Enquanto sociedade pode ser considerada um mosaico de relações e interações relativamente duráveis, diferenciadas, porém organizadas, tais relações podem ser incorporadas em ramos de grupos, comunidades e/ou instituições, interseccionando fronteiras de classe, de etnia, de idade, de gênero e etc (STRYKER & BURKE, 2000). Considerando que uma pessoa possui um números e identidades correspondente aos números e círculos sociais aos quais ela se insere, a estrutura social serve como agente a favor ou contra a inserção do indivíduo em redes ou círculos sociais. Ao inserir-se em uma rede social, o indivíduo adquire posições a ocupar, determinada posição traz consigo expectativas, formando o papel social da identidade. Desta forma, identidades podem ser explicadas como expectativas internalizadas de determinados papéis sociais.
> Como estas redes podem ser interdependentes ou contraditórias, podem ocorrer situações onde o indivíduo encontra possibilidade para a manifestação de diferentes identidades. A escolha do comportamento no papel social acontecerá com base numa hierarquia de saliências de identidade. Uma identidade com maior saliência - maior probabilidade de vir à tona - sobrepor-se-á a uma identidade com menor saliência (2011, p. 19-20).

Como desenvolvido por Camargo (2011), o conceito de identidade inclui por aspectos coletivos e individuais que são responsáveis por identificar mosaicos de relações envolvendo vestimenta, músicas, cantos de guerra, ideais e códigos de conduta (FERREIRA et. al., 2014).

Borges (2006), ao levantar a pesquisa realizada por Janet Lever, destaca os tipos de torcedores existentes no território brasileiro. Nela, o autor observa que todos os homens do Brasil pelo menos acompanham o futebol e destaca uma hipótese bastante comum na sociologia e na psicologia do esporte, na qual se atesta que pessoas mais frustradas, com vidas vazias e negligenciadas pelo estado, são as que têm maiores propensões a se tornarem fanáticos torcedores (BORGES, 2006).

Como apresentado anteriormente, o estádio tem em sua arquibancada o local que se torna o espaço que concentra os torcedores coletivamente, com as arquibancadas possuindo conflitos entre torcedores do mesmo time ou adversários, uma vez que representam diferentes grupos e bandeiras. Como abordado por Guimarães (2020)

> Percebemos que as práticas emotivas ao lado de outros aspectos (drogas, preconceito de classes etc.) afloram evidências de outros campos da dinâmica social. No futebol, o amor das torcidas e a emoção à 'flor da pele' levam ao afloramento de violências contidas, o que pode quebrar, mesmo que momentaneamente, o autocontrole conquistado e estabelecido pela civilização como padrão universal de condutas aceitáveis coletivamente. (2020, p. 94)

Como dito por Guimarães (2020), o fator emocional carregado em meio a ocupação e consumo das arquibancadas aflora ainda mais as contradições e problemas presentes na sociedade em que o futebol se situa. Casos de violência, racismo, xenofobia e homofobia, assim como no cotidiano, transbordam em jogos, com manifestações em arquibancadas, sendo punidas pelo estado, pela federação e pelos times.

Além do que é trabalhado por Camargo (2006), o torcedor tem por sua vez um local a ocupar, a arquibancada, onde é possível torcer ou manifestar-se. Tendo em perspectiva que o estádio é ocupado por mandantes e visitantes, o espaço oscila em quem o utiliza ao longo das partidas.

Observa-se, ao longo dos anos, o quanto o ato de torcer, bem como a constante utilização do espaço da arquibancada como um local de manifestação fez o Brasil possuir grande diversidade de torcidas e torcedores, abordando as mais diversas pautas, como os direitos LGBTQIAPN+ ou os direitos de pessoas autistas. A existência de coletivos organizados vinculam o torcer à prática política externa ao futebol.

Como pode-se observar na Figura 13 a seguir, bem como na Figura 12 apresentada anteriormente, a arquibancada se torna o local de vozes que frequentam o seu espaço. A Figura 13 apresenta a Coligay, primeira torcida organizada LGBTQIAPN+ do Brasil, vinculada ao Grêmio de Porto Alegre, criada em 1977.

Figura 13: Torcida Organizada Coligay em 1977



Fonte: Noite de Copa (2024)

Exemplos como o da Coligay, fundada em plena ditadura militar, atesta que, mesmo em espaços e em períodos um tanto quanto machistas e conservadores, o conflito e disputa pela arquibancada ainda se faz existente. A cidadania no torcer, portanto, não se esquiva das contradições presentes na sociedade, apresentando casos de violência e preconceito que reverberam em debates públicos sobre o comportamento de quem frequenta os estádios.

Ainda assim, pelo caráter popular e de acolhimento coletivo dado na ocupação e consumo da arquibancada, o ato de torcer ocupa um espaço tão importante no cotidiano brasileiro quanto o próprio futebol. Direta ou indiretamente, o brasileiro médio ainda se cerca de símbolos e comportamentos vindos da prática torcedora.

2. Futebol e o espaço urbano

Para compreender o futebol enquanto uma atividade social no espaço urbano, é preciso compreender que cada um de seus espaços, destinado ou não para o ato de jogar, possui suas particularidades e características. Do campo precário improvisado em uma cidade pequena até o estádio transformado em arena multiuso presente em uma metrópole, o futebol compõe um, dentre tantas formas de lazer ligados ao modelo de cidade moderna trabalhado ao longo do fim do séc XIX e início do século XX. O caso brasileiro, como será mostrado ao longo do segundo capítulo, possui grande relação com o desenvolvimento e formação socioespacial. Buscando compreender o desenvolvimento do futebol na formação socioespacial brasileira, Almeida (2025) argumenta que

> Um elemento importante a essa análise é trazido por Santos (2006) ao apontar que a Modernidade foi um fator fundamental na expansão do futebol pelas cidades brasileiras, pois a Modernidade introduz valores de pertencimento na sociedade burguesa, dados em um momento em que o conceito de cidadania é difundido enquanto valor universal. Ao autor, parte do sentimento de pertencimento cidadão se dá na participação da vida cotidiana das cidades em um momento em que surge o tempo de lazer (Elias, 1996) (...)
> O contexto da introdução do futebol no Brasil apresenta características de uma sociedade onde os ditares do capitalismo modificam as estruturas urbanas das cidades coloniais (Mattos, 2022). É interessante o ponto do autor, pois enquanto Santos (2006) e Melo (2007) mostram as mudanças no campo das ideias, Mattos nos traz as mudanças no campo das ideias e as novas estruturas urbanas: os bondes, os trens, novas centralidades e os campos de prática esportiva. Essa prática esportiva, em um primeiro momento, esteve circunscrita às classes dominantes nas cidades brasileiras (2025, p. 349-350)

Como argumentado por Almeida (2025), a relação do futebol com a burguesia e sua ideia de modernidade se conectam com os conceitos universais de cidadania. Produzido, reproduzido e consumido de forma desigual, o espaço urbano está sempre em constante disputa, tendo em vista os tantos interesses que percorrem sua ocupação e utilização (SPOSITO, 2024).

A prática do futebol não se esquiva de tais disputas, possuindo diversas variáveis que transcendem e ultrapassam as quatro linhas, tendo como fatores relevantes seus frequentadores, a presença ou ausência de infraestrutura, apoio financeiro do Estado ou do capital privado, além dos conflitos existentes no espaço urbano. Em seu artigo que analisa o futebol pela perspectiva da obra “Espaço do Cidadão”, de Milton Santos, Silva (2025) conclui que

> Com padrões que vão do questionamento do espaço de prática como lazer sob o espaço habitado até o questionamento de dinâmicas sociais perante a questões estruturais como o racismo e o papel e posicionamento do estado, o futebol dá ao brasileiro um vislumbre de um intermediador do acesso à cidadania, que integra e dá identidade, e, portanto, o dá espaço ao questionar e ao viver e conviver coletivamente, dentro e fora de jogo. (2025, p. 14)

Como é dito por Silva (2025), o esporte pode integrar a identidade por sua capacidade de promover interações coletivas, seja jogando e/ou organizando partidas e competições, seja torcendo. Portanto, é necessário observar a prática do jogo de futebol, bem como os espaços ocupados para a realização de suas partidas, sejam elas informais ou não (SILVA; OLIVEIRA, 2025).

Silva e Oliveira (2025) argumentam que

> Sendo assim, o futebol é um interessante meio de compreender o espaço urbano, sua utilização e a importância do planejamento para que exista acesso a tais locais para a prática de lazer e cidadania, tanto para a cidade, quanto para seus moradores. Junto disso, o uso de outros locais como ruas e praças para a prática do esporte sobre o espaço urbano demonstra a importância do espaço público como uma possibilidade de acesso ao lazer comum para as mais diversas práticas, tendo dentre elas o esporte bretão. (2025, p. 1333)

Tendo em vista o argumento utilizado por Silva e Oliveira (2025), junto do trabalho desenvolvido, o seguinte capítulo analisará os espaços utilizados para a prática do jogos, e apresentará diferentes espaços de prática do futebol com suas dinâmicas, dimensões e estruturas distintas, como ruas, quadras, campos de futebol, estádios, além de clubes e demais organizações sociais. Cada recorte é de grande importância para compreender o futebol enquanto lazer, seja em caráter de acesso de camadas mais populares, ou seja como parte de um sistema de consumo, como é o caso dos estádios na atualidade.

- **2.1- A prática do jogo e seus espaços**

Para compreender a prática do jogo no espaço urbano, é necessário fazer um panorama geral acerca do uso de espaços públicos e privados, indicando suas respectivas funções. Como apresentado anteriormente por Almeida (2025), a popularização da prática do futebol se relaciona com a modernidade urbana, apresentando apresenta novas práticas que são atribuídas ao lazer.

Em meio ao processo de urbanização, ocorrem mudanças acerca do conceito cotidiano do que é lazer, como argumenta Teixeira (2018)

> O cotidiano das cidades, principalmente a partir de meados do século XX, foi atravessado pela institucionalização do lazer como um tempo produtivo que penetrou nos hábitos privados, fortaleceu os gostos e modos segundo a norma culta, orientou a atividade física conduziu um modo estético no viver citadino colonizado pela modernidade desenvolvimentista. Logo,o tempo do lazer superou o sentido restrito de descanso reparador de energias e passou a ser representado por um conjunto de possibilidades lúdicas, intelectuais, espirituais, corporais, comerciais e, sobretudo, culturais.Desta forma, o lazer passou a ter lugar na cidade distintamente separado das obrigações do trabalho, porém proposto pelo próprio patronato. O que caracteriza um espaço/tempo para o lazer na cidade organizado por corporações privadas e detentoras do poder econômico.
> Os fatos historiográficos apontados sugerem o lazer institucionalizado na contemporaneidade urbana adicionado de um grande objetivo genérico por meio da ordem do abstrato e do invisível. Por isso, suas imbricações tradicionais com o tempo livre foram ocupadas pelos esportes, pela arte e pela educação sem mudar o fator que sustenta sua ideia principal, a fruição pela livre escolha na ocupação de seu tempo/espaço previamente organizados e programados (2018, p. 432-433).

Tendo em vista o argumento de Teixeira (2018), Gomes (2002) ainda observa que algo banal pode se tornar algo representar algo importante na disputa territorial no espaço. Em seu artigo sobre classes e contradições urbanas no sistema capitalista, Lorena (2012) argumenta que

> Parece-nos ficar muito clara aqui a dimensão conflituosa e de interesses contraditórios que envolvem o espaço urbano, e, em nosso entendimento, esse fato advém das contradições entre os diferentes interesses das classes sociais que compõem o conjunto da sociedade. Por conseguinte, acreditamos que essa dimensão conflituosa apresenta-se como inerente à sociedade capitalista, uma vez que esta se erige a partir de contradições insolúveis que fundam sua própria base e lhe dão sustentação. (2012, p. 100)

Conforme a afirmação de Lorena (2012), a dimensão de conflitos e interesses que envolvem o espaço urbano capitalista perpassa classes sociais e suas dinâmicas contraditórias. O futebol está inserido no contexto dessas contradições, principalmente daquelas relacionadas ao consumo. As infraestruturas ligadas à prática esportiva são criadas a partir de diversos interesses de cunho cultural e econômico (SILVA; OLIVEIRA, 2026).

Desta maneira, Höfig e Bragueto (2013) analisam que o futebol em sua concepção geográfica no território utilizado para o jogo representa, além do espaço comum de lazer, um espaço em disputa. Tais disputas podem ocorrer em dimensões e situações distintas, tendo em vista o direito à rua, como espaço comum de lazer, bem como o uso de equipamentos destinados para a prática esportiva, como quadras e campos de futebol.

Inicialmente, podemos observar o futebol praticado nas ruas, como espaço coletivo e de práticas variadas, bem como acesso, contato e compartilhamento de culturas diversas (HELEODORO, 2015), refletidas em brincadeiras e dentre elas, o esporte (FISCHER et. al, 2023). É necessário observar as quadras, como equipamentos existentes no perímetro urbano e que também estão inseridas em contextos habitacionais e de lazer; ou ainda, os campos de futebol, tendo como base autores como Rocha e Delconti (2012) em relação às demandas em torno da necessidade de espaços de lazer, além de Silva et. al. (2012), no que diz respeito ao espaço de convivência em comunidade. Posteriormente, são analisados os estádios de futebol quanto à estrutura de lazer no espaço urbano, considerando sua distribuição no território brasileiro. Por fim, é discutida a figura do clube na cidade.

- **2.2- Ruas**

Inicialmente, é necessário compreender a importância do conceito da rua para a cidade. As ruas são elementos fundamentais no espaço urbano, já que das mais estreitas ruas de bairro às mais largas avenidas, todas são responsáveis pelo transporte, seja de pedestres (chamados por Lefebvre (1999) de encurralados) como de automóveis (chamados por Lefebvre (1999) de privilegiados).

Para além do citado acima, o ambiente encontrado nas ruas é onde se materializam as transformações na trama física e na paisagem da cidade e ainda é o lugar de manifestações das relações sociais, das diferenças e das normatizações do cotidiano em momentos históricos diversos (SALES, ANDRADE, MAIA, 2005). As ruas, nesse sentido, deixam de ser apenas vias de circulação e passam a ser palco de interações humanas, trocas afetivas e demais práticas coletivas entre indivíduos.

Heleodoro (2015) argumenta que

> Assim, embora o movimento humano seja a função talvez primordial que muitos esperam de uma rua, ao considerar esse ambiente na escala do pedestre, um leque de infinitas outras possibilidades de uso se abre. A rua então se torna o lugar do encontro casual entre desconhecidos, da diversidade de pessoas e atividades, da troca de experiências, da criação de comunidades, da domesticação e vivência do urbano, enfim, de toda uma intrincada dança urbana da qual já falava Jane Jacobs (1961). Um espaço livre público como locus que ensaia o convívio entre desiguais e sustenta a sociabilidade que tanto se esperar encontrar nas cidades. (2015, p. 12)

Tendo em vista o que é ressaltado por Heleodoro (2015), o espaço da rua é o local de vasto leque de atividades e ações, individuais e coletivas, podendo assim

observar a sua importância tanto para os moradores, quanto para pedestres e até mesmo para a dinâmica urbana. Dentre as ações existentes na rua, encontra-se o brincar, carregando consigo culturas diversas, além da interação entre crianças, jovens, adolescentes e adultos, como apresentado na Figura 14 a seguir, onde um mini-campo improvisado se torna local de lazer entre os moradores próximos.

Figura 14: Desenho de mini-campo improvisado feito sobre a rua Leopoldo Morandini, Santa Lúcia, SP.



Fonte: Acervo do Autor (2025)

Pimentel (2015) aborda a importância do brincar, bem como a cultura existente por trás de tais brincadeiras

> Por meio das brincadeiras criam-se inúmeras estratégias para lidar com as situações de convívio social. Não é demais lembrar que, das tradições africanas que desembarcaram no Brasil, podemos encontrar nas mitologias dos orixás inúmeras referências para as práticas culturais que hoje fazem parte dos cotidianos de comunidades populares rurais e urbanas do Brasil. (2015, p. 712)

Pimentel (2015) ainda ressalta que o ato de brincar na rua se torna, em muitos casos, o primeiro contato com diferentes culturas de uma criança. Colocando essa afirmação em perspectiva, o futebol de rua se apresenta como ferramenta de integração (FISCHER et. al. 2024). A prática do futebol nas ruas é uma manifestação cultural e social que transcende o simples ato de jogar bola, refletindo a criatividade, a resiliência e a capacidade de transformação das comunidades,

especialmente em contextos onde o acesso a espaços públicos de lazer é limitado ou inexistente (PEREIRA, LEIBOVICI, HASHIZUMI, 2022).

A importância do futebol de rua reside, em primeiro lugar, na capacidade democrática do esporte, Fischer et. al (2023) argumenta que

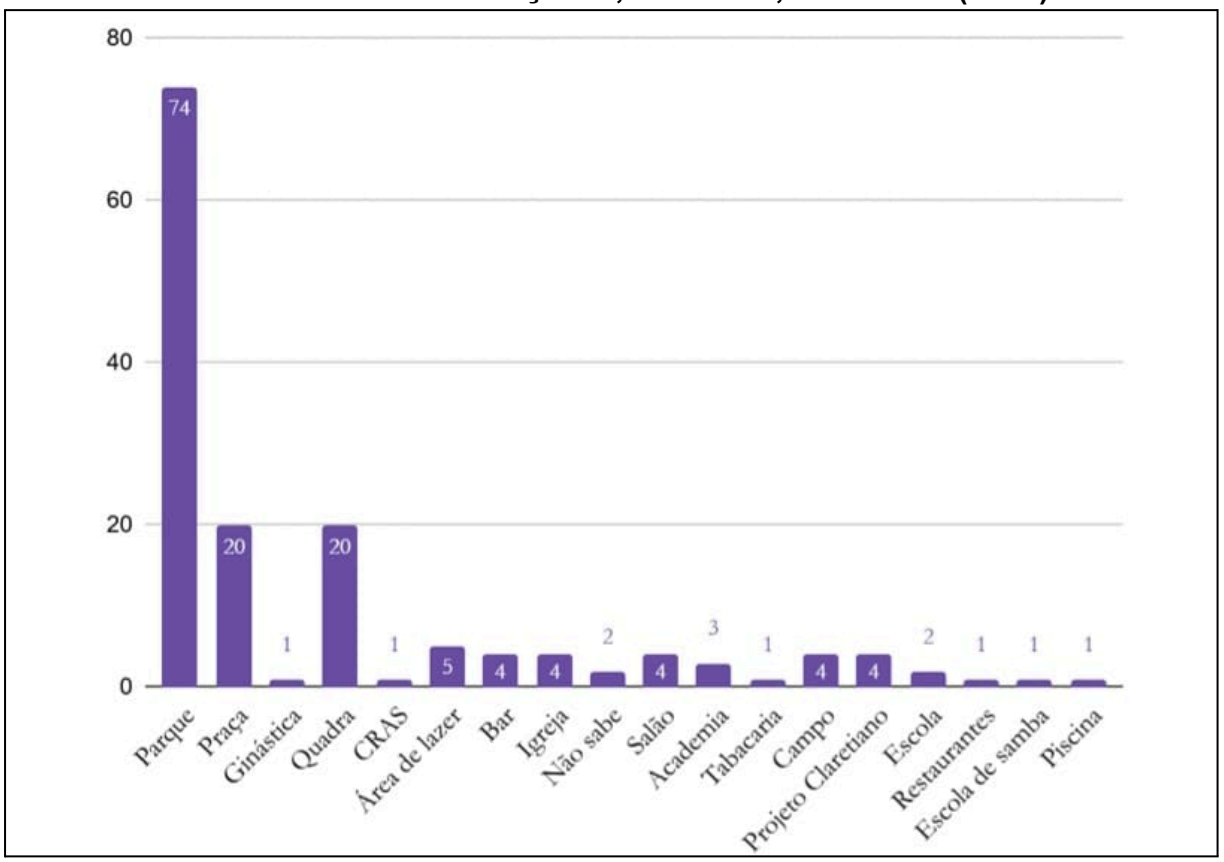
> A cultura futebolística brasileira forjou-se assim: através dos jogos/brincadeiras de bola com os pés, praticados em ambientes informais de natureza lúdica (SCAGLIA, 2003; 2011); existem múltiplos relatos jornalísticos e na literatura popular de que os grandes jogadores brasileiros passaram parte de suas vidas jogando e brincando de bola na rua, em campos de terra, na várzea, descalços; são diferentes fontes - livros, biografias e entrevistas - que relatam essas vivências (WINTER, 2014; TOSTÃO, 2016) e a importância delas para a aprendizagem e o desenvolvimento de um estilo propriamente brasileiro de jogar (SIMAS, 2017; SOUZA-CRUZ; GOMES-DA-SILVA, 2022) Ele é acessível a todos, independentemente de classe social, idade ou gênero, e se torna uma ferramenta de inclusão e integração social. (2023, p. 4)

Observando o abordado por Fischer et. al (2023), é possível destacar que o caráter democrático do futebol faz com que ele se torne mais uma das brincadeiras realizadas nas ruas, junto de práticas como pipa, pega pega, esconde-esconde, dentre outras. Sendo assim, o ato de jogar bola se torna parte do uso da rua como espaço coletivo não apenas de convivência, mas também de trocas, seja de experiências, culturas ou vivências.

O futebol de rua reforça a ideia de que as ruas podem ser espaços de lazer e convivência em muitas cidades, especialmente nas periferias, a falta de parques, praças ou áreas esportivas faz com que a população se aproprie das ruas para criar seus próprios espaços de diversão e sociabilidade. Ainda que no atual cenário, dispute a atenção com telas e redes sociais, é importante ressaltar que espaços como ruas, parques e praças, são de suma importância para um lazer de qualidade público e gratuito.

Em censo realizado no bairro Jardim das Nações I, Oliveira et. al. (2016) observam que Em relação à percepção dos moradores que responderam ao censo sobre a quantidade de espaços destinados ao lazer no Jardim das Nações I, foi observado que as respostas indicam a inexistência ou poucos espaços destinados ao lazer, porém ressaltam que, quando indicados quais são os espaços existentes, observamos uma associação do lazer a parques, praças e quadras, como apresentado no gráfico a seguir (Figura 15)

Figura 15: Locais considerados como espaços de lazer pelos moradores do bairro Jardim das Nações I, Rio Claro, São Paulo (2026)



Fonte: Oliveira et al. (2026)

Mourão (2014, p. 115) argumenta que a apropriação coletiva dos espaços públicos, pelo seu uso livre, constrói sentimentos de apego ao lugar, resultando na construção de uma identidade comum. O controle do acesso ao espaço da calçada é uma forma de se atribuir significado ao lugar, ainda que tal controle não evite a possibilidade de criação de afetos coletivos no que diz respeito ao uso da calçada.

A autora ainda desenvolve a ideia de apropriação do espaço público

> A apropriação concebida de forma mais simples, significa "tomar posse de algo" através da territorialidade. Ao "apossar-se" afetivamente de um espaço o sujeito cria as condições para o surgimento de um sentimento de pertencimento. Esse processo de transformação de um espaço "vazio de significado" a um "lugar significativo" é o que se pode chamar de apropriação (Pol, 1996), condição necessária para o surgimento da identidade do lugar. O sentimento de pertencimento, a identidade, quando partilhados, constituem a base para o surgimento de universo de significados representado pela cultura, expressão da identidade coletiva (2014, p. 115)

Desta forma, pensar não apenas o futebol, mas também as demais atividades realizadas não apenas na calçada, como trabalha Mourão (2014), as ruas podem se

enriquecer e ganhar significado para quem os apropria. Lazeres coletivos como brincadeiras, festas dentre outras ações que constituem identidades são de grande valia para o ato de viver e permanecer, seja na escala da própria calçada, rua, bairro ou cidade.

Silva e Oliveira (2025) argumentam que

> O futebol é um interessante meio de compreender o espaço urbano, sua utilização e a importância do planejamento para que exista acesso a tais locais para a prática de lazer e cidadania, tanto para a cidade, quanto para seus moradores. Junto disso, o uso de outros locais como ruas e praças para a prática do esporte sobre o espaço urbano demonstra a importância do espaço público como uma possibilidade de acesso ao lazer comum para as mais diversas práticas, tendo dentre elas o esporte bretão. (2025, p. 12)

Como argumentado pelos autores, a prática do esporte nas ruas é uma demonstração das possibilidades de lazer sobre o espaço urbano comum, bem como a busca por lazer. O futebol de rua, portanto, não é apenas um jogo, mas um símbolo de resistência e adaptação.

Sua prática mostra como os cidadãos conseguem transformar limitações como falta de um local adequado em possibilidades. Ao mesmo tempo, isso serve como um alerta para a necessidade de políticas públicas que garantam o direito à cidade e ao lazer, promovendo a construção de espaços que atendam às necessidades reais da população, tendo em vista que, além da ausência de tais ações, a privatização do espaço urbano limita até mesmo os acessos do povo ao lazer comum sobre espaços como ruas, campos, quadras e praças.

- **2.3- Quadras**

Comum em praças, escolas e condomínios, além de também possuir um espaço propriamente dedicado à mesma, a quadra ocupa importante papel no que diz respeito às práticas esportivas no Brasil, não se limitando apenas ao futebol. As quadras se encaixam no que Pellegrin (2004) define como equipamentos não-específicos, tendo em vista que o espaço em questão pode ser utilizado para funções além de sua prática esportiva (Figura 16 a seguir).

Figura 16: Partida de campeonato interno de Futsal, Santa Lúcia, São Paulo, Brasil



Fonte: Acervo do autor (2023)

Ainda sobre tais equipamentos, Silva et. al. (2019) argumentam que

> Os primeiros (específicos) podem ser encontrados a partir das dimensões físicas, público que atende, e os interesses culturais mais privilegiados. Já o segundo (não-específico), pode-se considerar desde a casa até a escola, as ruas, o bar, condomínios, entre outros espaços que a priori foram construídos com finalidades outras (moradia, educação, comércio) e depois, através do processo de urbanização, tornaram-se espaços para o lazer. (2019, p. 217-218)

A quadra multiuso, muito frequente em espaços escolares por exemplo, possui a capacidade de ser também local para a prática de esportes como vôlei, basquete, handebol, dentre outros. Além de ser um importante pilar na rotina escolar para a execução de atividades físicas, elas também se tornaram espaços de convivência e interação entre os estudantes (OLIVEIRA, DAOLIO, 2014).

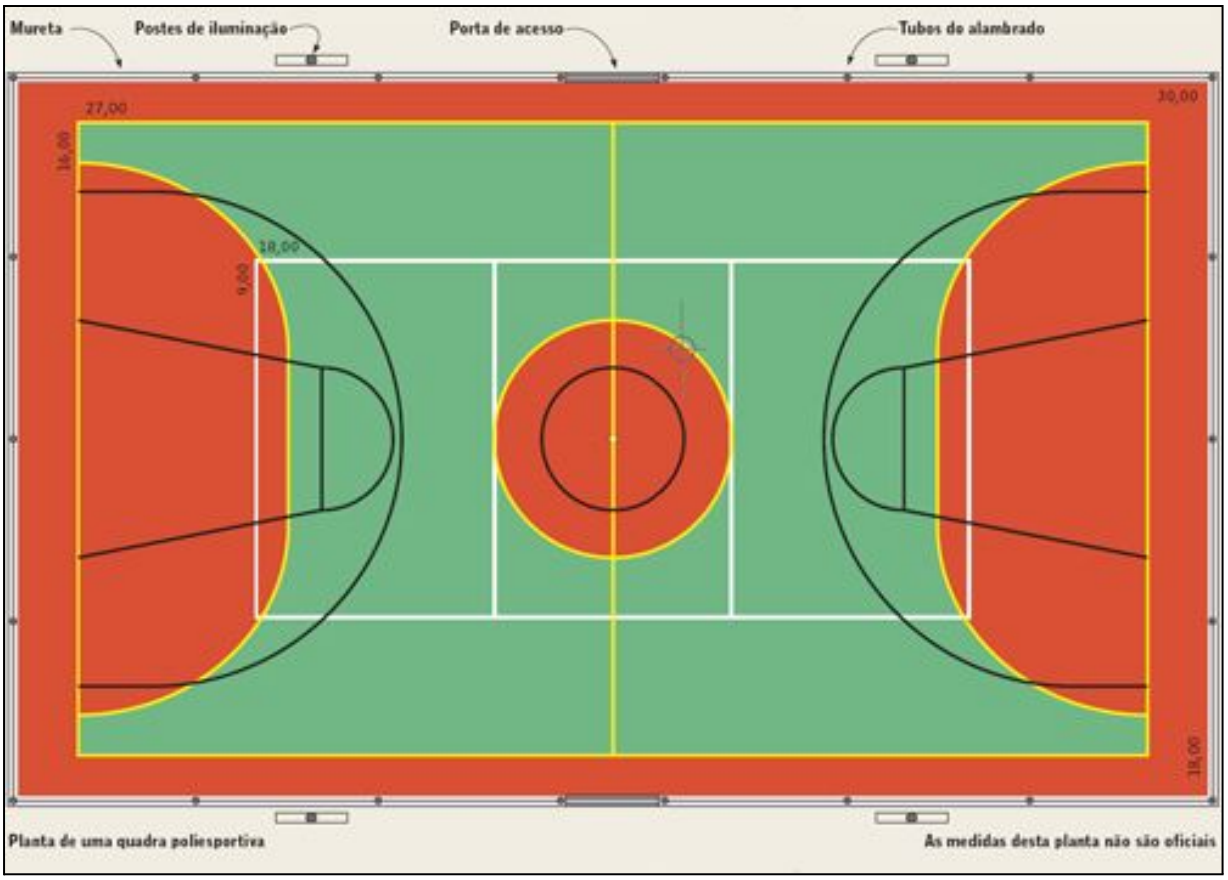
Vianna et. al (2020) argumenta que

> A quadra de esportes adequada para uso na escola mostra-se grande importância para o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física. Através de uma quadra com uma infraestrutura adequada, o aluno tem a oportunidade de vivenciar outras manifestações corporais, assim, fazendo com que o educando tenha uma visão do todo em relação a cultura corporal criada pelo homem.
> A estrutura física em condições de uso oportuniza um aprendizado além da exposição de conteúdo. Ocorre a valorização de toda experiência do aluno e o novo conteúdo passa a ser armazenado, relacionando-se com o antigo, assim ganhando um significado.Acredita-se que mais pesquisas devam ser

> realizadas a fim de acompanhar o panorama dessa disciplina, para que sua importância se equipare as demais, como era no passado. (2020, p. 11)

Segundo Vianna et. al (2020) a quadra cria a oportunidade de desenvolvimento das práticas e manifestações corporais diversas, para além da exposição de conteúdos relacionados às aulas de educação física, por exemplo. Desta forma, a escolha de quadras com múltiplas linhas, representam variados esportes, por isso incluem cestas de basquete e gols para esportes de quadra (futebol de salão e handebol), além de, em muitos casos, haver a possibilidade de inclusão de redes para a prática de vôlei (Figura 17 a seguir).

Figura 17: Planta básica de uma quadra multiuso escolar



Fonte: Ateliê da Arquitetura (2016)

Como é possível observar no exemplo apresentado na figura 17, a presença de mais de uma demarcação de esportes possibilita ao perímetro da quadra não se limitar apenas a um tipo de prática desportiva. Observa-se que as linhas amarelas correspondem a prática do futebol de salão e handebol, enquanto as linhas pretas indicam a configuração para o basquetebol, já as linhas brancas representam a possibilidade de prática do vôlei de quadra. A multifuncionalidade de tal equipamento no espaço urbano explica a alta adesão de quadras nas cidades, em

seus mais diversos tamanhos. Para análise do que é necessário para a construção de tais espaços públicos de lazer, Cárdenas, Freire, Pumariega e Torres (2020), após pesquisa bibliográfica, organizam o conjunto de características necessárias para espaços de lazer e recreação públicos (Quadro 6 a seguir).

Quadro 6: Conjunto de análise da infraestrutura física e técnica dos espaços de esporte recreativo e lazer.

INFRAESTRUTURA FÍSICA E TÉCNICA		
Atributos	Categorias	Variáveis
Equipamentos	Quantidade	
	Qualidade	Diversidade
		Acessibilidade
		Conservação
Ambiente	Segurança	Posto Policial
		Condições de higiene
		Luminárias
	Conforto	Estética/Aparência
		Elementos Naturais
		Limpeza
		Acessibilidade
	Hospitalidade	Cobertura/sombreamento
Pavimentação	Tipo	

Fonte: Cárdenas, Freire, Pumariega, Torres (2020)

Como apresentado por Cárdenas et. al. (2020), tais condições, ainda que básicas, são primordiais para a entrega de um bom ambiente de lazer e convívio na relação cidade-habitante. A quadra encontra certa facilidade de implementação, seja por já se encontrar em muitos espaços comuns como escolas e praças, mas também por sua manutenção não tão complexa quanto os campos de futebol. O foco dado pelos autores no tópico ambiente é de grande importância, ainda mais ao pensar na quadra como um componente “mais urbano” em relação a um campo de futebol, por exemplo. Ainda que mais estruturado que uma rua, a quadra necessita de fatores prévios para que seja espaço de lazer e convívio entre seus habitantes.

Em censo escolar realizado em 2023, foi constatado que apenas 36% das escolas brasileiras possuem tal infraestrutura, sendo divididas em escolas federais (79%), estaduais (67%) e municipais (27%) (CORREIO BRAZILIENSE, 2024). Em análise apresentada no documento organizado pelo governo federal “De Olho na Cidadania – Atuação do Ministério da Cidadania no Esporte Educacional: Desafios e Perspectivas”, publicado em 2021, foi apontado que 10% das escolas brasileiras possuem na verdade, gramados, espaços vazios, terreiros e sem asfalto. Tais condições contradizem o que é estabelecido em documentos como a Constituição Brasileira e o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), cujo artigo 71 decreta que a criança e o adolescente têm o direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Em ambas as pastas, exigem-se condições mínimas (apresentadas anteriormente no quadro 6) para que a criança e o jovem em desenvolvimento tenham a possibilidade da prática de uma atividade física em um ambiente seguro.

Tendo tais fatores em vista, a presença de quadras no espaço urbano brasileiro é de grande relevância para o lazer coletivo, principalmente em locais públicos, que dão acesso a toda a população. Ainda que encontre contradições e problemáticas ao seu redor, ter uma quadra como equipamento público ainda possibilita outras atividades ligadas à saúde, além da prática de esportes de quadra como futebol de salão e voleibol.

- **2.4- Campos de futebol**

Para a análise de campos de futebol, é necessário compreender a diversidade de dinâmicas, não apenas de uso, como também dos agentes que produzem e consomem estes equipamentos, podendo ser públicos ou privados.

Kupper (2025) argumenta que o futebol, ao ganhar progressiva projeção nas cidades, assume o papel de centralidade na cidade brasileira, tendo em vista que, como trabalhado pelo autor e por Mascarenhas (2012), o campo de futebol se torna algo tão comum quanto uma igreja para a paisagem das cidades. Seja em clubes ou em campos destinados a times específicos (como na Figura 18 a seguir, onde se tem o Campo do XV de Julho Futebol Clube), o campo sempre se relaciona com o lazer comum nas cidades.

Figura 18: Campo do XV de Julho Futebol Clube, Rio Claro, SP, 2025



Fonte: Acervo do autor, 2025.

De campos destinados apenas a partidas de futebol aos localizados em praças multiesportivas onde o campo exerce funções paralelas às desportivas, tais espaços ainda têm como principal função o exercício do lazer na cidade. Tal lazer surge na perspectiva de compensação a alguns problemas sociais como excesso de serviço, estresse, cansaço mental e físico, falta de tempo para o relacionamento com familiares ou amigos (ROCHA, DELCONTI, 2012)

Assim, o campo de futebol se torna um espaço de lazer de variadas classes, bem como pode ser considerado um ponto de encontro entre os indivíduos em seus momentos após a rotina cotidiana (trabalho, escola, etc.). Em meio à necessidade de tais espaços, a produção de equipamentos se faz necessária, Silva et. al. (2012) argumentam que

> Assim, faz-se necessário pensar na produção do espaço, levando em consideração a vida, os lugares e o cotidiano dos atores sociais (GRAEML, 2007).Todavia, o homem necessita de um lugar, em que deva estar envolvido com as esferas da vida e aspectos sociais, culturais e ambientais. Deste modo, o homem necessita interpretar o ambiente por meio da busca de referências e orientações que contribuem para a construção da percepção do frequentador sobre o espaço. De fato, um ambiente, facilmente interpretado, resulta em um lugar com boa legibilidade, apontando o grau de relação entre o habitante e a cidade, sendo um importante elemento na utilização do espaço (SCOCUGLIA; CHAVES; LINS, 2006). Também é preciso levar em consideração a relação entre o frequentador e o espaço, compreendendo uma relação configurada de sentido e representações.

> Neste cenário, o lugar configura-se de significados e valores, sejam eles culturais ou interligados a práticas sociais (WILLIAMS, 2002). Todavia, de maneira significativa, nos dias atuais, existe uma nova organização e significação dos lugares pelas pessoas (PONTE; BOMFIM; PASCUAL, 2002). Antes, eram tidos como estáveis e garantiam a orientação e definição entre a relação das pessoas e os espaços, no entanto, perdem sua assiduidade, passando a não ter estruturas fixas, estando em um processo constante de negociação intersubjetiva e construção imagética. De fato, é importante pensar que os lugares não são estáticos, possuindo uma identidade singular traçada a partir do cotidiano, da diversidade e da ocupação do espaço. (2012, p. 9-10)

Sendo assim, como argumentado por Silva et. al. (2012), a existência de espaços comuns ao público colabora para que a população consiga estar de fato envolvida com a cidade, em seu cotidiano. Ao desenvolver aspectos culturais e sociais na cidade, o citadino caminha a compreender melhor a relação entre o espaço urbano e a sua cidadania, o seu ser cidadão.

Em tais espaços, se destacam três práticas, tendo em vista que a prática profissional se realiza em estádios, as mais relevantes vem a ser as escolinhas de futebol, além do futebol amador. Em ambos os casos citados, o ato de jogar se realiza em momentos paralelos à rotina diária, dando ao esporte a leveza e a condição de lazer no cotidiano, ocupado por afazeres como o trabalho, escola, etc.

Kupper (2025) destaca que, ainda que os campos de futebol tenham sua existência eventualmente comprometida pelo mercado imobiliário, segue sendo um ponto constante sobre as cidades

> Dentro da configuração histórica de urbanidade, o futebol desenvolveu-se no Brasil com todas as suas possibilidades e, em cada cidade, ele teve uma trajetória diversa, mas sempre tendo como corolário a expansão urbana, embora o desenvolvimento dos centros citadinos, atrelado à especulação imobiliária, tenha comprometido a existência de muitos campos informais de futebol. Porém, a prática do bola pé amador nunca foi interrompida, embora se possa afirmar que, guardada as devidas exceções, a urbanização brasileira foi e ainda é envolvida pelo futebol (2025, p. 305)

O autor ainda menciona que a forte industrialização que ocorreu no Brasil ao longo do fim do século XIX e início do século XX reflete nos campos de futebol, tendo sido o lazer de centenas de milhares de trabalhadores ao longo das décadas. Analisando estádios, Kupper (2025) ainda destaca que

> Tais equipamentos futebolísticos, espalhados por países como o Brasil, transformaram-se em locais onde se vive uma cidade e sua paisagem simbólica.
> Os estádios (pequenos, médios ou excessivos) são espaços marcantes no panorama de cada centro urbano. Seu porte e, na maioria das vezes, magnitude, constituem a principal expressão que o futebol alcançou.

> Para além do seu simbolismo, a espacialização de um estádio ajuda a entender diversas dinâmicas políticas, econômicas, culturais e sociais por trás da sua presença urbana, em especial por ocasião dos embates programados que, efetivados, percorrem o caminho da festa e do quase estado de caos (2025, p. 306)

Tal conjuntura, aplicada corretamente aos estádios (trabalhos no item 2.5 a seguir), também pode ser observada no caso dos campos de futebol, onde os arredores também influenciam e são influenciados pelo local. Nem todas as cidades brasileiras possuem estádios, mas a grande maioria possui campos de futebol, sejam eles oficiais ou não.

- **2.5- Estádios**

Figura 19: Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, Rio de Janeiro, RJ, 2025.



Fonte: Acervo do autor (2025)

Os estádios de futebol por sua vez representam a principal alteração relacionada ao esporte acerca do que é a estrutura da cidade, bem como se tornam a mais comum associação entre o lazer e o esporte. Mascarenhas (2015) busca responder o que é um estádio

> O que é um estádio de futebol? A princípio, um edifício ou equipamento de acesso coletivo que se comporta como uma centralidade física e simbólica no espaço urbano, destinada à oferta de espetáculos esportivos. No plano operacional urbanístico, funciona como uma centralidade periódica, capaz de acionar grande afluxo de visitantes em dias de jogos, forçando um reordenamento na gestão pública do seu entorno – para garantir segurança e acessibilidade –, e gerando fugazes oportunidades comerciais e de serviços ao setor informal. Não obstante tal periodicidade, que condena ao silêncio – e ao desperdício de recursos – na maior parte do tempo a imensa estrutura de concreto, do ponto de vista político e simbólico, o estádio é uma centralidade constante, permanente na paisagem física e cultural, denso de memória e topofilia. (2015, p. 3).

Sendo produto de dinâmicas comuns e coletivas, o estádio de futebol também é produtor de espacialidades e sociabilidades, possuindo assim a capacidade de tornar-se duplamente influenciado e influenciador (BEZERRA; MESQUITA, 2023). Para desenvolver a importância do estádio para a estrutura urbana brasileira, antes é necessário entender sua evolução ao longo dos anos da prática do futebol em solo brasileiro.

Valério e Almeida (2016) organizam a evolução da infraestrutura comum do estádio em seis fases, dos primórdios até a sua modernização, como apresentado no Quadro 7 a seguir.

Quadro 7: Evolução da estrutura dos estádios no Brasil

1ª fase	Nos primórdios do futebol é exposto que os primeiros “estádios” foram adaptações de espaços esportivos que já existiam, os quais tinham sido erigidos para o exercício de outras modalidades esportivas. O Velódromo Paulistano construído para a prática do ciclismo no final do século XIX em São Paulo é um exemplo de espaço adaptado para receber partidas de futebol.
2ª fase	Os estádios se relacionam diretamente com a maneira que o futebol se configurava no Brasil, sendo estes equipamentos designados para as classes econômicas mais altas da sociedade com características de confortáveis casas de espetáculos (teatros). O símbolo desta fase é o Estádio das Laranjeiras, edificado no início do século XX no Rio de Janeiro.
3ª fase	Com a popularização e democratização do futebol no Brasil a partir dos anos 20 e 30 do último século são construídas praças futebolísticas com capacidade muito superior das dos estádios que existiam até aquele momento. O Estádio de São Januário do Clube de Regatas do Vasco da Gama, inaugurado em 1927 com 50 mil lugares, e o Estádio Municipal do Pacaembu de 1940, com continência na época para 70 mil espectadores, são exemplos desta fase.
4ª fase	Corresponde ao átimo temporal que são construídos imensos equipamentos futebolísticos que viriam a comportar mais de 100 mil torcedores, a maioria com investimento Estatal, e tem seu encerramento na década de 1950 e vai até o final dos anos 60. O Maracanã, o Mineirão, e o Morumbi refletem o que foi este período da concepção dos estádios no Brasil.
5ª fase	Compreende o período da Ditadura Militar. Neste instante ocorre uma aproximação entre o campo político e o futebolístico. A ditadura passa a utilizar o futebol como seu instrumento de propaganda, com isso edifica diversos estádios nas cinco regiões do país. Elucida-se estádios como Estádio Vivaldão em Manaus (1970) como aparelhos esportivos erigidos sob estas características.
6ª fase	Fase das “novas arenas”, equipamentos futebolísticos construídos a partir de uma nova tendência que está em voga no futebol mundial e no Brasil. Essa disposição expressa o processo de elitização do futebol, e tem o estádio como um elemento que visa à mudança do perfil do torcedor. As arenas construídas para a Copa do Mundo de 2014 expressam este período contemporâneo da construção dos estádios.

Fonte: Valério e Almeida (2016)

A evolução das adaptações da prática esportiva presentes na primeira fase às arenas multiuso construídas para a copa do mundo de 2014 mostram a mudança do futebol de um jogo como tantos outros para um elemento de mudança do território. Valério e Almeida (2016) ainda desenvolvem o processo de tratamento do estádio como parte da política pública brasileira, principalmente após a 4ª fase, entre a década de 1950 e 1960. Dessa forma, o estádio se relaciona com a cultura do futebol no Brasil, sendo a representação de tal influência na cidade, elevando-se a um nível acima do campo de futebol comum.

Como forma de destacar tal relevância da implementação de estádios como parte de equipamentos sobre o espaço urbano, Santos (2023) realiza um

levantamento sobre a distribuição de estádios no território brasileiro, divididos nas categorias municipal, estadual, federal e particular (Tabela 1).

Tabela 1- Estádios por região brasileira, 2023

Região	Estádios	Municipais	Estaduais	Federais	Particulares
Norte	60	54%	28%	0%	18%
Nordeste	238	75,6%	7,1%	1,3%	16%
Centro-Oeste	83	76%	9,6%	1,2%	13,2%
Sudeste	256	52,3%	1,2%	0%	46,5%
Sul	145	39,3%	0%	0%	60,7%
Total	782	59,6%	5,7%	0,5%	34,2%

Fonte: Santos (2023)

Tendo em vista tal distribuição pelas regiões brasileiras, é possível observar a distribuição dos estádios tanto por região (norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul) quanto por suas divisões administrativas (municipal, estadual, federal e particular). Sobre o índice levantado por Santos (2023) observa-se que a quantidade de estádios ligados ao poder público, com exceção a região Sul, na qual se destacam os estádios particulares (60,7%).

Tendo 59,6% de seus estádios ligados aos municípios onde se localizam, a figura do estádio no espaço urbano de uma cidade se relaciona de forma direta com o processo de modernização das cidades (MASCARENHAS, 2015). A existência de tais equipamentos nas cidades, faz com que sua produção não se restrinja apenas à vivência em torno do futebol, mas também constitui como um importante elemento da vida pública conforme, argumenta Mascarenhas (2015)

> A produção desses objetos geográficos não se reduz apenas a uma arquitetura sofisticada e monumental, alvo de ufanismo e promotora de mais um cartão postal em nossas metrópoles. Em nossa reflexão, ela abriga novos conteúdos da urbanização, ao propor e impor suas novas formas de vivenciar a vida pública e o futebol (2015, p. 5)

Tendo em vista que o espetáculo sempre foi uma potente arma política (HARVEY, 1992), o futebol e seus equipamentos urbanos acabam por receber atenção tanto de setores públicos quanto privados, dentro e fora das quatro linhas. Ao observar a dinâmica adotada pelos estádios ao redor do Brasil pós-Copa do Mundo de 2014, é possível ver que a afirmação de Santos (1996) estava correta, de que a sociedade capitalista acaba por restringir e limitar o acesso aos direitos de

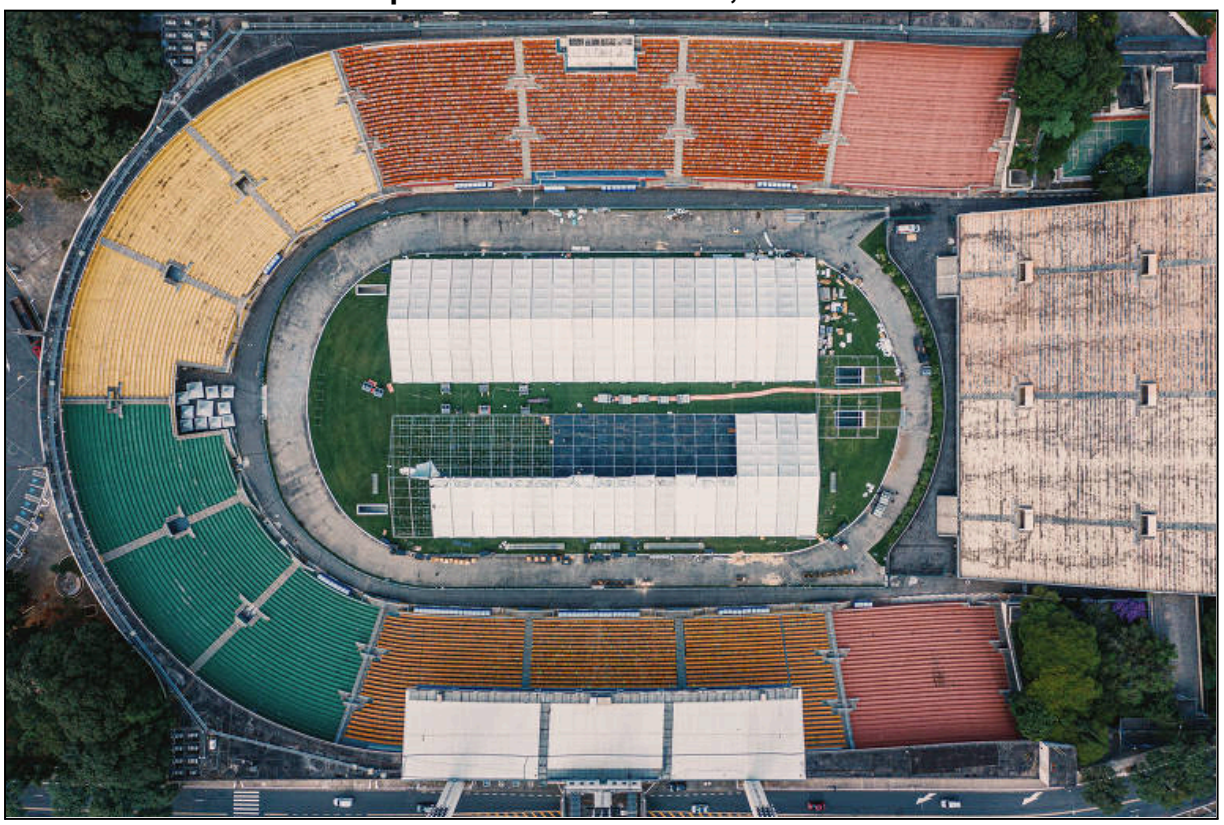
cidadania apenas aos que são aptos a pagar, afetando não apenas grandes metrópoles como São Paulo ou Rio de Janeiro, como também em cidades como Rio Claro, onde durante as demandas do Campeonato Paulista, entradas gratuitas para crianças foram retiradas (Como apresentado posteriormente no subcapítulo 3.4 deste trabalho, destinado aos torcedores de Rio Claro).

Duprat, Dowbor, Heidrich e Sanfelice (2024) pontuam que

> A mercadorização do futebol brasileiro ganhou força a partir de 2007 com a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo FIFA de 2014, responsável por modificar as estruturas físicas dos estádios, com a divisão por setores, a instalação de cadeiras e os contratos de concessão com empreiteiras para a realização das obras. As novas estruturas ocasionaram uma mudança drástica no acesso dos torcedores, modificando o padrão socioeconômico e a forma de torcer dentro do estádio, mudando assim a cultura torcedora vigente.
> As mudanças que aconteceram entre 2003 e 2014 não podem ser interpretadas somente pelo processo de mercadorização, entendido como processo que transforma elementos de determinado fenômeno em algo com valor no mercado, criando um sistema de circulação (Santos, 2016). Deve-se entender, que não ocorreu apenas a valorização dos elementos culturais do futebol na tentativa de criar um mercado de circulação dos valores esportivos, até porque este mercado já estava estabelecido no Brasil, em menor escala, desde o período getulista.
> Neste sentido, início com o termo mercantilização utilizado pelos pesquisadores estrangeiros e brasileiros (Santos, 2016; Giulianotti, 2010), mas faço uma crítica à terminologia, pois, entendo que ela não fornece elementos suficientes para explicar todo processo desenvolvido no Brasil, principalmente, compreendendo que a partir da mercadorização do futebol brasileiro também se desenvolveu com maior força o processo de elitização. (2024, p. 15)

Para além disso, o estádio consegue seguir e ter outras funções além do jogo, como é o caso do estádio Caio Martins, transformado em cárcere durante a ditadura militar, ou ainda o Pacaembu (Figura 20) e o Maracanã, dentre outros, que funcionaram como hospitais de campanha na luta contra o coronavírus durante o período da pandemia, de 2020 a 2023 (MAGALHÃES, TEIXEIRA, 2024).

Figura 20: Pacaembu transformado em Hospital de Campanha durante a pandemia do Covid 19, 2020



Fonte: Folha (2020)

A função exercida pelos estádios em meio ao contexto pandêmico se torna simbólica, uma vez que naquele contexto foi incluído nas estratégias para o tratamento e sobrevivência de muitos brasileiros.

- **2.6- Clubes e demais organizações sociais**

Os clubes, sejam eles de futebol ou de outras naturezas (como apresentado na Figura 21 a seguir), são instituições que carregam em sua essência as marcas das comunidades que os criaram, tendo como objetivo comum, ainda que com culturas, meios e métodos diferentes, que se baseia no acesso ao lazer e interação coletiva.

Figura 21: Clube de Campo de Rio Claro



Fonte: Diário de Rio Claro (2018)

Com mais de 11 mil clubes sociais registrados no Brasil, segundo a CBC (Comitê Brasileiro dos Clubes, 2026), os clubes encontram em sua estrutura equipamentos de prática esportiva (quadras, piscinas, salas de jogos, etc.) onde tais atividades são realizadas, além de eventos sociais (festas, shows, bailes, etc.), dando a seus frequentadores o acesso ao lazer comum, além de estruturas para a prática de esportes (COMITÊ BRASILEIRO DOS CLUBES, 2026).

Em meio a tais estruturas, o Brasil possui em seu território duas realidades, sendo uma coadjuvante a outra, de um lado, os clubes populares, e do outro, os clubes mais ligados às elites locais. Em trabalho publicado no Ludopédio, Spaggiari, Santos e Bonfim (2023) trabalham que

> Os clubes esportivos populares demarcaram seus lugares em São Paulo (SP) – e na maioria das grandes cidades brasileiras – por meio de variadas práticas de apropriação do espaço e negociação política (Santos, 2021;

> Favero, 2019), como uma contrapartida ao cotidiano programado, centrado no trabalho e no consumo (Lefebvre, 1991). (2023, p.1)

Como argumentado por Spaggiari, Santos e Bonfim (2023), a função social exercida por clubes se torna uma contrapartida para o cotidiano, uma alternativa de lazer em meio às ações de consumo e trabalho regidas pelo sistema capitalista, ainda que, devido a grande variedade cultural e de classes presente no Brasil, os clubes ocupavam demandas diversas. Do enaltecimento e preservação da identidade de um grupo até o recorte socioeconômico de quem o frequenta, os clubes sociais também são uma forma de se compreender o espaço urbano (SILVA et. al., 2012).

Assim se apresenta no Brasil a importância de órgãos como o Sesc (Serviço Social do Comércio) e Sesi (Serviço Social da Indústria), por exemplo, que proporcionam atividades esportivas, educacionais ou culturais, além de dar aos seus frequentadores um bom espaço de convivência.

O CAT SESI Rio Claro, por exemplo, oferece atividades de esporte, lazer e atividade física, além de cultura e artes. A programação inclui musculação, aulas coletivas (como Jump e Pump), natação, grupos de interesse em atividades como Beach Tennis, além do programa Sesi Esporte / Atleta do Futuro, núcleos de dança, e espetáculos teatrais e musicais, como apresentado em seu site oficial[7].

Clubes conseguem ser formas de resistência e de sobrevivência de culturas, como é o caso dos clubes afro-brasileiros. Sobre esses clubes, Aguiar (2007) destaca que

> O racismo e a discriminação sempre estiveram presentes na sociedade brasileira e marcaram profundamente a história da população negra. Muitas vezes essa população foi acusada de passividade e complacência diante dessa situação. A história dos clubes negros e seus desdobramentos para o desenvolvimento do movimento negro é essencial para a compreensão dos mecanismos e estratégias criadas pelos afro-descendentes para a superação desse problema (2007, p. 91)

Como abordado por Aguiar (2007), a fundação de clubes dedicados ao lazer da população negra no interior de São Paulo[8] demonstrava como tais locais são espaços de resistência e acesso ao lazer, em dinâmica que se repetiu em diversos municípios, como a própria Rio Claro, objeto de análise deste trabalho, que possuía o Tamoio, hoje centro cultural da cidade. Assim, a presença de clubes no espaço

[7] O endereço do site do CAT SESI Rio Claro é https://rioclaro.sesisp.org.br/
[8] Em sua pesquisa, Aguiar (2007) analisou a dinâmica presente em São Carlos, São Paulo.

urbano denota, além de diferentes opções de lazer, a existência plural de culturas e indivíduos que anseiam por habitar suas respectivas ruas e cidades.

A própria cidade de Rio Claro, objeto de estudo deste trabalho, possui grande cultura de clubes atribuída, com clubes que possuem diferentes valores de afiliação, que potencialmente demarcam quem são seus frequentadores. O Quadro 8 a seguir demonstra tais valores

Quadro 8: Clubes de Rio Claro e seus valores de afiliação[9]

Clube	Valores (segundo o site oficial de cada clube) no ano de 2026
Floridiana Tênis Clube (FTC)	● Exige a aquisição de um título patrimonial para frequência. ● Valores: O título custa 4.500 reais (parcelado em até 10x de 450 reais ou à vista com desconto). Há isenção de mensalidade durante os primeiros 10 meses. ● Mensalidade: 300,00 reais (com desconto para pagamento até o dia 20, caindo para 280 reais).
CAT SESI Rio Claro	● Valores (Público Geral): Plano Básico Individual: R$ 72,00/mês (Familiar: R$ 126,00). Plano Musculação Individual: R$ 150,00/mês. Plano Plus / Completo Individual: R$ 230,00/mês (Familiar: R$ 305,00). ● Valores (Trabalhador da Indústria): Plano Básico Individual: R$ 44,00/mês (Familiar: R$ 83,00). Plano Plus / Completo Individual: R$ 180,00/mês (Familiar: R$ 250,00).
Grêmio Recreativo Rio Claro (Cia Paulista)	● Planos a partir de R$ 100,00/mês, com campanhas frequentes de isenção de taxa de títul
Clube de Campo de Rio Claro (CCRC)	● Título Patrimonial R$ 15.000,00 ● Taxa Transferência R$ 5.250,00 Taxas de manutenção ● Sócio Contribuinte Familiar/Sócio Proprietário Familiar R$ 704,32 ● Sócio Proprietário Individual, Contribuinte Individual e SI -60 anos R$ 395,77 (SI destinado para mãe, pai, sogra e sogro) ● Sócio Individual +60 anos (SI destinado para mãe, pai, sogra e sogro) R$ 197,88 ● Taxa de Anuidade com vencimento em 09/02/2026 R$ 7.670,08 (Sócio Contribuinte Familiar e Sócio Proprietário Familiar) ● Taxa de Anuidade - com vencimento em 09/02/2026 R$ 4.309,91 (Sócio Proprietário Individual, Contribuinte Individual e SI -60 anos (SI destinado para mãe, pai, sogra e sogro) ● Taxa de Anuidade com vencimento em 09/02/2026 R$ 2.155,01 ● Sócio Individual +60 anos (SI destinado para mãe, pai, sogra e sogro)

Fonte: Elaborado pelo autor

[9] Os dados dos respectivos clubes foram coletados em seus sites oficiais,
Floridiana Tênis Clube (https://www.floridiana.com.br/quero-ficar-socio/),
CAT SESI Rio Claro (https://rioclaro.sesisp.org.br/catsesirioclaro),
Grêmio Recreativo Rio Claro (Cia Paulista) (https://gremiocp.com.br/2025/) e
Clube de Campo de Rio Claro (CCRC) (https://ccrc.org.br/novo/tabela-de-taxas-e-valores/)

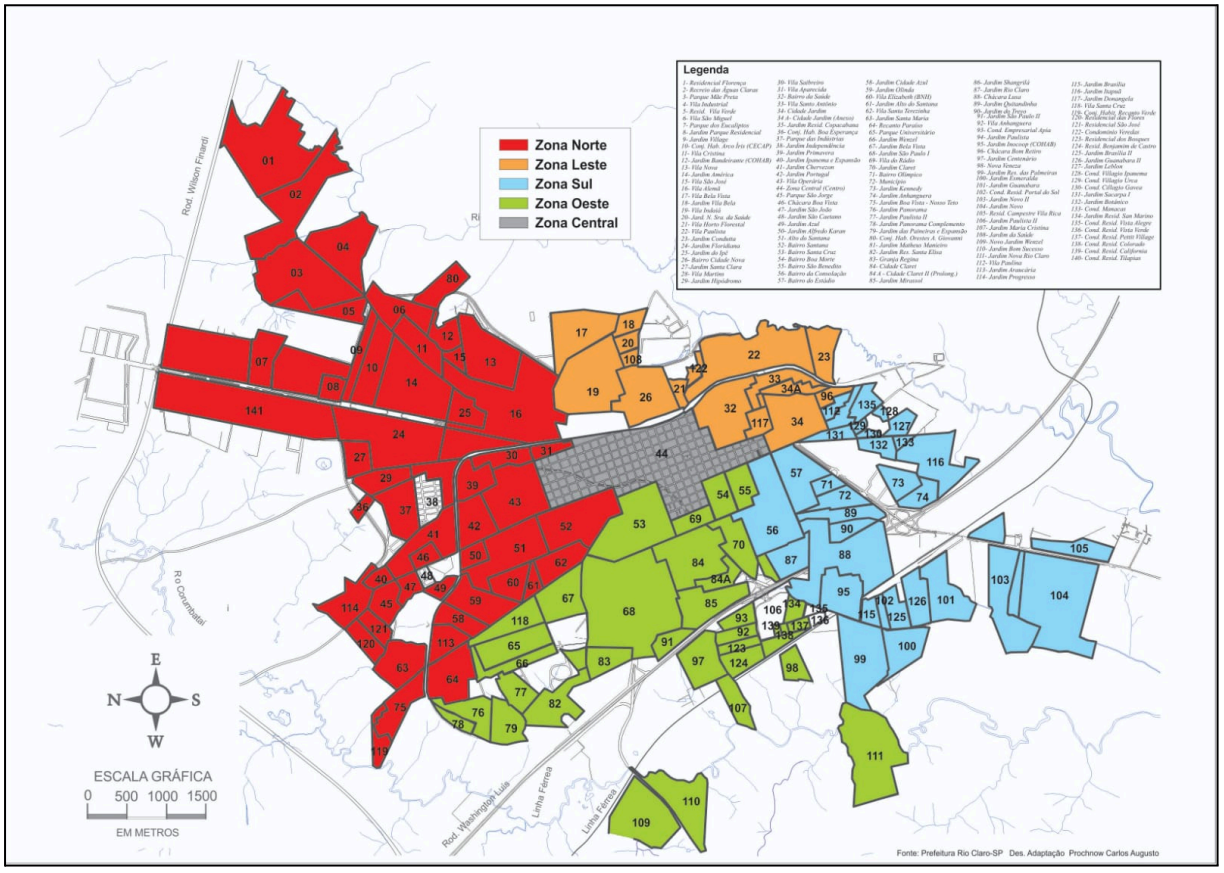
Observando os valores de afiliação em Rio Claro apresentados no quadro 8, observa-se uma clara diferenciação entre o CCRC dos demais, demonstrando que o clube pode ser um lazer que ainda possua limites. Em contrapartida, clubes tradicionais na cidade como o Grêmio Recreativo Rio Claro (Cia Paulista) possuem valor de afiliação mais acessível, sendo por consequência mais populares.

Tendo isso em vista, o segundo capítulo focou em observar os espaços onde o futebol geralmente é praticado, analisando as características das ruas, quadras, campos e estádios de futebol, além dos clubes e demais organizações que promovem a prática esportiva. Desta forma, a análise de Rio Claro, São Paulo, cidade objeto deste trabalho, se torna possível, ao se observar as dinâmicas gerais de cada local onde partidas podem ocorrer.

3. Rio Claro: o esporte, o futebol e a cidadania

Antes de pensar sobre o futebol rio-clarense, é necessário compreender a cidade de Rio Claro, sua origem, sua concepção, sua expansão urbana e por fim, sua relação com o futebol, nas mais diversas escalas. A cidade tem seu território identificado em cinco zonas (Norte, Sul, Leste, Oeste e Central) como apresentado no mapa desenvolvido pela prefeitura de Rio Claro (Figura 22).

Figura 22: Mapa dos bairros e condomínios do município de Rio Claro, São Paulo, Brasil, 2025



Fonte: Prefeitura de Rio Claro, 2025

Localizada no interior do estado de São Paulo, a cidade tem sua origem no século XIX, tendo sua fundação diretamente ligada à expansão da cultura cafeeira no interior paulista (GOUVÊA, 2017). Tal fator foi de suma importância para não apenas para a fundação, mas também para o crescimento da cidade, bem como a vinda de imigrantes ao longo do fim do século XIX e início do século XX, como argumenta Gouvêa (2017)

> A expansão cafeeira foi responsável pela presença de imigrantes estrangeiros no município de Rio Claro. Em linhas gerais, pode-se dizer que o café propiciou ao município a implantação dos trilhos da ferrovia, o

> desenvolvimento urbano e a transformação da malha fundiária. Com os imigrantes, tal expansão proporcionou não apenas uma oportunidade (quase sempre conflituosa) de trabalho nas grandes fazendas de café, mas também abriu um campo de possibilidades no núcleo urbano para a diversificação de suas atividades econômicas no local. [...] ressalta-se que os imigrantes europeus responderam em Rio Claro a demanda de mão de obra necessária à sustentação do desenvolvimento econômico do município no período, provocando igualmente impacto muito grande na sua população e na vida local. Esses imigrantes, portanto, deram a Rio Claro um perfil com acentuada característica estrangeira, que até hoje se faz sentir. (2017, p. 198-199)

Tais expansões devido a economia regida pelo café fizeram com que cidades como Rio Claro se desenvolvessem, algo que veio a transformar seu espaço urbano ao longo dos anos. Selingardi-Sampaio (2010) identifica os períodos de desenvolvimento da cidade em 3 fases, sendo elas a fase pioneira, a fase tradicional e a fase dinâmica, como mostrado no Quadro 9 a seguir.

Quadro 9: Fases de desenvolvimento do espaço urbano de Rio Claro, SP.

Fase	Período	Características
Fase pioneira	De 1873 a 1929	Caracterizada pela atuação de fatores endógenos, tais como modestos capitais locais, em grande parte vinculados à economia cafeeira; mercados local e regional; estabelecimentos médios e pequenos, em esmagadora maioria; forte participação de imigrantes estrangeiros, principalmente italianos e alemães, tanto como empresários quanto representando mão-de-obra; uma estrutura produtiva definida,basicamente, por: a) beneficiamento e transformação de matérias-primas de origem agrícola e extrativa mineral e vegetal (serrarias, ”máquinas” de beneficiar algodão, arroz e café, curtumes, olarias, engenhos de aguardente etc.); b) fabricação de bens de consumo direto da população (sapatos, móveis, selas, cigarros, sabão, massas etc.); c) produção metalo-mecânica (fundição de metais, máquinas agrícolas, carros à tração animal, ferrarias e funilarias etc.). Quatro estabelecimentos podiam ser considerados de grandes dimensões: as Oficinas Mecânicas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, resultantes de investimentos externos ao município, e fundadas em 1892 para a montagem de máquinas e vagões importados e para conserto de peças, empregando mais de 1000 pessoas; a Cia. Cervejaria Rio Claro, instalada em 1899, que ocupava, em 1922, 86 pessoas; a fábrica de cigarros “Princesa d’Oeste”, surgida em 1913, e que contava, alguns anos depois, com 50 operários; a serraria Schmidt & Meyer Ltda., que a partir de 1917 produziu madeiramento, forros e assoalhos para construções, e que também é citada por historiadores como sendo de grandes dimensões.
Fase tradicional	De 1930 a 1968	Teve como feições básicas: fraca expansão industrial; surgimento do ramo têxtil no município; domínio inconteste de ramos “tradicionais”, que não exercem efeito multiplicador no processo de industrialização, ou seja, não provocam o aparecimento de outras indústrias; predominância de pequenos estabelecimentos, reduzida capacidade de acumulação capitalista no município, e tímida iniciativa empresarial local; precárias condições de abastecimento de energia elétrica e água. Nessa fase, foram instaladas em Rio Claro duas tecelagens, uma unidade da S.A. Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, em 1939, então com 808 operários, e uma fábrica da E. F. Saad e Cia., de menor dimensão; ambas representavam investimentos externos ao município (paulistanos, no caso), assim como a unidade da Prema, a fábrica de balas São João, e a holandesa Quimanil.
Fase Dinâmica	De 1969 até os dias atuais	Caracterizada por forte aceleração do crescimento industrial, provocada por uma vigorosa nova “rodada” de investimentos na indústria local, e protagonizada, principalmente, por investidores de âmbito nacional e internacional. Os estudos sobre essa fase estão sendo retomados, pois precisam ser definidos com precisão o fim do período em foco e o início de uma eventual nova fase.

Fonte: Selingardi-Sampaio (2010)

Segundo Selingardi-Sampaio (2010, p. 9), a cidade de Rio Claro ainda possui em sua estrutura resquícios de fases anteriores, sendo vistas pela autora como fases industriais passadas, um patrimônio imóvel relativamente expressivo, embora nem sempre bem conservado. O município apresenta em sua fase pioneira a

estruturação e consolidação de bairros, fazendo com que ocorresse grande expansão de seu perímetro urbano.

Seguida a fase pioneira, a cidade adentra a sua fase tradicional, na qual serviços acabam por se consolidar, sem grandes avanços em relação ao que veio a ser observado em sua fase pioneira. Entretanto, a fase tradicional se destaca pelo crescimento de comércios locais, tendo em paralelo a instalação de empresas que somavam mais ao capital externo do que à cidade, ainda que seu número de empregados e funcionários fosse um tanto relevante para o município.

Por último e mais recente, a fase categorizada como dinâmica representa a forte injeção de capital interno e externo em Rio Claro, possuindo apoio de investidores nacionais e internacionais. Nessa fase, observa-se a chegada de franquias e empresas ao perímetro urbano rio-clarense, além da nova utilização de espaços na cidade.

É necessário ressaltar que a cidade contém grandes mudanças em seu espaço urbano, com locais sendo apropriados e desapropriados, tomando diferentes significados ao longo do tempo. Campos de futebol, devido às demandas do mercado imobiliário, assumem novos usos, como estacionamentos, centros culturais, mercados, farmácias, entre outras coisas.

Em meio a tais mudanças, Rio Claro construiu forte infraestrutura de realização de esportes, seja no âmbito público, como também em concessões e em espaços privados de prática esportiva. Essa infraestrutura é responsável pelo título de cidade do esporte, como abordado em entrevista com membro da Secretaria Municipal do Esporte de Rio Claro. Quando perguntado sobre “O que faz Rio Claro ser considerada uma cidade do esporte?”, o mesmo respondeu que

> E.1.: Bom (...), a cidade recebeu esse título por uma entidade chamada ACES Europe, entidade sem fins lucrativos, com sede em Bruxelas (Bélgica), a organização promove o esporte e a troca de experiências, buscando mais do que apenas a prática, mas também o acesso (ao esporte) a todos, já que são vinculados à UNESCO e ao parlamento europeu. Recebemos esse reconhecimento no parlamento (europeu), nos candidatamos no final de 2024, com o processo se transcorrendo ao longo de 2025 e recebemos o título em 2026, já que atendemos a alguns critérios exigidos pela entidade.
> Muitas são as variáveis existentes ao longo do processo, com visitas de membros da entidade a Rio Claro, o que foi algo interessante, já que enquanto membros gestores da Secretaria do Esporte Municipal, muito se foca apenas aos equipamentos municipais, então na busca de compreender e atender aos critérios deles (ACES Europe), a gente (Secretaria do Esporte) abriu mais os olhos para outras estruturas existentes em Rio Claro (Clubes, times, etc.).

> Rio Claro possui uma estrutura impressionante, com diversos equipamentos, estádios, distritais e quadras, o que precisa de fato é mantê-los e reformá-los. A cidade possui tamanha estrutura que (eu) fiquei impressionado, porque nós vemos os problemas e a precariedade que não se observa a quantidade de iniciativas presentes.
> O SESI, os centros sociais urbanos (passa ar de admiração pela estrutura de Rio Claro) são iniciativas interessantes, já que o orçamento para o mantimento de tanta coisa é enxuto, ainda que por conta do título, tenha ocorrido uma injeção de verba mais considerável, então agora, após o título, a secretaria vai buscar por manter e reformas os equipamentos já existentes, já que a cidade conta com cerca de 30 quadras, mas nem todas com totais condições de uso.
> Para além disso, a cidade, que tem um solo bem plano, teve (hoje nem tanto quanto antes) muito a prática do ciclismo (faz referência ao próprio Velo Clube, hoje mais ligado ao futebol) (Homem, 52 anos)

Segundo relatos do entrevistado, a cidade possui infraestrutura um tanto quanto relevante, tendo em vista o reconhecimento adquirido por órgãos de análise da relação entre Esporte e Cidade, como é o caso da ACES Europe. Entretanto, a atenção dada às condições em que algumas quadras e campos possuem ressalta a necessidade em se manter infraestruturas já existentes além de ampliar e oferecer mais quadras e campos em locais como bairros periféricos.

Para além das infraestruturas presentes na cidade de Rio Claro, manter os campeonatos de caráter amador é algo que também ressalta conflitos em meio a busca de atender as condições básicas do acesso a lazer na dita cidade do esporte. Em sua análise do MM Boxe, projeto autônomo de boxe presente na cidade, Oliveira do Ó (2025) afirma que

> O Poder Público, enquanto principal agente na formulação de leis para o planejamento urbano – e o único com o poder de regulamentar essas diretrizes – tem o poder de minimizar tensões vividas pela ocupação e consequentemente, as desigualdades socioespaciais. Ao não assegurar para a população os direitos ao esporte, lazer e cultura, a Administração Municipal deixou uma lacuna para que a própria comunidade assumisse essa função. Inclusive, já poderia ter realizado ações de restauração do edifício o convertendo em um espaço comunitário público, ou ainda, apoiar de maneira mais efetiva o projeto social desenvolvido pelo grupo. Essa ausência do poder público faz com que a MM Boxe trabalhe sem segurança jurídica, sem infraestrutura adequada e à margem das políticas oficiais. (2025, p. 119)

Tendo em vista o que aponta Oliveira do Ó sobre a condição do MMM Boxe enquanto projeto de esportes e lazer autônomo, em muito se assemelha com as condições dadas aos times da cidade, contradizendo o título dado a Rio Claro de “Cidade do Esporte”. Quando questionado sobre quais os pré-requisitos para o apoio a projetos de esportes que possuam caráter público, o entrevistado respondeu que

> Existem diferentes pré-requisitos para demandas diferentes, em determinados momentos, a cidade possuiu oportunidades (por conta do título recebido) onde chamava por incentivos e investimentos em estruturas de esporte (cita exemplo de um evento importante, que Rio Claro não conseguiu sediar). Possuímos projetos onde a prefeitura auxilia de algumas formas, o de vôlei, que é híbrido (relação pública/privada), o da Juventus (escolinha de futebol de time amador tradicional de Rio Claro), que realiza suas atividades em espaços públicos, com professores ligados ao município *{trecho omitido: conversa secundária}*, o MM Boxe, que teve atleta indo pra Olimpíada, então a prefeitura busca dar o suporte, seja cedendo o espaço, seja dando apoios financeiros com parcerias *{trecho omitido: conversa secundária}* . (Homem, 52 anos)

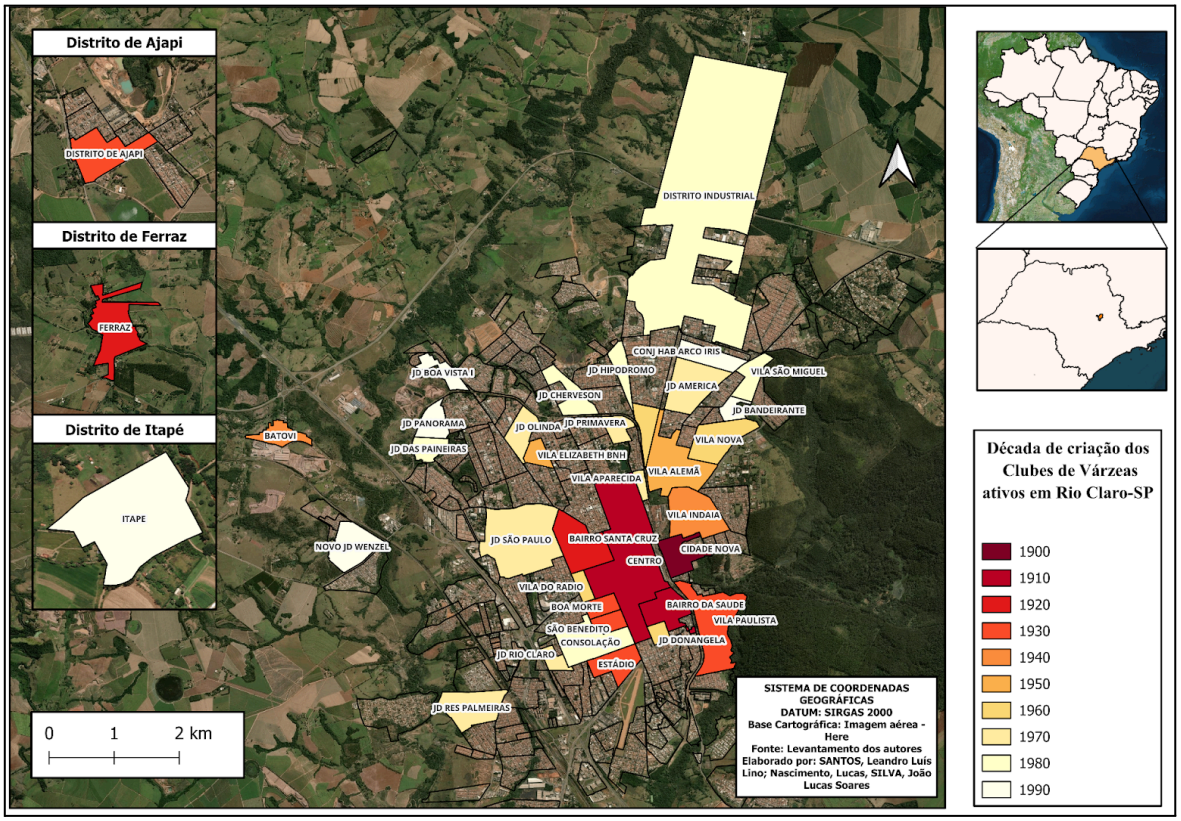
A cidade de Rio Claro, portanto, possui o título de cidade do esporte, mas não se isenta ou foge das contradições presentes em seu território, tendo em vista que, embora o esporte seja um direito da população, suas práticas ainda possuem interesses de ordens diversas. O terceiro capítulo, portanto, busca trabalhar a importância do futebol rio-clarense em suas mais diferentes práticas, dinâmicas e escalas.

- **3.1- O futebol em Rio Claro/SP**

O futebol em Rio Claro possui grandes conexões com o processo de modernização da cidade ao longo do século XX. Tendo em vista a grande influência inglesa na construção de suas ferrovias, a prática do esporte bretão veio acompanhada das linhas de trem, a qual permanece presente no cotidiano rio-clarense.

Tendo em vista que a ampliação e criação de bairros se relaciona às demandas de moradia dos trabalhadores, a prática do futebol esteve um tanto frequente no lazer dos bairros rio-clarenses, como mostra o mapa desenvolvido por Santos, Mattos e Silva (2025) (Figura 23).

Figura 23:Década de criação das equipes de Futebol amador de Rio Claro-SP



Fonte: Santos, Mattos e Silva (2025)

Santos, Mattos e Silva (2025) ainda identificam em quais bairros os times surgiram em território rioclarense, tendo como fonte o levantamento realizado por Sotero e Campos (2014), como é possível observar no Quadro 10 a seguir.

Quadro 10: Primeira aparição de times em cada bairro

Década	Bairros
1900	Cidade Nova, Novo Jardim Wenzel
1910	Centro, Saúde
1920	Aparecida, Distrito de Ferraz, Santa Cruz
1930	Distrito de Ajapi, Boa Morte, Estádio, São Benedito, Vila Operária, Vila Paulista, Não Identificado
1940	Batovi, Corumbataí, Fazenda Pindorama, Ipeúna, Samambaia, Santa Gertrudes, Vila Indaiá
1950	BNH, Bonfim, Jacutinga, Rural, Santana, Vila Alemã
1960	Jardim Donangela, Vila Americanópolis, Vila do Rádio, Vila Martins, Vila Nova
1970	Jardim América, Jardim Primavera, Jardim Rio Claro, Jardim São Paulo, Palmeiras, Vila Aparecida, Vila Olinda
1980	Cervezão (Jd. Chervezon), Consolação, Distrito Industrial, Jardim das Paineiras, Jardim Hipódromo, São Miguel
1990	Arco Íris, Itapé, Jardim Bandeirantes, Jardim Boa Vista, Jardim do Trevo, Jardim Panorama, Mata Negra, Santa Clara, Zona Rural

Fonte: Santos, Mattos e Silva (2025)

Os times mais antigos tiveram como origem as proximidades do centro da cidade. O futebol é um dos esportes que acompanha o crescimento da cidade, assim como outras modalidades, como o ciclismo. É ainda perceptível que a adesão ao esporte no cotidiano permanece, sendo presente tanto ao centro quanto em bairros mais afastados, como demonstrado anteriormente no mapa da Figura 22.

Para a melhor dimensão da função exercida pelo futebol enquanto lazer na cidade de Rio Claro, a entrevista com um dos membros da Secretaria do Esporte Municipal apresentou elementos relevantes que devem ser analisados. Quando foi realizada a pergunta “Qual o papel do futebol na cidade de Rio Claro? Há o reconhecimento do espaço de prática do futebol como incentivador da cultura e do lazer na cidade?” O entrevistado respondeu da seguinte forma:

> **E.1.:** O futebol, como paixão nacional, é também saúde, lazer, entretenimento, o lazer em uma periferia muitas vezes se limita a igreja, onde socializa com outros semelhantes, e o campo de futebol. Ano passado teve um jogo amador (Boa Vista e Nosso Teto), uma espécie de derby da cidade, com rivalidade, rojões (ilegal, pela lei, risos) , coisas que fazem parte da cultura do futebol brasileiro, vi aquilo e pensei “Aqui é raiz mesmo” (Risos). *{trecho omitido: conversa secundária}* A festa, a farra, o batuque, o ambiente, isso me agrada (risos) (Resposta pausada por demandas secundárias, mas entrevista seguiu depois, já com a pergunta seguinte) (Homem, 52 anos)

O entrevistado compreende a potência do futebol enquanto fonte de grande amplitude no que tange cultura, lazer e ambiente de contradições (como no caso dos rojões citados). Ao citar o derby local entre Boa Vista e Nosso Teto como exemplo de “futebol raiz”, busca demonstrar o quanto o esporte possui importância em Rio Claro. Quando perguntado sobre “Qual a relação material dos campeonatos e times de futebol (amadores e profissionais) com a prefeitura?”, o entrevistado respondeu que

> **E.1.:** Como falei antes, o que compreendo do futebol, e com os distritais que abrigam e são parte do futebol amador da cidade, acredito que aqueles campos são a maior relação material da prefeitura com o futebol, e na promoção do lazer, entretenimento etc. Ao meu ver, esses espaços chegam a ser mais importantes pelo (ponto de vista?) social do que apenas pelo futebol, um lugar de lazer, comum entre muitos bairros, é algo importante e relevante. (Homem, 52 anos)

Como argumentado pelo entrevistado, o futebol possui sua importância representada na cidade de Rio Claro por seus distritais, equipamentos comuns entre os bairros. É possível observar que, via distritais e outros campos presentes nos bairros, atividades como o futebol amador conseguem se desenvolver em alguns bairros, como é o caso de times como o A. A. Boa Vista, o Revolução S.E. e o Quilombo, apresentados no subcapítulo a seguir (3.2).

- **3.2- O futebol amador e as escolinhas de futebol**

Além do futebol profissional presente na cidade (que será abordado posteriormente), outros meios de execução do esporte ditos oficiais se destacam, como é o caso da prática de cunho amador e das escolinhas de futebol, um tanto quanto relevantes sobre Rio Claro. Tanto o futebol amador quanto a escolinha de futebol municipal tem como local de organização e gerenciamento na cidade o departamento de futebol, presente no Ginásio de Esportes Felipe Karam, utilizado também para prática e realização de aulas de basquetebol, apresentado na Figura 24 a seguir

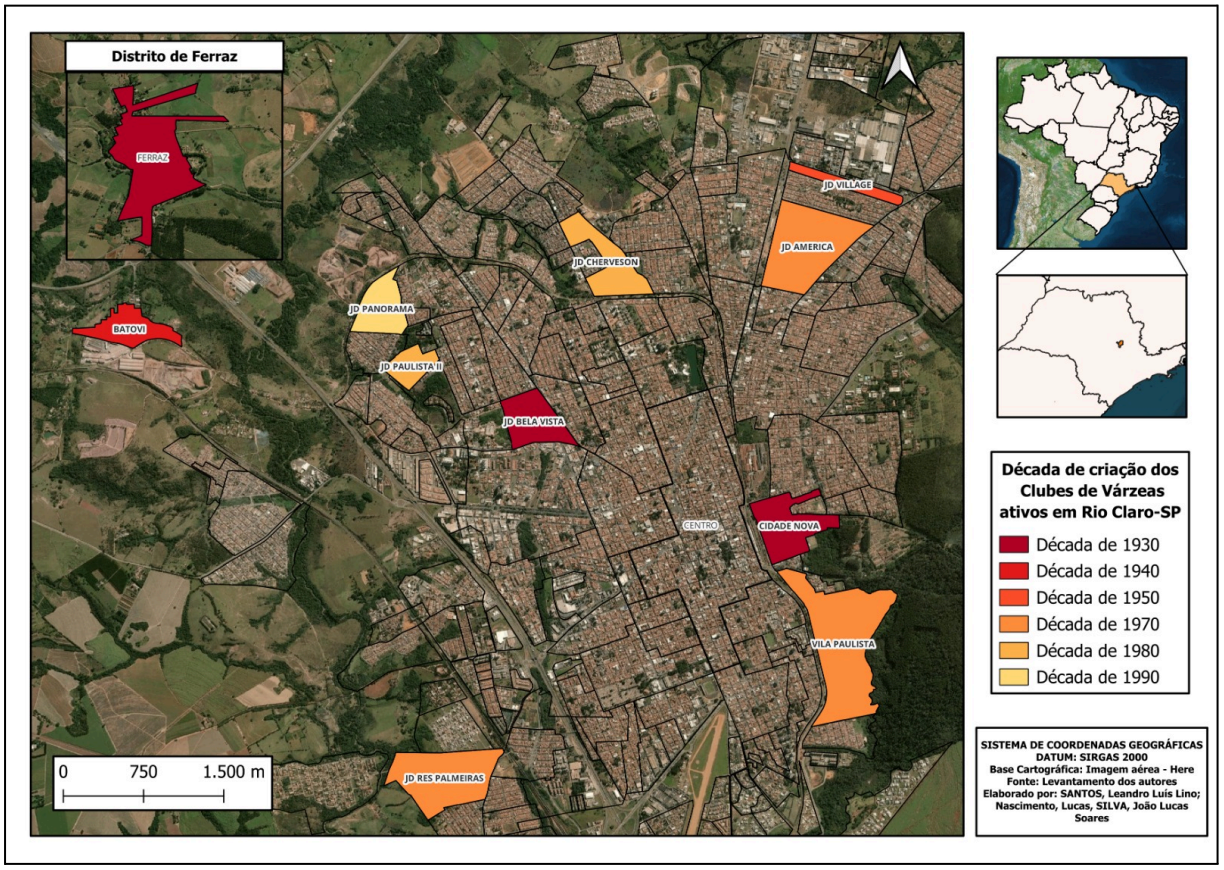
Figura 24: Ginásio de Esportes Felipe Karam, Rio Claro, São Paulo, Brasil



Fonte: Acervo do autor (2026)

Santos, Nascimento e Silva (2025) apresentam levantamento no qual é mapeada a localização dos times presentes no principal campeonato de futebol amador de Rio Claro, apelidado de Amadorzão, como apresentado na Figura 25 a seguir, onde os bairros Jardim Bela Vista e Cidade Nova tiveram times durante a década de 1930, além do distrito de Ferraz, Batovi na década de 1940, Jardim Village na década de 1950, Jardim Residencial Palmeiras, Jardim América e Vila Paulista na década de 1970, Jardim Cherveson e Jardim Paulista II na década de 1980 e Jardim Panorama na década de 1990.

Figura 25: Década de criação das equipes participantes do torneio "Amadorzão 2023", em Rio Claro-SP



Fonte: Santos, Nascimento e Silva (2025)

Como observado no mapa organizado por Santos, Nascimento e Silva (2025), os times que disputam o principal campeonato amador organizado pela Liga Municipal de Futebol de Rio Claro se distribuem pelo território da cidade. Santos, Nascimento e Silva (2025) ainda destacam que

> Conforme a cidade crescia, as franjas periféricas da cidade acompanhavam tal crescimento, pouco se afastando da área central. Todavia, com a chegada da década de 1970, e o acelerado processo de industrialização da cidade, se observa uma rápida expansão dos bairros de Rio Claro, de modo em que se observa uma mudança no sentimento expresso por aqueles que praticavam o esporte. Já se foram os tempos pelos quais amigos se reuniam em campos pelo centro, neste momento, o futebol amador foi incorporado como um modo de resistência das populações pauperizadas. Bairros longínquos do centro da cidade, como o Jardim Cherveson "Cervezão", se tornam localidades cada vez mais recorrentes na formação de equipes amadoras.
> Conforme o cenário do futebol amador de Rio Claro foi se alterando, pôde-se observar como a expansão urbana do município se desenvolveu. Desde o seu início com a hegemonia das equipes pertencentes ao centro, as emoções manifestadas remetiam a prática lúdica. Nos anos seguintes o crescimento fez com que outros times povoassem a cidade, e então com a industrialização, as equipes se tornaram cada vez mais periféricas, carregando consigo uma relação de pertencimento a sua localidade. (2025, p. 11)

Como argumentado anteriormente pelos autores, a cidade de Rio Claro, possuindo times localizados de sua região central até em distritos próximos, fez com que o futebol encontrasse respiro pela força presente em sua modalidade amadora, na qual os times representam seus bairros e moradores. Tendo como base a análise de Silva e Do Ó (2025) sobre o A. A. Boa Vista, é possível observar a importância que o time amador possui para a identidade do bairro Jardim Boa Vista

> No caso analisado do Associação Atlética Boa Vista, localizado no Jardim Boa Vista, bairro periférico localizado na região noroeste de Rio Claro, o time carrega consigo não apenas a prática do futebol, mas também a possibilidade de lazer sobre o bairro. Com eventos e festividades organizadas ao longo do ano pelo time, além de atividades sociais como escolinhas de futebol, o Boa Vista consegue ser não apenas um time, que já possui sucesso desportivo, sendo tetra campeão do "Amadorzão", mas também um local de atividades e integração comunitária.
> Sendo assim, pelo que foi observado sob a perspectiva do futebol amador rio-clarense e facilmente reproduzido em outros locais do Brasil, ainda que com outras particularidades, é possível compreender o futebol como um epicentro do exercício da cidadania e coletividade. A popularidade do esporte bretão em território brasileiro possibilita ver pelo futebol como se desenvolvem ações e práticas paralelas e relacionadas ao jogo, seja na participação dentro das quatro linhas ou nas atividades fora de campo. (2025, p. 11)

O A. A. Boa Vista, bem como outros times amadores da cidade de Rio Claro, representa tal influência e representatividade que um time pode exercer sobre seus moradores, recebendo até mesmo seu próprio espaço de prática do município, como abordado pelo Diário de Rio Claro (2023). O jornal local relata que

> Conquista mais que merecida da atuante comunidade do Bairro do Boa Vista que, desde muito tempo, ansiava merecidamente por uma praça esportiva. O Distrital do Boa Vista leva o nome oficial de Carmem Silva Ramalho Raimundo, homenagem póstuma à esportista que, ao lado de seu esposo Valdir Raimundo, carinhosamente conhecido como Boi, foi uma das grandes incentivadoras da prática do futebol no Bairro Boa Vista, tendo inclusive, formado em determinada época, um time de futebol de crianças.
> [...] Presente à cerimônia de inauguração, o filho do casal Carmem e Valdir, Diego Alexandre, bastante emocionado, disse ter a certeza de que esta homenagem é mais do que merecida, "pois minha mãe foi uma mulher que, ao lado de meu pai, lutou muito por nosso bairro e gostava de saber que as crianças estavam felizes jogando futebol".
> [...] O Distrital do Jardim Boa Vista está localizado à rua 22, com avenida 104-A. Em manhã festiva, no último domingo (26), as equipes da AA Boa Vista e do Nosso Teto FC fizeram o jogo de inauguração da praça esportiva, que teve o pontapé inicial do prefeito Gustavo Perissinotto e do vereador Julinho Lopes (2023)

Os Distritais (como o apresentado na figura 26 a seguir), são campos de futebol destinados à prática do futebol amador e são importantes infraestruturas

existentes nos bairros de Rio Claro, pois configuram-se como espaços de encontro da população local.

Figura 26: Inaugurado o Distrital do Boa Vista



Fonte: Diário de Rio Claro, 2023

Sobre a prática amadora ligada à realização de partidas, Silva e Do Ó (2025) indicam que:

> Como abordado pela imprensa local rioclarense, a abertura do Distrital do Boa Vista dá ao bairro mais um componente de lazer sob seu território, localizado na periferia rioclarense. A participação de órgãos públicos na prática do futebol amador em Rio Claro demonstra a construção e a consolidação do esporte sob seu território. Tamanho é o apoio ao futebol amador que a final do "Amadorzão" é sempre realizada nos estádios municipais geralmente utilizados pelos times profissionais da cidade. (2025, p. 10)

A relevância que o futebol amador possui sobre a cidade de Rio Claro também foi observada nas entrevistas realizadas com os participantes indicados na metodologia desta dissertação. Buscando compreender e observar semelhanças e diferenças entre os times, bem como estabelecer comparações entre as respostas e percepções dos membros, permitindo debater o futebol no contexto rioclarense, considerando a escala de prática amadora.

Quando perguntados sobre “Qual a função do time de futebol amador para o bairro?”, cada entrevistado teve a seguinte resposta (Quadro 11)

Quadro 11: Respostas à pergunta “Qual a função do time de futebol amador para o bairro?”

E. 2 (Homem, 34 anos)	E. 3 (Homem, 37 anos)	E. 4 (Homem, 43 anos)
Mano (...), a ideia central era a gente conseguir levar consciência de classe, já que a gente cresce, vai pra escola, e a gente não aprende isso na escola, se a gente não for buscar os nossos meios e a nossa posição na sociedade, a gente crescer sem saber de que lado você tem que lutar (Risos) {*trecho omitido: conversa secundária*} Então, como o time foi fundado por nós, que seja da forma que nós queremos e com o que acreditamos, minimamente ensinar consciência de classe, o objetivo principal segue sendo jogar bola, mas a gente usa esse espaço para poder levar uma ideologia forte, sabe? De luta contra o sistema, contra essa ideologia de defesa do patrão, com essa ideia de coletividade que o futebol carrega, tanto que o lema do time esse ano é “O coletivo acima do ego”, já tivemos problemas no ano passado quando a gente se preocupou mais com “a bola” do que com a ideologia, onde jogadores faziam piadas preconceituosas (cita exemplos), fomos relevando coisas, que contradiziam com o que a gente acredita. Desde então, o time busca por uma ordem de disciplina e dentro do campo {*trecho omitido: conversa secundária*}, mesmo que a gente possua um time mais fraco tecnicamente (com relação ao futebol jogado), queremos um time forte em defender a ideologia que queremos apoiar.	(O entrevistado contextualiza sobre a relação do time com o antigo 15 de Novembro, bem como sua ligação com o movimento negro, onde realizou viagens e ao ter mais contato com a cultura afrobrasileira, em sua volta a Rio Claro, decide fundar o Quilombo) Cara, quando eu voltei (de um dos encontros com o movimento negro) para Rio Claro, eu decidi fazer alguma coisa pela minha comunidade. Eu pensei “Meu, eu preciso pensar nas atividades mais voltadas pra minha comunidade”. Eu fazia parte (...) ainda faço até hoje parte de um coletivo que chama “Família Bronx”, onde a maioria era adolescente, hoje é todo mundo 40 + (risos), {trecho omitido: conversa secundária} aí oriundo desse grupo {trecho omitido: conversa secundária}. Ai, como o 15 de Novembro acabou, a gente pensou em criar um time que tivesse a ver com a comunidade, daí veio o nome Quilombo,(cita artista e membro do Quilombo que fez o escudo do time) com o escudo sendo a África dentro do Brasil. *{trecho omitido: conversa secundária}* Então como o 15 de Novembro era um time que a comunidade jogava, então demos continuidade ao time e focados na identidade na comunidade negra, e foi aí que fizemos o time, pensando em um time que atendesse a comunidade.	*{trecho omitido: conversa secundária}* Então, nós (Pumas) não criamos raízes no bairro (onde o time teve sua origem?), sempre jogamos mais aqui pro centro, jogamos mais no (Campo do) Grêmio da Bela Vista. *{trecho omitido: conversa secundária}* Então não ficamos muito ligados a essa coisa bairrista, e sim a comunidade negra (de Rio Claro), não com esse intuito (de ser algo ligado a comunidade), mas assim como todos somos da mesma família, de maioria negra, acabou virando na cidade o time dos negros, dos pretos.

Fonte: Acervo gravado e transcrito pelo autor, 2026.

A primeira pergunta realizada apresenta três dinâmicas diferentes, ainda que possuam como fator comum a prática do futebol, tendo em vista que Revolução, Quilombo e Pumas são times de bairros e indivíduos diferentes. Seja com a união feita por ideologia ou identidade, o esporte perpassa e reúne indivíduos como lazer um lazer acessível, ainda que não se isente dos conflitos presentes no espaço urbano habitado (MASCARENHAS, 2002).

Buscar atender às suas necessidades sociais é algo de suma importância para exercer seu direito à cidade de forma plena (LEFEBVRE, 2011), e na prática esportiva, encontram seu lazer. Na medida em que as respostas foram desenvolvidas, observa-se também que a relação com o time da comunidade os auxilia em sua visão enquanto um indivíduo, algo trabalhado por Santos (2007), no ato de se compreender como parte de algo, além de reivindicar por melhorias em sua cidade.

Quando perguntados sobre "O que mantém a equipe?", obteve-se as seguintes respostas, apresentadas no Quadro 12 a seguir

Quadro 12: Respostas à pergunta "O que mantém a equipe?"

E. 2 (Homem, 34 anos)	E. 3 (Homem, 37 anos)	E. 4 (Homem, 43 anos)
O Revolução já tentou fechar um estatuto próprio, mas ainda não foi discutido coletivamente, mas a gente se foca no centralismo democrático (...), onde a opinião de todos importa, e com base nisso debatemos as ideias e chegamos a um consenso. *{trecho omitido: conversa secundária}* O Revolução tem como política não aceitar patrocínios de multinacionais, por entender que essas empresas lucram com base na exploração do trabalho. Então o Revolução debate se terá patrocinadores além do dinheiro dado pelos jogadores na autogestão do time, também se debate quais apoios seriam aceitos (comércios locais, regionais), para não contradizer com as ideias do time. O time também é contra apoio de vereador (exemplo), como você pode ver em camisas de	Sim sim. Então, que que acontece, os campeonatos que a gente joga, a gente joga um campeonato de 38+ (idade), de sábado, que custa uns 180 de arbitragem e 160 de campo {trecho omitido: conversa secundária}. Então a gente arruma alguns patrocinadores pra estampar a camisa e cada jogador compra o seu (kit), então o dinheiro que eles pagam, a gente paga o campo e o juiz. Normalmente quem patrocina é quem é parceiro e confia na gente (Quilombo enquanto time), ou até mesmo jogador, que bota uns 250 reais a mais, mas normalmente é alguém próximo, que confia na gente mesmo.	*{trecho omitido: conversa secundária}* O Pumas não tem patrocinadores (pausa para pensar), que eu me lembre nunca teve. Tem apoiadores, mas o que sustenta e financia mesmo o time é a própria diretoria. Ainda tem gente que não joga mais e ainda tá nos grupos (das Redes Sociais?) e o pessoal vai lá e ajuda.

outros “ó (cita exemplo) de patrocinador” ou então o projeto do cara, então a gente não pode aderir isso, como criticar um sistema se ele te paga? *{trecho omitido: conversa secundária}*		

Fonte: Acervo gravado e transcrito pelo autor, 2026.

No que tange o ato de manter o time, observa-se que a não presença de patrocínios nos times dos entrevistados se baseia no fato de que, além de serem amadores, os times buscam por sua autonomia. Seja no pensar (como no caso do E. 2), como na percepção do jogo enquanto lazer (Como apresentado nas respostas dos entrevistados E. 3 e E. 4), já que apesar de competitivos, os times se preocupam mais com o time enquanto ponto de encontro e convivência.

Quando perguntados sobre “Qual a importância do time para seus jogadores e frequentadores?”, obteve-se as seguintes respostas (Quadro 13)

Quadro 13: Respostas à pergunta “Qual a importância do time para seus jogadores e frequentadores?”

E. 2 (Homem, 34 anos)	E. 3 (Homem, 37 anos)	E. 4 (Homem, 43 anos)
O Revolução (Time) abraça muitos jogadores que eventualmente não participariam de outros times (seja pela competitividade quanto pelas qualidades dentro de campo e condições físicas), e faz a tarefa difícil de explicar quais as funções que cada um exerce sobre o time dentro (funções táticas) e fora (organização do time enquanto coletivo) de campo *{trecho omitido: conversa secundária}*. A distribuição dessas funções ajuda a compreender a importância do coletivo para o funcionamento do time, tanto nas ideias quanto em campo, pra não só usufruir do coletivo, mas também sustentar ele (coletivo do time).	*{trecho omitido: conversa secundária}* Então, quando a gente fala de futebol e música para comunidade negra, é uma coisa muito presente. Durante muito tempo, essa era a forma de lazer da população, o futebol de várzea tem essa função social de ser o lazer do cara comum, que trabalha a semana inteira, fica estressado e precisa ter uma válvula de escape, assim como a música e a cultura, então acaba sendo a junção das coisas.	(...) Cara, como eu disse, ainda tem muita gente que não joga mais, mas ainda tá ligado com o time. Esses dias mesmo a gente (Pumas) tava fazendo uma campanha, porque a gente tava precisando de sangue na Santa Casa, apareceram 18 pessoas… caras que nem jogam mais pelo Pumas… eu então acho que conseguimos sim (ser importantes para jogadores e ex-jogadores do time?). *{trecho omitido: conversa secundária}*

Fonte: Acervo gravado e transcrito pelo autor, 2026.

As respostas dos entrevistados, demonstram em diferentes escalas e circunstâncias que o futebol possui sua relevância, sendo que sua função social atribuída também se mostra presente. Da possibilidade de participação em

campeonatos, como apresentada na resposta do E. 2, até as relações entre jogadores e ex-jogadores do Pumas, como citado pelo E. 4, tendo outras conexões e dinâmicas que dão importância às relações presentes nos times de futebol amador.

O senso coletivo empregado, ainda que com suas características particulares de cada time amador, permanece, transbordando para fora da prática do futebol e se vinculando a outros lazeres, como a música. A importância dada ao time no cotidiano dos entrevistados se põe no que, como dito pelo E. 3 (Homem, 37 anos): "o futebol de várzea tem essa função social de ser o lazer do cara comum, que trabalha a semana inteira, fica estressado e precisa ter uma válvula de escape, assim como a música e a cultura, então acaba sendo a junção das coisas."

Quando perguntados sobre "O time auxilia no exercício da cidadania, em ações como reivindicar suas necessidades sociais?", obteve-se as seguintes respostas (Quadro 14)

Quadro 14: Respostas à pergunta "O time auxilia no exercício da cidadania, em ações como reivindicar suas necessidades sociais?"

E.2 (Homem, 34 anos)	E. 3 (Homem, 37 anos)	E. 4 (Homem, 43 anos)
O time se vincula a muitos movimentos de lutas pelos direitos das mulheres *{trecho omitido: conversa secundária}* e sindicatos, a gente preza muito pelo direito à autogestão, autodefesa, coisas que não são faladas inclusive dentro do campo da esquerda que está no poder hoje {trecho omitido: conversa secundária} com essa ideia de reformismo neoliberal. *{trecho omitido: conversa secundária}* Esse vínculo aos sindicatos nos conecta a outros movimentos, a partidos (PSTU) e artistas *{trecho omitido: conversa secundária}*	*{trecho omitido: conversa secundária}* Então, quando a gente foi criar o Quilombo, a gente foi chamar a galera do pagode da cidade, que fazia música e jogava no Society do Sidão (próximo da Unesp). No pagode tinham muitos ex-jogadores de base de times da região, então muitos entraram pro time, entendendo a proposta do time (de ser ligado a raízes afro-brasileiras), tem até pessoas não-negras que são participantes, sempre toparam e nos apoiaram. *{trecho omitido: conversa secundária}* Acredito que o time seja uma continuidade de todo um contexto que já existia em Rio Claro (de times e clubes negros), alguns eram mais focados que o Quilombo, mas ainda assim foram muito importantes (clubes negros e escolas de samba, escola gracifis, fundada dentro de um clube negro). Quando a gente pensa num time de futebol, muitas vezes ele representa	(...) Sim sim, a gente (Pumas) faz muita ação social, o futebol entregou muita coisa boa pra gente, (a gente) faz bastante mesmo, é poder passar pra molecada essa questão social do esporte na vida das pessoas. *{trecho omitido: conversa secundária}* A gente faz de tudo, campanhas desde cesta básica, campanhas de Natal, Páscoa, até na questão de apoiar o garoto, apoiar o menino que tem esse sonho ser jogador, levar no aeroporto, pagar alojamento, muitas coisas que nós já fizemos pra apoiar e mostrar esse lado do esporte, pra que entendam que o futebol é uma ferramenta importante pro caráter deles (meninos?)

	mais fora que dentro de campo, futebol é 90 minutos, você ganha, perde, mas quando você tem uma "marca", uma identidade, que fala por si só. A gente (time do Quilombo) faz eventos antes e depois dos jogos, a resenha, o sambinha, o pagode e a música antes e depois do jogo, uma galera acaba indo, e isso acaba fazendo com que a gente (time) influencie. Então aproveitamos para fomentar discussões e debates sobre o racismo.	

Fonte: Acervo gravado e transcrito pelo autor, 2026.

Como é possível observar pelas respostas dadas pelos entrevistados, dos debates até as ligações com movimentos e ações sociais, os times amadores tendem a abraçar causas e realizar atividades "extracampo" que complementam não só sua noção coletiva enquanto time, mas também enquanto cidadãos. Com base nas respostas realizadas em meio às entrevistas realizadas com membros de times amadores de Rio Claro, é possível observar características comuns entre as equipes, como o lazer e noções de coletividade entre seus jogadores, utilizando-as tanto para reivindicações quanto para a sociabilidade entre seus jogadores.

Formados em grande parte por trabalhadores, o time ocupa no cotidiano de seus adeptos a válvula de escape em meio a rotina, sendo um lazer que se mistura com samba, pagode e churrasco. O futebol não se restringe apenas ao futebol amador, praticado por adultos, no uso do esporte enquanto ferramenta de saúde e sociabilidade na cidade.

Há em escolinhas de futebol, ligadas tanto à prefeitura quanto aos times, sejam eles amadores ou profissionais, utilizando de variados espaços, quadras e campos de futebol e de futebol society para a prática de crianças e jovens. Para a melhor compreensão das dimensões presentes em uma escolinha de futebol de Rio Claro, foi realizada entrevista com um agente ligado à gestão do Projeto Panorama (Figura 27), que busca unir o esporte, lazer e educação na cidade, identificado neste trabalho como E. 5 (Homem, 56 anos).

Figura 27: Quadra presente na estrutura do Projeto Panorama, Rio Claro, São Paulo Brasil



Fonte: Acervo do autor, 2026

O quinto entrevistado, líder comunitário e responsável pelo projeto que possui o mesmo nome do bairro (Jardim Panorama), argumenta que o projeto tem como principal objetivo retirar crianças da marginalidade. O espaço no qual o Projeto se estabeleceu, construído em 2002, antes era dominado pelo tráfico e prostituição, entretanto, após insistências da comunidade, retomou suas atividades enquanto projeto social. O local conta com cozinha, onde são lecionadas aulas de culinária e costura, área de informática e quadra, sendo um espaço que atende as mais diversas idades.

O entrevistado (Homem, 56 anos), no início da conversa, relatou que, utilizando-se de projeto do governo federal, nomeado “Projeto Segundo Tempo”, que tinha como secretário Reginaldo Brida, fez com que o Projeto Panorama obtivesse suporte do governo por cerca de 2 anos, com a previsão de que após determinado período, a cidade assumisse a ajuda e suporte financeiro do projeto. Entretanto, após o período de suporte do governo federal se encerrar, a prefeitura optou por descontinuar o projeto, retirando materiais esportivos e alimentação do local. Quando foi realizada a pergunta “Qual a função da escolinha de futebol para o bairro e a cidade?”, obteve-se como resposta

> A função do Projeto Panorama é transformar vidas, tirar essas crianças da rua e dar uma oportunidade pra eles, mostrar pra comunidade que existem outras formas a não ser o caminho da droga e da prostituição. O objetivo é esse! (Homem, 56 anos)

Observa-se que o projeto Panorama, bem como outros projetos sociais ao redor do Brasil, tem como objetivo, além de sua função socioeducativa, apresentar outras alternativas ao público infantil aos conflitos cotidianos, como o tráfico de drogas e a prostituição, citados pelo entrevistado. Localizados em bairros periféricos, projetos como o do entrevistado são de grande importância para uma parcela negligenciada da população, proporcionando um espaço e ações que não são dadas pela gestão municipal, estadual ou federal.

Após a primeira pergunta, o entrevistado foi perguntado sobre "Qual a importância da escolinha para seus alunos em seu cotidiano?", obteve-se como resposta

> Então, a importância da escolinha, tanto para os alunos quanto para os pais, é que assim, quando eles estão aqui comigo, eles não estão na rua, (a gente) está dando a oportunidade para que os pais possam trabalhar. Aqui funciona em período contrário ao da escola, então de manhã eles estão na escola e de tarde eles estão aqui comigo e vice-versa, *{trecho omitido: conversa secundária}*
> Então dá oportunidade para que aqueles pais que às vezes teriam que pagar um lugar pra criança ficar, aí eles ficam aqui no período que eles (os pais) estão trabalhando. *{trecho omitido: conversa secundária}* (Homem, 56 anos)

A fala corrobora muito com a análise feita por Thomassin (2014), onde espaços como escolinhas de futebol e outros projetos e atividades extracurriculares, ligadas a esporte, cultura, arte, ocupam importante espaço no itinerário não só dos alunos, mas também de seus pais. Projetos como o Projeto Panorama, portanto, cumprem funções para além da mera prática do futebol e de outros esportes, realizando papel fundamental no exercício da cidadania da comunidade, muito trabalhado ao longo deste trabalho, lidando com problemas como a ausência de apoio do estado e ainda assim, construindo redes de contatos entre os moradores do Jardim Panorama.

Quando perguntado sobre "A escolinha auxilia no lazer e educação de seus alunos?", obteve-se como resposta

> Assim, tudo que nós fazemos aqui auxilia no lazer e na educação porque no projeto Panorama nós não permitimos que a criança fique sem camisa, não permitimos palavrão. Tanto que hoje eu falo que eu tô as maiores crianças do mundo (risos, pois crianças estavam ouvindo porta a fora), elas não falam palavrão, quando acontece alguma coisa e chamam (nome ocultado), e resolvemos. Então é uma relação de educação e respeito. *{trecho omitido: conversa secundária}*
> Só participa (do Projeto Panorama) quem tá na escola, e só participa dos campeonatos (que saem da cidade etc.) quem tem notas boas "Ah mas peraí, o menino deu trabalho na escola e teve advertência" se teve advertência, não vai deixar de vir aqui, mas não vai participar dos

> campeonatos, das viagens. *{trecho omitido: conversa secundária}* (Homem, 56 anos)

Tal resposta apresenta a parceria comunitária entre o projeto social e a escola, onde o aluno necessita se comportar e ir bem nas provas para participar de competições. Junto disso, a busca por ensinar um bom comportamento aos frequentadores compõe a função pedagógica, realçada mais uma vez pela ligação entre a escola do bairro e o projeto.

Sobre tal dinâmica, Sanches e Rúbio (2011) argumentam que

> É necessário destacar que, para que esses aspectos possam ser trabalhados de forma que sejam introjetados e incorporados pelos participantes em seus relacionamentos com os mais diversos campos de suas vidas, é necessário que seja priorizada a intervenção com os ambientes que compõem a rede de apoio social e afetivo do indivíduo. Dessa forma, evidencia-se a importância de trabalharmos com o grupo de iguais, ou seja, com o comportamento dos outros integrantes/praticantes da atividade esportiva de forma que os valores trabalhados sirvam de modelo e sejam adotados por todos. (2011, p. 838-839)

Como argumentado por Sanches e Rúbio (2011), a construção de redes de apoio social e afetivo são de grande importância para o indivíduo, portanto, o trabalho realizado por projetos como o analisado se tornam relevantes para a construção da cidadania do frequentador daquele local. Quando perguntado sobre "A escolinha auxilia no exercício da cidadania, noções de coletivo, igualdade dentro e fora de campo?", obteve-se como resposta:

> Com certeza, é o que a gente busca aqui igualdade e fraternidade é algo que nós pregamos nesse projeto *{trecho omitido: conversa secundária}* eu vejo na rua, muitos se perderem, muitos seguirem no caminho bom, muitos hoje sobrevivem pelo esporte por coisas que começaram aqui, são professores que conseguiram bolsas de estudos em faculdades, como a (Faculdade) Claretiano, que nós temos parceria (Cita casos específicos de alunos que seguiram para outros estados e países por conta da prática iniciada no Projeto Panorama) *{trecho omitido: conversa secundária}* (Homem, 56 anos)

Com a resposta apresentada, junto do que foi argumentado anteriormente por Sanches e Rúbio (2011), um local como o Projeto Panorama foca na ampliação de oportunidades no contexto em que está inserido, indo além da sociabilidade e lazer, com foco no incentivo a empregos, estudo, dentre outros benefícios.

- **3.3- O futebol profissional**

Para além da vasta cultura de times amadores na cidade de Rio Claro que foi apresentada anteriormente, a cidade ainda abriga em seu território e times profissionais um tanto consolidados, com ambos disputando as principais divisões do estado (Figura 28).

Figura 28: Partida entre Velo Clube e Rio Claro, times da cidade, pelo Campeonato Paulista série A2, 2024.



Fonte: Diário de Rio Claro (2024)

No âmbito do futebol profissional de Rio Claro, a cidade se divide entre quatro cores e dois times, sendo eles representados pelos lados alviceleste, relacionado ao time do Rio Claro Futebol Clube (item 3.3.1) e o rubro verde, relacionado a Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense (item 3.3.2).

- **3.3.1- Rio Claro Futebol Clube**

Figura 29: Escudo do Rio Claro Futebol Clube



Fonte: Rio Claro Futebol Clube (2025)

O lado alviceleste de Rio Claro é representado pelo time que carrega o nome da cidade, o Rio Claro Futebol Clube. Uma das equipes mais antigas do estado de São Paulo, o time foi criado no ano de 1909, tornando-se um tradicional time do interior paulista (NETO, KUSSAREV JR., 2001), além de ser, segundo a Federação Paulista de Futebol, o terceiro clube mais antigo em atividade no futebol profissional do Estado de São Paulo, atrás da AA Ponte Preta de 1900 e da AA Internacional de Bebedouro de 1906.

Fundado pelos ferroviários da Cia. Paulista, sendo eles Bento Estevam de Siqueira, Constantino Carrocine e João Lambach, junto do professor Joaquim Arnold, o time é parte da construção do lazer da cidade em meio às demandas de trabalho do início do séc. XX (CAMPOS, SOTERO, 2014). Ao longo de seus anos, o time, ainda que tenha se profissionalizado, frequentava e participava em campeonatos amadores, com um time paralelo ao profissional.

Sendo o primeiro time a possuir iluminação em seu estádio, em 1946, além de ser um dos primeiros times do interior a realizar uma viagem de avião, no ano de 1947, em voo rumo a Sorocaba, para enfrentar o Votorantim. Presente no Campeonato Paulista desde a inauguração da Lei do Acesso[10], no ano de 1948, o time sempre esteve presente nas divisões do futebol paulista, ainda que não tenha alcançado a elite estadual no séc. XX.

[10] A Lei do Acesso, criada em 1948 pela Federação Paulista de Futebol, permitiu que times do interior subissem para a elite. O Rio Claro Futebol Clube fez parte da edição inaugural deste histórico torneio, que foi disputado por mais de 40 clubes da Segunda Divisão.

O primeiro acesso à primeira divisão do clube ocorreu em 2006, após projeto iniciado em 2001 ao ser vice-campeão da série B2 do estadual (equivalente a 5ª divisão do campeonato paulista), campeão da B1 em 2002 e retornando às séries de nível A. Posteriormente, em 2005 o time conquistou vaga na série A2, e após o acesso de 2006, veio a disputar a primeira divisão do Paulistão em 2007. Terminando o campeonato em 12º lugar, garantiu vaga na série C do Brasileirão daquele ano, tornando-se o primeiro time da cidade a se classificar para uma competição nacional, ainda que não tenha ido disputar a competição devido a limitações orçamentárias.

Dentre seus principais títulos, encontram-se os apresentados no Quadro 15 a seguir.

Quadro 15: Títulos pertencentes ao Rio Claro Futebol Clube, 2025

Estaduais	Campeonato Paulista ● A2- 1928 e 1929 ● A4- 2002
Regionais	Campeonato Paulista do Interior (APEA) ● 1921, 1922, 1928, 1931, 1933, 1935, 1936, 1937, 1942, 1943, 1945 e 1946
Municipais	Taça da Cidade de Rio Claro ● 2013 Campeonato da Cidade de Rio Claro ● 1921, 1922, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1945, 1946, 1948, 1959, 1963 e 1964

Fonte: Federação Paulista de Futebol. Elaborado pelo autor (2025)

Dentre as categorias de títulos possíveis de destacar, encontram-se os títulos amadores e de campeonatos municipais, tendo em vista que o time possuía times simultâneos, de prática profissional e amadora. Tal prática ajudou o Rio Claro a ser um dos mais vitoriosos sobre solo rio-clarense, junto do tradicional Cidade Nova FC.

Após o rebaixamento, veio a disputar a divisão A3 do Campeonato Paulista, após desempenho questionável ao longo do ano de 2025. Possui como estádio o Estádio Municipal Augusto Schmidt Filho, popularmente chamado de Schmidtão (Figura 30), recebendo times dos quatro cantos de São Paulo, seja pelas categorias de base ou no âmbito profissional.

Figura 30: Estádio Municipal Augusto Schmidt Filho



Fonte: Globo Esporte (2019)

Inaugurado no dia 28 de janeiro de 1973, o estádio teve como partida de estreia a partida entre Rio Claro e Corinthians, terminando com vitória do time alvinegro por 2 a 1. Antes do estádio Schmidtão, o Rio Claro chegou a utilizar outros espaços para a sua prática, como demonstrado no quadro a seguir.

Quadro 16: Histórico de uso de espaços pelo Rio Claro FC.

Período	Espaço
De 1909 até 22 de Março de 1914	Campo que existia no Bairro Cidade Nova
De 29 de Abril de 1914 até 1930	Campo do Grêmio dos Empregados da Cia. Paulista
De 1931 até o ano de 1972	Antigo Estádio Municipal, hoje Espaço Livre de Convivência do Centro
De 28 de Janeiro de 1973 até os dias atuais	Atual Estádio Dr. Augusto Schmidt Filho

Fonte: Rio Claro Futebol Clube (2025)

- **3.3.2- Associação Esportiva Velo Clube Rio Clarense**

Figura 31: Escudo do Velo Clube



Fonte: Velo Clube (2025)

O lado vermelho e verde, representa a Associação Esportiva Velo Clube Rio Clarense. Fundado um ano depois de seu rival histórico, o time rubro verde recebeu esse nome em homenagem ao ciclismo, esporte de muita importância na época, sendo um dos principais meios de transporte da cidade em que o time se localiza.

Sendo um dos mais tradicionais times do interior paulista, disputando diversos campeonatos ao interior do estado, como o organizado pela APEA, o Velo Clube se destaca por ser um dos poucos times de São Paulo a disputar todas as divisões existentes e regidas pela FPF (NETO, KUSSAREV JR., 2001).

O clube, inicialmente focado na prática do ciclismo, teve em sua história 10 anos dedicados a tal atividade, transformando assim a cidade de Rio Claro em um pólo do esporte pelo interior paulista, atraindo assim atletas de diversas partes do estado. Até que, em 1920, como iniciativa do grupo liderado por Felício Castellano e Aldino Tebaldi, o Velo Clube iniciou sua história no futebol rioclarense (FPF, 2025).

Resultado da fusão de dois clubes, o Velo Clube e o Comercial Futebol Clube se unem para o nascimento do galo rubro verde, passando a ser a equipe chamada Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense. Mantendo a data de fundação do antigo clube de ciclismo (28 de Agosto de 1910), o Velo Clube, que já era dono do velódromo de Rio Claro, construiu pequeno estádio sobre o espaço, entre Vila da Caridade São Vicente de Paula e a Santa Casa de Misericórdia, sendo esse local a atual localização do Benitão (Figura 32), estádio do time (FPF, 2025).

Conquistou o acesso para a primeira divisão estadual em 1978, após disputar três partidas contra o Paulista de Jundiaí, em partida realizada no estádio Brinco de

Ouro da Princesa, em Campinas. Cerca de 10 mil torcedores lotaram o estádio para ver o acesso do clube ao Paulista de 1979, felicidade que pouco tempo durou, tendo em vista que o Velo Clube não conseguiu se manter na elite, sendo rebaixado para a segunda divisão em 1980 (FPF, 2025).

Atualmente, o Velo Clube se encontra na primeira divisão do Campeonato Paulista (A1) devido a promoção que ocorreu após ser campeão da A2, no ano de 2024, em uma demora de cerca de 45 anos (FPF, 2024). Dentre seus principais títulos, encontram-se os apresentados no Quadro 17 a seguir.

Quadro 17: Títulos pertencentes ao Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense

Estaduais	Campeonato Paulista ● A3- 2020 ● A2- 2024
Regionais	Campeonato Paulista do Interior (APEA) ● 1925

Fonte: FPF. Elaborado pelo autor (2025)

Possui como estádio o Estádio Municipal Benito Agnelo Castellano, popularmente chamado de Benitão (Figura 31), tendo recebido grandes jogos em escala estadual (Como o jogo da vitória sobre o Santos por 2 a 1, no dia 25 de janeiro de 2025). Para além disso, no ano de 2026 o time recebeu times de todo o Brasil após se classificar para o Brasileirão série D devido ao desempenho no Campeonato Paulista de 2025.

Figura 32: Estádio Municipal Benito Agnelo Castellano , o Benitão



Fonte: Jornal Cidade (2025)

Localizado no Bairro da Saúde, a casa da equipe rubro verde é a estrutura mais moderna no que diz respeito a espaços de prática futebolística em Rio Claro. Com o acesso à primeira divisão do Campeonato Paulista em 2024, foram realizadas várias reformas no estádio, entre a promoção e o começo da competição no ano seguinte, a fim de atender as demandas consideradas necessárias para receber os times com os quais disputou e virá a disputar partidas durante o primeiro semestre dos anos, tendo sua reabertura em jogo contra o Noroeste, no dia 15 de janeiro de 2025.

Além dos jogos do profissional, o estádio também recebe jogos das categorias de base realizados durante o ano, tendo tais partidas principalmente após o fim do campeonato paulista, principal competição disputada pelo time. Para além do esporte, o Velo Clube ainda mantém acesa a sua ligação com o ciclismo, promovendo rotas e passeios sobre as ruas rioclarenses (Figura 33).

Figura 33: Imagem de divulgação do 3º Passeio Ciclístico João Marcondelli e rota seguida



Fonte: Acervo “Velo em Imagens”, presente no Instagram (2025)

O time mantém conexão com práticas efervescentes para a população de Rio Claro, tendo relacionada a sua imagem não só o futebol, como também a prática do ciclismo, a qual se realiza no território da cidade. Para além disso, o estádio do time Rubro Verde tornou-se símbolo da cidade do esporte, como apresentado em propagandas municipais após o jogo entre Velo Clube e Corinthians (Figura 34)

Figura 34: Publicação do perfil oficial da cidade de Rio Claro sobre o jogo entre Velo Clube e Corinthians, 2026



Fonte: Instagram da Prefeitura de Rio Claro, 2026

Em post ressaltando o público presente no estádio durante a partida do campeonato paulista, contendo mais de 7 mil torcedores presentes, a prefeitura de Rio Claro coloca o estádio Benitão em destaque, como patrimônio componente da cidade. Tal estratégia, junto do título entregue pelas ACES Europe a cidade, compõe

a busca por colocar Rio Claro como um ponto de prática esportiva, ainda que, como apresentado ao longo do trabalho, tal título ainda possua conflitos e contradições.

3.4- O(s) torcedor(es) de Rio Claro

Como dito anteriormente, a cidade de Rio Claro possui dois times profissionais (Rio Claro Futebol Clube e Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense), para além dos vários times amadores que lotam o território rioclarense. Tanto os times profissionais quanto os amadores possuem suas torcidas, ainda que algumas mais ativas que outras, responsáveis por dar energia e vida às arquibancadas durante as partidas.

Figura 35: Torcida Geral, torcida organizada do Velo Clube, de Rio Claro



Fonte: CNN (2025)

Dentre as mais ativas, destacam-se as vinculadas ao lado rubro verde, como a Torcida Geral (Figura 35) e Família Veloucura, parte fundamental das campanhas de acesso em 2024 e permanência na primeira divisão em 2025. A função da torcida se complementa a busca pelo direito ao espaço do torcer, criando suas próprias regras e buscando reivindicar melhores condições para o bem coletivo, sejam econômicas ou sociais. Um exemplo ocorreu durante a campanha do Paulista de 2025, quando após a alta de preços, além da retirada da gratuidade de entrada de crianças velistas ao estádio, a Torcida Geral veio a se posicionar perante tais mudanças. Em seu principal portal de comunicação entre membros e simpatizantes

no Instagram, a Torcida Geral (2025) publicou uma nota em repúdio a tais mudanças:

> Um novo capítulo das mentiras mercenárias vem à tona.Como todo velista sabe, crianças nunca pagaram para entrar no Benitão em jogos do Velo. Essa medida inteligente, democrática e popular, que vem de décadas, sempre contribuiu para a ida de famílias em partidas do rubro-verde e também para a renovação geracional de nossa torcida, mesmo quando passamos anos e mais anos no fundo do poço, jogando por mais de uma década seguida o inferno que era a famosa “Bezinha”.
> Essa “isenção” continuou no início da A1 2025, de forma que as crianças entraram gratuitamente contra o Noroeste, na estreia. Curiosamente, às vésperas do jogo contra o Santos, a FPF teria passado ao Velo a informação de que crianças deveriam pagar ingresso.Engraçado: esse dever não existia até o jogo de maior apelo de público no Benitão, cujo ingresso dobrou de valor.
> Semanas e dias passados, a inconsistência da informação é flagrante: equipes do interior seguem concedendo entrada grátis às crianças, ainda mais nesse contexto de reta final de campeonato, no qual a presença do torcedor é ainda mais importante. Revoltados, recebemos a informação de que os clubes PODEM cobrar os ingressos de crianças, mas não são obrigados. Ou seja, cobrar de crianças é um direito, não dever.
> Mas no princípio do diálogo e direito de resposta, afirmamos: se a diretoria do Velo nos apresentar um documento da FPF que comprove o dever de cobrar ingresso de crianças e bebês, nos retrataremos publicamente das queixas apresentadas até aqui. (2025)

Publicado no dia 6 de fevereiro de 2025, a nota apresenta a principal função da torcida como organização coletiva, sendo parte da busca pelo direito de torcer no estádio e no direito de ocupar seu espaço na arquibancada. Além disso, a Torcida Geral também realiza atividades entre seus membros, como festividades como arraiás e feijoadas em sua sede, localizada na Avenida P 27, nº 32, no bairro Vila Paulista, região norte de Rio Claro (Figura 36).

Figura 36: Sede da Torcida Geral e seus membros antes de excursão para partida do Velo Clube, 2026



Fonte: Redes Sociais da Torcida Geral, 2026

Para a melhor compreensão das dinâmicas e percepções da torcida, foi realizada a entrevista com um de seus membros no Estádio Municipal Dr. Augusto Schmidt Filho, em Rio Claro, enquanto ocorria um “derbinho” entre os times de base, na categoria sub-11, do Rio Claro e o Velo Clube. A entrevista então, teve ao seu redor torcedores organizados e avulsos que passavam por perto enquanto as respostas eram ditas, com cumprimentos constantes entre aqueles que ocupam as arquibancadas velistas.

O entrevistado, identificado no trabalho como “E.6”, morador de Rio Claro desde que nasceu, ressaltou que participa da Torcida Geral desde sua fundação, em 2011, e que seus laços com o time vieram das idas ao estádio com sua mãe, também torcedora velista. Quando perguntado sobre “Qual a importância do time de futebol para a cidade/bairro?”, o entrevistado respondeu que:

> **E.6:** A importância é muito grande porque… eu creio que a globalização faz com que a gente viva uma equiparação meio forçada, e isso mina tradições locais… talvez seja algo deliberado, talvez não seja, mas elementos locais, municipais, vão se perdendo. Esse fenômeno num rola só no futebol, acho que alcança tudo (globalização), a cultura, músicas, filmes, hábitos, creio que cada vez mais role um esvaziamento do que é a cultura local, quando você tem um time local acaba que ele acaba se tornando um dos únicos elos (da cidade) que acaba se mantendo de pé, então o time acaba se confundindo com a cidade. Pra mim, que sou uma pessoa que gosta da

> minha cidade, acho que poderia ser melhor, acho que faz alguns anos que tiveram algumas gestões muito ruins *{trecho omitido: conversa secundária}*, mas eu continuo gostando da minha cidade e acaba que o time (Velo Clube) se torna uma defesa da cidade por conta disso né? Porque é uma coisa nossa, a gente tem esse sentimento de pertencimento, a gente se sente parte daquilo. (Homem, 30 anos)

Observar como o entrevistado aponta o time de futebol da cidade como parte da cultura local é algo de grande riqueza para a análise geográfica do espaço urbano. A defesa de características locais em meio a um contexto de globalização que padroniza comportamentos é algo de suma importância para a sobrevivência cultural de times como o Velo Clube.

Tendo isso em vista, quando perguntado sobre “O torcer te conecta ao espaço de Rio Claro?”, o entrevistado respondeu:

> **E. 6:** Nossa, com certeza, muito. (O torcer) acaba sendo um denominador comum, porque naturalmente a gente que tá a muito tempo na torcida, em posições de liderança, acaba conversando com muita gente, acaba tendo muito contato, então, acaba tendo esse fator, porque o futebol é algo que mais une e desune pessoas (risos). Quero dizer, tem pessoas dentro da torcida muito diferentes, tem pessoas de classes sociais, de posicionamentos políticos diferentes, de religiões diferentes *{trecho omitido: conversa secundária}* e isso é muito legal, porque eu vejo que possuo um leque de relacionamentos bem maior que a maioria das pessoas, e esse denominador comum que é a Geral e torcer pro Velo, une a gente. (Homem, 30 anos)

A resposta do entrevistado demonstra que a conexão com a cidade vem da diversidade presente de pessoas de diferentes bairros, classes sociais e culturas diferentes proporcionadas pelo ato de torcer para o mesmo time. O “denominador comum”, como dito anteriormente pelo E.6, faz com que as respostas, anteriores e seguintes, se complementem no que tange a função social da torcida organizada.

Como abordado anteriormente no subcapítulo 1.5, e como ressaltado pelo entrevistado, em meio ao individualismo e a falta de uma identidade regional promovida pelo neoliberalismo, o torcer causa o sentimento de coletividade junto à cidade. Tendo isso em vista, quando perguntado sobre “Qual a afetividade que o torcer te traz ao lugar?”, o entrevistado respondeu que:

> **E. 6:** Olha, torcer é uma coisa muito gostosa né, te ensina perseverança né? O Velo Clube agora teve momentos melhores mas sempre foi um time de massa, popular, mas num tem como negar que tem outros times do interior que tem o currículo melhor, em nível nacional e estadual, e o Velo nunca figurou entre os melhores do interior, mas isso também ajuda a perseverar junto com o time *{trecho omitido: conversa secundária}* Eu num vô muito pra jogo na expectativa de ganhar, é legal ver o pessoal, a gente acaba conhecendo até os funcionários do time.
> Tem gente que conversa de Velo comigo e eu nem sei quem é, perguntaram “E o Velão?” e eu não conheço a pessoa (Risos). O que ajuda também é o

> próprio estádio do Velo, que foi construído pela torcida, uma construção popular, não tem alambrado, é muito próximo do torcedor. *{trecho omitido: conversa secundária}*

A resposta do entrevistado, com o exemplo do “E o Velão?” vindo de pessoas desconhecidas pelas ruas de Rio Claro, apresenta a construção de uma identidade e manutenção de uma cultura do torcer local. Ao longo da entrevista, foi destacado que itens da torcida são encontrados e usados até mesmo por pessoas não-vinculadas à torcida, mas que acompanham o Velo. Como argumentado por Sobrinho et al. (2018) a construção de uma identidade coletiva consolida a organizada como parte do cotidiano de seus membros, ditando seu cotidiano, rotina e comportamentos.

Ao ser realizada a pergunta “O torcer é parte do exercício da cidadania no futebol?”, o entrevistado respondeu que

> Sim, acho que em algum nível, quando a gente fala da realidade do torcedor organizado, que em via de regra são pessoas simples, pessoas pobres, com baixa escolaridade, pessoas que em algum nível tem poucas opções de lazer, num tem um clube pra frequentar, que não tem recursos financeiros muito grandes pra viajar. Eu vejo que isso é uma das coisas mais legais de uma torcida porque você vê gente arranjando emprego um pro outro, sempre puxam vaquinha, rifa, leva uma cesta pro cara.
> As vezes tem cara que num tem condição de ir pro jogo, mas tá disposto a ir, alguém paga pra ir (no jogo), isso rola direto na geral. Alguns que tem condição mais privilegiada falam “Ó, num tenho condições de ir mas pago pra alguém ir”, isso gera uma sensação de coletividade, de cidadania em algum nível, de algum nível de altruísmo, que é muito legal. (Homem, 30 anos)

A conexão feita pelo entrevistado entre a Torcida Organizada, cidadania e coletividade conecta-se à argumentação de Sobrinho et al. (2018) em sua análise de uma jovem torcida do Atlético Mineiro

> Com relação ao relacionamento entre os membros da torcida, foram recorrentes as respostas que apontaram para o sentimento de união, de integração e até mesmo de pertencimento a uma família. A identidade coletiva da torcida, dessa forma, é representada como homogênea e harmônica. Os entrevistados afirmaram que na torcida encontraram pessoas que estão unidas pelo mesmo ideal, que é apoiar o time, e que por isso trabalham sempre juntas e constroem afinidades que vão além do futebol. A torcida organizada se tornou ainda um espaço de refúgio, de confraternização, de encontro e de socialização dos membros. (2018, p. 58)

Assim, como trabalhado ao longo da entrevista e com base nas afirmações de Sobrinho et al. 2018, podemos afirmar que o torcer se torna uma dentre as formas de ampliação do direitos à cidadania por meio do futebol. Ainda que com dinâmicas e práticas diferentes, já que a conexão com o esporte se faz presente por meio das

arquibancadas, e não com a prática do esporte, como em outras formas apresentadas ao longo do terceiro capítulo.

Considerações finais

A partir da discussão realizada ao longo dos capítulos apresentados acerca do desenvolvimento do da dimensão espacial do futebol, da origem do esporte e de sua chegada no território brasileiro, bem como sua relação com o espaço urbano do Brasil e por fim, a realidade rio-clarense, é possível observar, em diversas escalas a relação entre a prática futebolística e o espaço urbano. Como apresentado, desde sua transição como esporte de origem burguesa até sua apropriação por camadas mais populares, o esporte carrega consigo características, representadas em cores e cânticos, seja dentro de campo ou nas arquibancadas de campos e estádios.

Observando a dimensão espacial que o esporte ocupa desde o início da realização de suas partidas, em meados do fim do século XIX, o futebol perpassa a organização da cidade, as relações de classe e trabalho, bem como os conflitos sobre o acesso e direito ao lazer (constituinte da experiência cidadã), possuindo sempre embates de ordem cultural e de classes. A apropriação do esporte pelas camadas populares não fez com que a burguesia deixasse o esporte, muito pelo contrário, sendo responsável pela relação entre o que é mercadoria e o que é a cultura de determinada parte do público que ocupa suas arquibancadas e utiliza as cores de seu time.

Sendo assim, é possível observar que a prática do futebol ao redor do mundo carrega consigo características próprias em cada local analisado, tendo em vista que sua popularidade está atrelada não apenas a jogos antigos, mas também a facilidade de adesão ao esporte, seja no âmbito profissional quanto como uma brincadeira de rua. Ainda assim, o mesmo não se exime dos conflitos presentes paralelos à sua prática, informal ou profissional, tendo em vista que tanto a presença quanto a ausência de infraestruturas para a realização de partidas carregam decisões que transcendem as quatro linhas.

Os conflitos e contradições no espaço urbano problematizam e complexificam os debates sobre o futebol e sua relação com a cidade. Observar a prática de partidas informais nas ruas, por exemplo, denota a ocupação de um espaço público para uma prática de lazer que muitas vezes é negligenciada de camadas populares, que não têm acesso a clubes e infra estruturas propriamente ditas.

O mesmo debate se amplia na observação acerca de outros equipamentos como quadras e campos de futebol, já que ambos ao demandar espaço, não se exime de interesses sobre sua existência, uso e principalmente, a ocupação feita por times e gestões. Tanto o uso contínuo e a manutenção de locais, bem como a falta de tais ações, possui recortes que demarcam contradições na cidade, onde áreas mais centrais possuem reformas mais constantes que áreas periféricas da cidade.

Os estádios por sua vez, equipamentos tão importantes para o jogo profissional quanto a própria bola, tem suas disputas para além do direito à ocupação e consumo da arquibancada. Como elemento ligado ao futebol mais evidente no espaço urbano, os investimentos e interesses sobre o estádio chocam com a demanda de acesso apresentada pela população, tendo em vista sua mudança constante de um espaço popular de lazer para um espaço de consumo.

Todas as escalas de prática e espaços citados são realidades comuns, tendo em vista que o futebol foi um dos esportes modernos mais teve adesão ao longo da modernização de países que seguiram o modelo inglês de industrialização. Dessa forma, cada país, estado e cidade que tem o futebol como principal esporte possui características muito semelhantes e ao mesmo tempo, singulares, tendo em vista que sua prática se nutre e cresce junto aos regionalismos de seus praticantes, jogadores e torcedores.

Principal tema de análise deste trabalho, o futebol em Rio Claro possui relevância na cidade, possuindo campeonatos amadores com grande demanda de times, possuindo divisões, acessos e rebaixamentos anualmente, e frequentemente, com apoio da Secretaria dos Esportes do Município. Os times, representados por trabalhadores das mais diferentes etnias, religiões e classes sociais, encontram no futebol um lazer coletivo que permite aos seus jogadores e familiares conviver e se entreter em meio a cansativa rotina do resto da semana.

Junto do futebol amador, as escolinhas de futebol e projetos sociais com prática do esporte possuem importante papel em Rio Claro. Promovendo esporte, lazer e educação, as escolinhas fazem com que pequenas crianças tenham um espaço saudável e seguro para brincar enquanto seus pais trabalham, além de, em alguma escala, os afastarem dos efeitos da exclusão e violência estrutural, tão presente nas periferias brasileiras.

A cidade também possui equipes profissionais que utilizam dos estádios de Rio Claro para a realização de suas partidas em âmbito nacional e estadual, já que

ambos se encontram em divisões competitivas do campeonato paulista. Possuir dois times profissionais possibilita a cidade ter no ato de torcer outra dimensão de acesso ao lazer, com as torcidas organizadas sendo a representação simbólica do torcedor por reivindicações e o direito à constância no tange a ocupação das arquibancadas.

Os espaços de prática esportiva de Rio Claro, considerada uma das cidades do Esporte pela ACES Europe, dadas as proporções modestas de uma cidade interiorana, alcançam diversos bairros via seus distritais, quadras e demais espaços públicos, ainda que tamanha infraestrutura necessite de recorrentes reformas. Vale ainda ressaltar que, mesmo alcançando bairros afastados, faltam investimentos em determinados bairros, considerados periféricos.

A cidadania, bem como a identidade relacionada ao futebol em Rio Claro inclui múltiplos aspectos relacionados ao lazer por meio dos times existentes, das torcidas e das possibilidades de convívio através do jogar e do torcer. Para além da prática esportiva, o futebol associa-se ainda à ocupação de espaços na cidade, bem como à ampliação de seus usos.

A pesquisa, portanto, investigou o futebol, tendo como recorte a cidade de Rio Claro, enquanto uma prática imbuída no contexto de conflitos e contradições, caracterizadas pelo espaço urbano contemporâneo, ao mesmo tempo em que pode ser associada como parte do exercício de direitos dos cidadãos. Por meio de tal análise, observa-se que o esporte segue sendo, desde o processo de modernização de Rio Claro, uma das principais formas de lazer entre seus habitantes, principalmente homens (tendo em vista a ausência de mulheres em cargos relacionados aos recortes feitos, o que fez com que figuras femininas não fossem entrevistadas ao longo da pesquisa), sendo representados por seus times, amadores e profissionais, por suas escolinhas de futebol e por suas torcidas, dentro e fora das quatro linhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, M. M. **Os clubes negros e seu papel na constituição da identidade e movimento negro: A história do grêmio recreativo e familiar Flor de Maio em São Carlos - SP**. Revista InterAÇÕES - Cultura e Comunidade. v. 2 n. 2 , p. 91-105, 2007.

AGUIAR, R. C. B. **Para frente Brasil: a seleção brasileira como ferramenta de propaganda política e legitimidade durante o governo Médici (1969 - 1974)**. In: VII Seminário Internacional História e Historiografia: escrita da história e políticas da memória, 2024, Fortaleza. Escrita da História e Políticas da Memória. Sobral: Sertão Cult, 2024. v. 2. p. 606-616.

ALMEIDA, R. A. **"Brasil, país do futebol": globalização e centralidade brasileira na economia política do futebol**. 2025. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

Apenas 36% das escolas públicas no Brasil têm quadras esportivas. Correio Braziliense,2024. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2024/08/6915424-apenas-36-das-escolas-publicas-no-brasil-tem-quadras-esportivas.html. Acesso em: 31 mar. 2025

AQUINO, P. C. S. de. **A prática do futebol amador como lazer na perspectiva de tempo livre e a atitude de jogadores amadores em um município no interior sul cearense brasileiro**. Licere, Belo Horizonte, v.26, n.3, set/2023.

ALMEIDA, M. A. B. de. GUTIERREZ, G. L. FERREIRA, R. P. **Futebol e ferrovia: a história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista**. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.2, p.249-58, abr./jun. 2010

ALMEIDA, B. S. de; MARCHI JÚNIOR, W. **Das “origens” do esporte na Inglaterra aos Jogos Olímpicos idealizados por Coubertin: um olhar da produção acadêmica em língua inglesa**. Revista de Educação Física / UEM. Maringá, v. 26, n. 3, p. 495-504, 2015.

AZEVEDO, L. V. **A consolidação do futebol no Rio de Janeiro no período de 1894-1930: o futebol como um instrumento de inserção étnica**. Monografia. UFF (Campos dos Goytacazes), 2018.

BEZERRA, R. F.; MESQUITA, Z. G. **A geografia como camisa dez: uma análise da produção do espaço a partir do estádio de São Januário**. Estudos Geográficos (UNESP), v. 21, p. 100-121, 2023

BORGES, F. V. dos S. **A identidade do torcedor no país do futebol**. 2006. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006

BOTELHO, V. H, WENDT, A. PINHEIRO, E. S. CROCHEMORE-SILVA, I. **Desigualdades na prática esportiva e de atividade física nas macrorregiões do Brasil: PNAD, 2015.** Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, [S. l.], v. 26, 2021

BRASIL. Ministério do Esporte. **Diagnóstico Nacional do Esporte (Diesporte): caderno 1**. Brasília: Ministério do Esporte, 2015. Disponível em: www.esporte.gov.br/diesporte. Acesso em: 12 mar. 2025.

CAETANO, V. D. **Geografia, região e futebol: Uma nova proposta de disputa do Campeonato Paulista de Futebol**. Monografia, USP. São Paulo, 2017.

CAMARGO, A. A. F. **O torcedor como consumidor: Aspectos da identificação do indivíduo com seu clube de futebol**. Monografia, UFRGS. Porto Alegre, 2011.

CAMPOS, F. R. G. **Uma geografia do futebol amador: Espaços de representação do futebol amazonense a partir do "peladão"**. Tese (Doutorado em Geografia).Universidade Federal do Paraná. 2009

CAMPOS, M. T. de A. SOTERO, J. R. (orgs.). **Futebol Amador e Varzeano em Rio Claro**. Rio Claro, SP. Estúdio Panda Pix, 2014.

CÁRDENAS, R. N.; FREIRE, I. V.; PUMARIEGA, Y. N.; TORRES, C. D. P. **Análise dos espaços públicos de esporte e lazer: Um ensaio a partir da informação imagética**. Licere, Belo Horizonte, v.23, n.3, set/2020

CHEIBUB, Lucas de Carvalho. **Cultura em campo: entre o elitismo e a popularização do futebol (1897-1938)**. Revista Cantareira. Niterói, n. 27, p. 95-103, 2017.

Comitê Brasileiro de Clubes. **O que representa o segmento clubístico no Brasil?** Perguntas Frequentes. Disponível em: <https://www.cbclubes.org.br/governanca/perguntas-frequentes>. Acesso em: 2 mai. 2026

DAMO, A. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002 (coleção academia).

Domingos, N. **Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique.** Imprensa de Ciências Sociais: Lisboa. 2012.

DOMINGOS, R. V. **Além da exclusão: o futebol paulista e o Sport Club Corinthians Paulista (1910-1912)**. Humanidades em Diálogo, São Paulo, v. 9, p. 187-198, 2019

DOS ANJOS, J. L. **O "popular" no futebol do interior de São Paulo**. Revista Conexões v. 2, n. 2, 2004

DUPRAT, N.; DOWBOR, M. W.; HEIDRICH, R. O.; SANFELICE, G. R. **Elitização dos torcedores do futebol brasileiro: avanços e formas de resistências das torcidas do Sport Club Internacional (2003 – 2018)**. Contribuciones a Las Ciencias Sociales, São José dos Pinhais, v.17, n.12, p. 01-20, 2024

FERREIRA, B. R. T. LEÃO, A. L. M. S. PAIVA JÚNIOR, F. G. **Identificação e Diferença na Construção de Identidades Culturais de Torcedores Rivais dos Três Grandes Clubes da Cidade do Recife: Entre a Defesa e o Ataque em Interações Sociais Virtuais**. PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review. Vol. 3, N. 2. Julho/Dezembro. 2014

FERREIRA, Fernando da Costa. **Futebol de classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 90 - Noviembre de 2005. Disponível em: https://efdeportes.com/efd90/times.htm. Acesso em: 15. Abr. 2025

FISCHER, T. G. et al. **Como se aprende futebol: evidências da Pedagogia da Rua na história de vida de ex-jogadores profissionais**. Corpoconsciência, v. 27, p. 1-18, jan./dez. 2023.

FISCHER, T.; ORENGA SANDOVAL, G.; NOGUEIRA SILVA, L. F.; SCAGLIA, A. J. A **Pedagogia da Rua ainda existe? Investigando a cultura lúdica de jogadores(as) profissionais de futebol nascidos a partir dos anos 2000**. Movimento, v. 30, p. 1-15, 2024

GAFFNEY, Cristopher. Geography of sport. In: MAGUIRE, Joseph (ed.). **Social Sciences in Sport**. Loughborough: Human Kinetics, 2014. Cap. 6. p. 109-134.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Coleção L & PM Pocket v. 383, Porto Alegre. 2020

GARCEZ, F. T. C.; FREITAS, G. J. ; MARTINS, L. H. C. . **Cartografias urbanas, estádios e gestão de conflitos entre torcidas rivais: os casos de Recife e Fortaleza**. Revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes, v. 5, p. 79-96, 2020.

GLOBOESPORTE.COM. **Mapa revela os times mais curtidos do Brasil.** Globo Esporte, 25 set. 2015. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/noticia/2015/09/mapa-revela-times-mais-curtidos-do-brasil.html. Acesso em: 29 dez. 2025.

GOUVÊA, F. M. **Rio Claro/SP e a imigração europeia: Origens, olhares e culturas**. In: PERINELLI NETO, H., ed. Retalhos de experiências modernas: história, culturas e cidades no interior paulista – Primeira República [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2017, pp. 177-201

GOMES, P. C. da C. **Condição Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil : uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo. Contexto, 2009

HARVEY, D. **A Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992

HELEODORO, T. I. **A rua como espaço livre público.** In: COLÓQUIO QUAPÁ-SEL, 10., 2015, Brasília. Anais... Disponível em: http://quapa.fau.usp.br/wordpress/artigos-de-coloquio/. Acesso em: 7 mar. 2025.

HÖFIG, P.; BRAGUETTO, C. R. **Considerações sobre geografia e futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território**. Terra Plural, Ponta Grossa, v.7, n.1, p. 79-92, jan/jun. 2013

JUWER, V. V. e S. **Rivalidades esportivas e conflitos territoriais: Uma análise geográfica da relação entre política e futebol**. Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011. pp. 1-14

KUPPER, A. **O futebol no contexto dos espaços urbanos**. RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol, [S. l.], v. 17, n. 68, p. 296–307, 2025.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999

LORENA, E. R.. **Classes e contradições no urbano capitalista: fundamentos de uma especificidade histórica**. Lutas Sociais (PUCSP), v. 29, p. 90-101, 2012

MARICATO, E. **A Copa do Mundo no Brasil: O tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana**. In: JENNINGS, A. ; ROLNIK, R. ; LASSANCE, A. et al. Brasil

em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas? São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2014, p. 17-24.

MAGALHÃES, L. G.; TEIXEIRA, R. C. **Estádio, memória e direito à cidade: anotações em torno de um projeto de pesquisa**. Ludopédio, São Paulo, v. 180, n. 24, 2024.

MANTUAN, E. **Paulistão: histórias de cidades e times do interior são ligadas pela ferrovia**. Globo Esporte, Sorocaba, SP, 30 jan. 2015. Disponível em: https://ge.globo.com/sp/sorocaba/futebol/campeonato-paulista/noticia/2015/01/paulistao-historias-de-cidades-e-times-do-interior-sao-ligadas-pela-ferrovia.html. Acesso em: 28 fev. 2025

MASCARENHAS, F. **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer**. Tese de doutorado em Educação Física. Universidade de Campinas: Campinas, 2005.

MASCARENHAS, G. **O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios**. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 67-85

MASCARENHAS, G. **Várzeas, Operários e Futebol: uma outra Geografia**. GEOgraphia. Niterói, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2002.

MASCARENHAS, G. **Pacificação e exclusão: O estádio de futebol na produção da cidade-espetáculo**. In: Anais do XVI ENANPUR, 2015. Disponível em: https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/download/2260/2239. Acesso em: 26 fev. 2025.

MOURÃO, A. R. T. **As calçadas a partir de um aporte psico ambiental: usos, significados e apropriação do espaço público.** Tese doutoral. Programa Interdepartamental de Doctorado en Espacio Público y Regeneración Urbana: Art, Teoria y Conservación del Patrimonio de la Universidad de Barcelona. Barcelona, Setembro de 2014.

NASCIMENTO, J. F. **A mercantilização do futebol e a dupla alienação da classe trabalhadora**. Ludopédio, São Paulo, v. 183, n. 3, 2024.

NETO, J. J. F. KUSSAREV JR. **Almanaque do Futebol Paulista 2001**. São Paulo: Editora Panini, 2001

NETTO, A. V. NETO, S. S. HUNGER, D. A. C. F. **O Grêmio da Paulista e o lazer do ferroviário rio-clarense**. Motriz, Rio Claro, v.16 n.3 p.549-558, jul./set. 2010

NORMANN, T. C. **A Arena do Grêmio e o bairro Liberdade e sua relação com a financeirização da produção da metrópole de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado, UFRGS. Porto Alegre, 2020.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Levantamento sobre a diversidade no futebol brasileiro**. São Paulo: Observatório da Discriminação Racial no Futebol; Confederação Brasileira de Futebol (CBF); Fisia, 2023

O GLOBO. **Clube dos 13 foi fundado em 1987 para negociar direitos de transmissão e organizar Brasileiro**. Rio de Janeiro: O Globo, [s.d.]. Disponível em: https://oglobo.globo.com/esportes/clube-dos-13-foi-fundado-em-1987-para-negociar-direitos-de-transmissao-organizar-brasileiro-2819872
. Acesso em: 26 jan. 2025

OLIVEIRA, A. F. de. **Origem do futebol na Inglaterra e no Brasil**. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo, v.4, n.13, p.170-174. Set/Out/Nov/Dez. 2012.

OLIVEIRA do Ó, A. P. **MM Boxe: Ocupação, territorialização e resistência social em Rio Claro - SP**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2025.

OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. **Na "periferia" da quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola**. Pro-Posições. v. 25, n. 2 (74).p. 237-254. maio/ago. 2014

OLIVEIRA, D. A. M. GALLO, F.OLIVEIRA, M. H. R. OLIVEIRA, V. A. MORO, P. L. SITOLIN, V. C. ; RIBEIRO, F. O. M. . **Censo do bairro Jardim das Nações I**. 2026 (Relatório de Pesquisa).

PELLEGRIN, A. **Equipamento de lazer**. In: GOMES, C.L. (Org.). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 69-73

PEREIRA, B. H.; LEIBOVICI, S.; HASHIZUMI, N. **Os impactos da política pública e a ocupação das ruas para práticas de lazer e cultura na cidade de São Paulo**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São Paulo, n. 14, p. 214-243, jul. 2022

PIMENTEL, Á. **Brincadeiras de rua, convivência urbana e ecologia dos saberes**. Revista Brasileira de Educação, v. 20, n. 62, p. 563-584, jul./set. 2015

PUELHEZ, N. **Primórdios do futebol até a 2ª Guerra Mundial**. In: CAMPOS, M. T. de A. SOTERO, J. R. (orgs.). Futebol Amador e Varzeano em Rio Claro. Rio Claro, SP. Estúdio Panda Pix, 2014

RIBEIRO, R. R. **Consolidação do futebol em Belo Horizonte e as conexões de seu meio esportivo (1904-1921)**. FuLiA / UFMG, v. 1, p. 6-28, 2018

SALES, A. L. P.; ANDRADE, R. C. G.; MAIA, D. S. **A rua e a cidade de geografia: um exercício metodológico**. Cadernos do Logepa. João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 60-67, Jul/Dez. 2005.

SPAGGIARI, E.; SANTOS, A. L.; BONFIM, A. F. **Santa Marina, o circuito varzeano de SP e a preservação dos clubes esportivos populares**. Ludopédio, São Paulo, v. 172, n. 13, 2023.

ROCHA, B. R.; DELCONTI, W. L. **A relação entre o lazer e a qualidade de vida: Indicativos à atuação do profissional em educação física**. p 1-16. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/educacao_fisica_artigos/relacao_lazer_qualidade_vida.pdf. Acesso em: 6 mar. 2025

ROCHA, V. **Da teoria à análise: Uma introdução ao uso de entrevistas individuais semiestruturadas na ciência política**. Revista Política Hoje, [S. l.], v. 29, n. 1,p. 197-251, 2020.

SANCHES. S, M. RUBIO, K. **A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e resiliência**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 825-842, dez. 2011

SANTOS, A. L. BONFIM, A. SPAGGIARI, E. **Mapeamento do futebol de várzea de São Paulo (SP): Reflexões para processos de proteção ao patrimônio**. Revista Desenvolvimento Social, v. 28, p. 122-152, 2022.

SANTOS, J. M. C. M. **Urbanização, estádios de futebol e ditadura civil-militar: Possibilidades de investigação no acervo digital do Sian**. Espaços urbanos e metropolização no Brasil (1940-1970). Acervo, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2023

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e tempo, razão e emoção.** Editora Hucitec, São Paulo, 1996.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo, SP. Editora Edusp, 2007.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo, SP. Editora Edusp, 2013

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: EDUSP, 2004

SCHETINI, V. O. **Rádio e televisão: levando emoção ao torcedor de futebol**. 2006. 82 f. Projeto Experimental (Bacharelado em Comunicação Social –

Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

SELINGARDI-SAMPAIO, S. **O Passado e a Geografia: O Espaço Urbano de Rio Claro e os Testemunhos Concretos de Atividades Industriais Pretéritas.** Revista do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro, SP. Out. 2010

SEABRA, O. C. L. **Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão**. 2003. Tese (Livre-docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

SILVA, C. F. PEREIRA, E. L. MAZO, J. Z. **Clubes sociais: práticas esportivas e identidades culturais**. Licere, Belo Horizonte, v.15, n.2, jun/2012

SILVA, J. L. S. **O espaço do cidadão e os espaços da bola: futebol e Milton Santos**. Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 12, nº 25, 2025

SILVA, J. L. S.; OLIVEIRA, D. A. M. **Futebol e espaço urbano: uma análise da prática esportiva em relação ao direito à cidade em Santa Lúcia/SP**. In: V Congresso Brasileiro de Organização do Espaço, 2025, Rio Claro. Anais do V Congresso Brasileiro de Organização do Espaço. Rio Claro/SP: Biblioteca da UNESP de Rio Claro/SP, 2025. p. 1322-1334

SILVA, J. L. S. GOMES, M. A. S. **A produção do estádio "Uberabão": interesses, usos e apropriações face ao desenvolvimento do futebol em Uberaba-MG**. Élisée, Rev. Geo. UEG – Goiás. v.13, n.1. jan./dez. 2024

SILVA, J. L. S. OLIVEIRA do Ó O, A. P. **A várzea como identidade do espaço: O bairro Jardim Boa Vista e seu time amador como exercício da cidadania e identidade na cidade de Rio Claro/SP**. In: VIII Congresso Brasileiro de Geógrafas e Geógrafos, 2024, São Paulo, SP.. v. 1. p. 1-12

SILVA, J. L. S.; OLIVEIRA, D. A. M. . **A ida ao estádio ainda é lazer? A transição entre espaços população de lazer para espaços populares de consumo**. In: 2º Congresso Internacional e Multidisciplinar sobre o Urbano, 2026, Brasília. Anais Eletrônicos do 2º Congresso Internacional e Multidisciplinar sobre o Urbano. Brasília: UnB, 2026. v. 1. p. 1-16.

SILVA, J. C. da. **Bolas, brinquedos e jogos: Práticas de lazer e futebol na tradição dos Kaingáng da Terra Indígena Xapecó/SC**. 2014. 143 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SILVA, E. A. P. C. SILVA, P. P. C. CAMINHA, P. V. M. I. O. FREITAS, C. M. S. M. **Os Espaços de Lazer na Cidade.** Licere, Belo Horizonte, v.15, n.2, jun/2012

SILVA, P. P. C.; SILVA, G. M. O.; CARLOS, C. Ú. B.; ARAÚJO, L. A. P.; PESSOA, K. L. E. C.; MENDES, M. I. B. S. **Espaços e equipamentos de esporte e lazer: o cenário do estado do Rio Grande do Norte nas ações da Rede CEDES**. Licere, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 211-230, mar. 2019

SOARES, E. **A bola no ar: O rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus; 1994.

SOUSA, A. A. de. **Território e identidade: Elementos para a identidade territorial**. Caderno Prudentino de Geografia. n. 30. p. 119-132, 2007.

SOUZA, E. das D. de. **Futebol: Paixão, produto ou identidade cultural**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2013.

SPOSITO, M. E. B. **A produção do espaço urbano: Espaços, diferenças e desigualdades socioespaciais**. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2024.

STREAPCO, J. RÚBIO, K. **Hipóteses para a popularização do futebol em São Paulo (1894-1920)**. Revista de História do Esporte. v. 2, n. 1. jun. 2009.

STÉDILE, M. E. **Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação**. Espaço Plural • Ano XIV • Nº 29. . p. 15 - 44. 2013

TEIXEIRA, A. F. S. **LAZER NA CONTEMPORANEIDADE URBANA: INDUSTRIALIZAÇÃO, METRÓPOLE E A PRECONIZAÇÃO DO LAZER**. Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 416-433, Jan-Abr, 2018

TONINI, M. D. **Nos trilhos da bola: a relação entre ferrovia e futebol na cidade de Rio Claro**. In: CAMPOS, M. T. de A. SOTERO, J. R. (orgs.). Futebol Amador e Varzeano em Rio Claro. Rio Claro, SP. Estúdio Panda Pix, 2014

THOMASSIN, L. E. **Oferta de projetos sociais e a ação das crianças: a construção de uma experiência de infância "público-alvo"**. Civitas: Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 364-380, 2014.

TONINI, M. D. **Nos trilhos da bola: a relação entre ferrovia e futebol**. Ludopédio, São Paulo, v. 128, n. 12, 2020.

VALERIO, D. L; ALMEIDA, M. A. B. **O Estádio de Futebol: Perspectivas históricas, políticas e econômicas sobre este espaço de prática futebolística**. Revista brasileira de estudos do lazer, v. 3, p. 100-117, 2016

VIANA, V. N.; FECURY, A. A.; FREITAS, R. I. R. ; DENDASCK, C. V.; ARAUJO, M. H. M. ; SOUZA, K. O. ; SILVA, I. R. ; MOREIRA, E. C. M. ; MORAES, J. S. ; OLIVEIRA, E. ; DIAS, C. A. G. M. . **Quadras de esportes em condições de uso adequado no Brasil: influência no ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física (2015)**. RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT, v. 9, p. 1-14, 2020

VIANNA, A. P. **O Futebol como Meio para o Processo de Construção da Cidadania**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte, MG. Setembro, 2004.

ZHANG, D. **A Brief Analysis of British Football Culture from the Perspective of British Football**. International Journal of Novel Research in Humanity and Social Sciences. v. 7, p. 1-5.2020.